

Universidade Federal de Goiás
Faculdade de Artes Visuais
Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual

**LUTAR CONTRA
CERTAS IMAGENS
COM A AJUDA DE
OUTRAS IMAGENS:
HOMENS, MASCULINIDADES
E ENFRENTAMENTO À
VIOLÊNCIA DE GÊNERO**

Dissertação de Mestrado

Jocy Meneses dos Santos Junior

Orientadora:

Prof.^a Dr.^a Carla Luzia de Abreu

Coorientador:

Prof. Dr. Juan Sebastián Ospina Álvarez

Goiânia, 2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação Tese Outro*: _____

*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

2. Nome completo do autor

Jocy Meneses dos Santos Junior

3. Título do trabalho

LUTAR CONTRA CERTAS IMAGENS COM A AJUDA DE OUTRAS IMAGENS: HOMENS, MASCULINIDADES E ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA DE GÊNERO

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

- a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);
- b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Carla Luzia De Abreu, Professora do Magistério Superior**, em 26/02/2023, às 19:27, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Jocy Meneses Dos Santos Junior, Discente**, em 27/02/2023, às 10:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3550392** e o código CRC **16864B54**.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTE E CULTURA VISUAL

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**LUTAR CONTRA CERTAS IMAGENS COM A AJUDA DE OUTRAS IMAGENS:
HOMENS, MASCULINIDADES E ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA DE GÊNERO**

JOCY MENESES DOS SANTOS JUNIOR

Trabalho final de mestrado apresentado à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual – Mestrado, da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE EM ARTE E CULTURA VISUAL.

Área de Concentração: Artes, Cultura e Visualidades.

Linha de Pesquisa: Educação, Arte e Cultura Visual.

Orientação: Prof.^a Dr.^a Carla Luzia de Abreu.

Coorientação: Prof. Dr. Juan Sebastián Ospina Álvarez.

Goiânia

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Santos Junior, Jocy Meneses dos

Lutar contra certas imagens com a ajuda de outras imagens:
homens, masculinidades e enfrentamento à violência de gênero
[manuscrito] / Jocy Meneses dos Santos Junior. - 2023.
157 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Carla Luzia de Abreu; co-orientador Dr.
Juan Sebastián Ospina Álvarez.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás,
Faculdade de Artes Visuais (FAV), Programa de Pós-Graduação em Arte
e Cultura Visual, Goiânia, 2023.

Bibliografia. Anexos.

Inclui lista de figuras, lista de tabelas.

1. Cultura Visual. 2. Violência de Gênero. 3. Masculinidades. 4.
Grupo Reflexivo de Gênero. 5. Montagem. I. Abreu, Carla Luzia de,
orient. II. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE ARTES VISUAIS

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata nº 02/2023 da sessão de Defesa de Dissertação de **Jocy Meneses dos Santos Junior**, que confere o título de Mestre em Arte e Cultura Visual, na área de concentração em Artes, Cultura e Visualidades.

Aos vinte e sete dias do mês de fevereiro de dois mil e vinte e três, a partir das oito horas e trinta minutos, realizou-se por videoconferência, a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada "LUTAR CONTRA CERTAS IMAGENS COM A AJUDA DE OUTRAS IMAGENS: HOMENS, MASCULINIDADES E ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA DE GÊNERO". Os trabalhos foram instalados pela Orientadora, Professora Doutora Carla Luzia de Abreu (FAV/UFG) com a presença do Coorientador, Professor Doutor Juan Sebastián Ospina Álvarez (UEG) e com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professor Doutor Aldo Victório Filho (UERJ), membro titular externo; Professora Doutora Alice Fátima Martins (FAV/UFG), membro titular interno. Durante a arguição os membros da banca **não fizeram** sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido o candidato **aprovado** pelos seus membros. Proclamados os resultados pelo Professora Doutora Carla Luzia de Abreu, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, aos vinte e sete dias do mês de fevereiro de dois mil e vinte e três.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA

Sem sugestão de mudança.



Documento assinado eletronicamente por **Carla Luzia De Abreu, Professora do Magistério Superior**, em 27/02/2023, às 09:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Alice Fatima Martins, Professora do Magistério Superior**, em 27/02/2023, às 09:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Aldo Victorio Filho, Usuário Externo**, em 27/02/2023, às 09:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **JUAN SEBASTIÁN OSPINA ÁLVAREZ, Usuário Externo**, em 27/02/2023, às 09:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3524707** e o código CRC **5965F728**.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTE E CULTURA VISUAL

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**LUTAR CONTRA CERTAS IMAGENS COM A AJUDA DE OUTRAS IMAGENS:
HOMENS, MASCULINIDADES E ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA DE GÊNERO**

JOCY MENESES DOS SANTOS JUNIOR

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Carla Luzia de Abreu (Orientadora)
Universidade Federal de Goiás

Prof. Dr. Juan Sebastián Ospina Álvarez (Coorientador)
Universidade Estadual de Goiás

Prof.^a Dr.^a Alice Fátima Martins (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Goiás

Prof. Dr. Aldo Victorio Filho (Examinador Externo)
Universidade Estadual do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Elinaldo da Silva Meira (Suplente Interno)
Universidade Federal de Goiás

Prof.^a Dr.^a Rosane Preciosa Sequeira (Suplente Externa)
Universidade Federal de Juiz de Fora

Goiânia, 27 de fevereiro de 2023.

A todas as mulheres cis, trans e travestis
vítimas de feminicídio no Brasil (*in memoriam*)

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Maria, ao meu pai, Jocy, e à minha irmã, Hellenayra, por formarem essa rede de suporte que nunca me faltou.

À minha orientadora, Carla, e ao meu coorientador, Juan, pela acolhida carinhosa, pela dedicação e pelo olhar cuidadoso. Sem as contribuições de vocês, esse trabalho não existiria.

À Turíbio, pelo convívio nos últimos dois anos. Sou muito grato por poder conversar e aprender com você, não só sobre as questões que atravessam esse trabalho, mas sobre a vida.

À professora Alice, ao professor Aldo, por terem aceitado ler esta dissertação e participar da banca examinadora que a avaliou.

À professora Alice (mais uma vez) e ao professor Lutiere, pela participação na banca examinadora de Qualificação e por seus comentários e contribuições.

Aos participantes do grupo formado por ocasião da pesquisa, por dedicarem seu tempo e por compartilharem suas ideias nessa luta contra certas imagens com a ajuda de outras imagens.

À FAPEG, pelo financiamento ao projeto de pesquisa que culminou nessa dissertação. Em tempos tão difíceis para a educação, esse amparo foi fundamental para seguir em frente.

À professora Cristina, que me ajudou a encontrar esse caminho de pesquisa, sobre gênero e violência, e também a me encontrar nele.

À Elidayana, artista, educadora e amiga, pelas muitas trocas de imagens e ideias que contribuíram com a construção desse trabalho.

Às amigas que fui fazendo pelos caminhos que trilhei e que estiveram ao meu lado nessa jornada: Heide, Jarlisse, Joseane, Conceição, Julia, Julliany, Renata, Bianca e César.

“O mundo é um quebra-cabeça, e
não podemos montá-lo sozinhos”.

Lemony Snicket

RESUMO

A partir do reconhecimento de que as visualidades exercem papéis pedagógicos no que tange ao gênero, nesta dissertação propõe-se o lançamento de olhares problematizadores sobre elas, com a expectativa de ajudar a desestabilizar normativas e imaginários que fomentam e sustentam a prática de violências contra as mulheres, com especial atenção aos papéis desempenhados pelos homens (enquanto sujeitos) e pelas masculinidades (enquanto construção social) nesse fenômeno. Por meio do desenvolvimento de uma ação pedagógica, voltada ao trabalho junto a um grupo reflexivo de gênero constituído por homens, investigou-se as contribuições das imagens para a problematização das masculinidades e de seus laços com a violência. Foi utilizada a montagem como recurso pedagógico, com amparo conceitual na obra de Georges Didi-Huberman, para analisar o potencial da reunião de imagens e da reflexão sobre elas no fomento de discussões que evidenciassem o despontar de um pensamento crítico acerca do que as visualidades ensinam sobre gênero, com foco nas formas pelas quais elas podem ajudar a construir e a desconstruir ideias e práticas violentas. A pesquisa foi conduzida por meio de uma revisão de literatura, realizada a partir dos estudos de gênero e da cultura visual, e de encontros com um grupo reflexivo, composto por 5 participantes que se auto identificam como homens. A partir da produção coletiva de montagens como dispositivo gerador das reflexões, foi possível perceber o engajamento desses homens em um pensamento sobre as visualidades que compreende que elas servem tanto para perpetuar a ordem de gênero que gera violências, quanto para promover rupturas com ela. As falas dos participantes apontaram para um descontentamento com certas imagens sobre as masculinidades, que em suas trajetórias de vida ocasionaram contenção e repressão, e o interesse por outras imagens, que constroem espaços para a experimentação de possibilidades de ser e viver. Alguns homens que participaram do grupo demonstraram dificuldades e dúvidas em certos momentos sobre a complexidade do fenômeno da violência de gênero, bem como acerca de suas implicações nele e do que podem fazer para colaborar com na luta contra ele. Isso, ao contrário de afastá-los das discussões, foi explorado no debate com o grupo, criando oportunidades para problematizar certas ideias e construir, coletivamente, caminhos para o pensamento e a ação. Os membros do grupo demonstraram interesse em seguir aprofundando as suas reflexões sobre o tema, o que serve de indicativo de que essa ação educativa pode ter sido um passo rumo a outras experiências, por meio das quais continuem se engajando no enfrentamento à violência de gênero.

Palavras-chave: Cultura Visual; Violência de Gênero; Masculinidades; Grupo Reflexivo de Gênero; Montagem.

ABSTRACT

Based on the understanding that visualities play pedagogical roles with regard to gender, in this dissertation it is proposed the development of a problematizing way of looking at them, in order to help destabilize norms and imaginaries that foster and sustain the practice of violence against women, with special attention to the roles played by men (as individuals) and by masculinities (as a social construction) in this phenomenon. Through the development of a pedagogical activity, focused on working with a gender reflective group of men, we investigated the contributions of images to the problematization of masculinities and their ties to violence. The montage was used as a pedagogical resource, with conceptual support in the work of Georges Didi-Huberman, to analyze the potential of gathering images and reflecting on them to foster discussions that would demonstrate the development of critical thinking on what visualities teach about gender, with a focus on the ways in which they can help construct and deconstruct violent ideas and practices. The research was conducted through a literature review, based on gender and visual culture studies, and meetings with a reflective group, composed of 5 participants who self-identify as men. Through the collective production of montages as a device to generate reflections, it was possible to perceive the engagement of these men in a thinking about visualities that understands that they serve both to perpetuate the gender order that generates violence, and to promote ruptures with it. The speeches of the participants pointed to a discontent with certain images about masculinities, which in their life trajectories have caused contention and repression, and an interest in other images, which build spaces for experimentation with possibilities of being and living. Some men who participated in the group demonstrated difficulties and doubts at certain moments regarding the complexity of the phenomenon of gender violence, as well as their implications in it and what they can do to collaborate in the fight against it. This, instead of keeping them away from the discussions, was explored in the debate with the group, creating opportunities to problematize certain ideas and collectively build pathways for thought and action. The members of the group showed interest in continuing to deepen their reflections on the theme, which serves as an indication that this educational action may have been a step towards other experiences, through which they may continue to engage in confronting gender violence.

Keywords: Visual Culture; Gender Violence; Masculinities; Gender Reflective Group; Montage.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Capa do livro <i>Marcadas a ferro</i>	17
Figura 2 - <i>Apolo e Dafne</i> (1622-1625), de Gianlorenzo Bernini.....	18
Figura 3 - Capturas de tela do 26º episódio da 5ª temporada do desenho animado <i>Os Jovens Titãs em Ação!</i> , intitulado <i>Esses meninos soviéticos</i>	50
Figura 4 - Páginas 44 e 45 do livro <i>Modos de ver</i> , de John Berger.....	61
Figura 5 - Páginas 78 e 79 do livro <i>Modos de ver</i> , de John Berger.....	62
Figura 6 - Páginas 35 e 36 do livro <i>Encounters in the virtual feminist museum</i> , de Griselda Pollock	64
Figura 7 - Fragmento do painel III da obra <i>Some Faggy Gestures</i> (2007), de Henrik Olesen.....	65
Figura 8 - Fragmento do painel II da obra <i>Some Faggy Gestures</i> (2007), de Henrik Olesen.....	67
Figura 9 - <i>Sem título</i> (c. 1980-2009), de Hudinilson Jr.	70
Figura 10 - Páginas do <i>Caderno de referência 70</i> (c. 2000), de Hudinilson Jr.	70
Figura 11 - <i>Sem título</i> (2019), de Elidayana Alexandrino	72
Figura 12 - <i>Sem título</i> (2018), de Elidayana Alexandrino	73
Figura 13 - <i>Sem título</i> (2021), de Elidayana Alexandrino	74
Figura 14 - <i>Sem título</i> (2021), de Elidayana Alexandrino	74
Figura 15 - <i>Sem título</i> (2018), de Elidayana Alexandrino	75
Figura 16 - <i>Sem título</i> (2021), de Elidayana Alexandrino	75
Figura 17 - Imagem que acompanhava o primeiro convite para participação no grupo	82
Figura 18 - Imagem que acompanhava o segundo convite para participação no grupo	82
Figura 19 - Meme sobre personagens da novela <i>Pantanal</i>	86
Figura 20 - Tirinha do cartunista Lafa.....	87
Figura 21 - Acróstico de Jessica Serra.....	88
Figura 22 - Montagem 1: Que imagens nos constroem?	92
Figura 23 - Montagem 2:Que ideias sobre gênero as imagens produzem e reproduzem?	97
Figura 24 - Montagem 3: Quais as relações existentes entre as imagens e a violência de gênero?	109
Figura 25 - Montagem 4: Como as imagens contribuem para a construção de “outras” masculinidades, não violentas e contra a violência de gênero?	119

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Caixa dos homens.....	28
Tabela 2 - Pesquisas sobre grupos reflexivos com homens autores de violência contra mulheres	41
Tabela 3 - Pesquisas sobre estratégias de prevenção à violência de gênero	43
Tabela 4 - Pesquisas sobre grupos de homens, sem vínculo direto à temática da violência de gênero	44
Tabela 5 - Pesquisas que abordam masculinidades a partir de artefatos visuais	46

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	13
Breves notas sobre o autor	16
Estrutura da dissertação	20
1 PANO DE FUNDO	22
2 QUESTÕES MOTIVADORAS	27
2.1 Por que a violência de gênero é assunto de homem?	27
2.2 Como desatar o nó entre “masculinidade” e violência?	31
2.3 E as imagens, o que têm a ver com tudo isso?	36
3 ESTADO DA ARTE	40
4 PENSANDO SOBRE E COM A MONTAGEM	47
4.1 O que é montagem?	52
4.2 Montagem e gênero: alguns estudos de caso	60
5 MONTANDO E DESMONTANDO IMAGENS E IDEIAS	77
5.1 Sobre a montagem do grupo e do planejamento	81
5.2 Entre dez olhos, dez mãos, cinco bocas, dez ouvidos e cinco cérebros ..	89
6 A MONTAGEM NÃO TEM FIM	133
REFERÊNCIAS	137
ANEXOS	147
Anexo 1 - Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa ..	147
Anexo 2 - Convite para participantes	151
Anexo 3 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	154

Apresentação

A presente dissertação é culminância do projeto de pesquisa *Lutar contra certas imagens com a ajuda de outras imagens: cultura visual e o enfrentamento à violência de gênero junto a um grupo de homens*, desenvolvido no âmbito da Linha C – Educação, Arte e Cultura Visual do Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual (PPGACV), vinculado à Faculdade de Artes Visuais (FAV) da Universidade Federal de Goiás (UFG). O projeto foi conduzido por mim, Jocy Meneses dos Santos Junior, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Carla Luzia de Abreu e coorientação do Prof. Dr. Juan Sebastián Ospina Álvarez. Esta pesquisa contou com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG).

O objetivo geral desta pesquisa foi desenvolver uma ação pedagógica, que engajasse um grupo formado por homens em discussões interessadas na problematização dos modos pelos quais as visualidades contribuem para construir ou desconstruir normativas de gênero que fomentam violências. Para o alcance desse objetivo, traçamos como objetivos específicos: (i) mapear discussões teóricas sobre os estudos de gênero e da cultura visual que ajudassem a problematizar violências gendradas, físicas e simbólicas; (ii) investigar estratégias pedagógicas em um grupo formado por homens, com atenção ao papel das visualidades na construção e desconstrução de estereótipos de gênero e das violências deles decorrentes; (iii) analisar as discussões e produções visuais desenvolvidas nos encontros com o grupo formado para o desenvolvimento da pesquisa.

Desde o mês de março do ano de 2021, quando se efetivou meu vínculo ao PPGACV/FAV/UFG, estive engajado em reflexões sobre as relações entre cultura visual e questões de gênero, especificamente no tocante às masculinidades e às violências. Desse processo, culminaram os seguintes desdobramentos:

- A coorientação, junto à Prof.^a Dr.^a Carla Luzia de Abreu, de Marcus Turíbio, discente na Licenciatura em Artes Visuais (FAV/UFG), no Projeto de Iniciação Científica *Desconstruindo visualidades que perpetuam violências de gênero na universidade* (2021-2022) e no Trabalho de Conclusão de Curso *Confrontar complexos de visualidade patriarcais: a montagem de imagens e masculinidades com estudantes de Licenciatura em Artes Visuais* (2022);

- A participação, em 10 de setembro de 2021, no *I Fórum Interno de Educação, Arte e Cultura Visual* (realizado pela Linha C do PPGACV/FAV/ UFG) para o qual foi preparado o resumo expandido *Como engajar os homens no combate às violências de gênero? Uma proposta educativa a partir da cultura visual*, publicado no caderno de resumos do evento¹;
- A apresentação, em 29 de setembro de 2021, da comunicação oral *Possibilidades pedagógicas a partir da cultura visual para mobilizar os homens no enfrentamento à violência de gênero*, no *30º Encontro Nacional da ANPAP* (realizado pela Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas), em parceria com o Prof. Dr. Juan Sebastián Ospina Álvarez, com publicação de artigo nos anais do evento²;
- A apresentação, em 8 de novembro de 2021, da comunicação oral *A pedagogia freireana e o enfrentamento à violência de gênero: mobilizando homens a partir da cultura visual*, na *Conferência de Estudantes Os Pensamentos de Paulo Freire na Atual Pesquisa na Educação* (realizado pela Cambridge University e pela Universidade Emancipa), em parceria com Marcus Turíbio e a Prof.^a Dr.^a Carla Luzia de Abreu;
- A apresentação, em 16 de novembro de 2021, da comunicação oral *A montagem como recurso para promover disrupções em contextos educativos: cultura visual, gênero e sexualidade*, no *IV Seminário Internacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual* (realizado pela Universidade Federal de Goiás e pela Universidad de la República, Uruguay), em parceria com a Prof.^a Dr.^a Carla Luzia de Abreu, com publicação de artigo nos anais do evento³;
- A palestra *A (des)legitimação das violências de gênero por meio de imagens*, proferida em 27 de novembro de 2021, no âmbito do projeto de

¹ SANTOS JUNIOR, Jocy. Como engajar os homens no combate às violências de gênero? Uma proposta educativa a partir da cultura visual. *In: FÓRUM INTERNO DE EDUCAÇÃO, ARTE E CULTURA VISUAL*, 1., 2021, Goiânia. **Caderno de resumos** [...]. Goiânia: PPGACV/UFG, 2022. p. 54-57.

² SANTOS JUNIOR, Jocy; OSPINA ÁLVAREZ, Juan. Possibilidades pedagógicas a partir da cultura visual para mobilizar os homens no enfrentamento à violência de gênero. *In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS*, 30., 2021, João Pessoa. **Anais** [...]. João Pessoa: ANPAP, 2021. n.p.

³ SANTOS JUNIOR, Jocy; ABREU, Carla. A montagem como recurso para promover disrupções em contextos educativos: cultura visual, gênero e sexualidade. *In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISA EM ARTE E CULTURA VISUAL*, 4., 2021, Goiânia. **Anais** [...]. Goiânia: UFG, 2022. p. 225-234.

extensão *Nós por elas: prevenção e enfrentamento à violência de gênero* (organizado pelo curso de Bacharelado em Direito da Universidade Federal de Goiás – Campus Goiás);

- A apresentação, em 14 de dezembro de 2021, da comunicação oral *A abordagem das violências de gênero junto a grupos de homens: uma possibilidade pedagógica a partir da práxis freireana e da cultura visual*, no *Congresso Internacional Paulo Freire: Um Centenário de Atualidade* (realizado pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias), em parceria com Marcus Turíbio e a Prof.^a Dr.^a Carla Luzia de Abreu;
- A publicação, em fevereiro de 2022, do capítulo *Desenhos animados como tecnologias de gênero: (des)construindo masculinidades*⁴, escrito em parceria com Marcus Turíbio e Julia Moreira Guimarães, no livro *É de menina ou menino? Imagens de gêneros, sexualidades e educação*, organizado pelo Prof. Dr. João Paulo Baliscei;
- A palestra *Desenhos animados como tecnologias de gênero: (des)construindo masculinidades*, proferida junto a Marcus Turíbio e Julia Moreira Guimarães em 31 de março de 2022, no *IV Ciclo de Debates do Grupo de Pesquisa em Arte, Educação e Imagens* (realizado pela Universidade Estadual de Maringá);
- A mediação da roda de conversa *Montar imagens das masculinidades para desmontar a violência de gênero*, em 3 de Setembro de 2022, no 2º Colóquio de Masculinidades (realizado pela Universidade Nove de Julho), em parceria com Marcus Turíbio;
- A publicação, em novembro de 2022, do artigo *Cultura visual, violência de gênero e masculinidades: entrecruzamentos e possibilidades pedagógicas*⁵, e de sua tradução para o inglês, *Visual culture, gender violence and masculinities: intersections and pedagogical possibilities*⁶, na

⁴ TURÍBIO, Marcus; GUIMARÃES, Julia; SANTOS JUNIOR, Jocy. Desenhos animados como tecnologias de gênero: (des)construindo masculinidades. In: BALISCEI, João Paulo (org.). *É de menina ou menino? Imagens de gêneros, sexualidades e educação*. Curitiba: Bagai, 2022. p. 193-206.

⁵ ABREU, Carla; SANTOS JUNIOR, Jocy. Cultura visual, violência de gênero e masculinidades: entrecruzamentos e possibilidades pedagógicas. *Vista*, Braga, v. 10, e022012, 2022.

⁶ ABREU, Carla; SANTOS JUNIOR, Jocy. Visual culture, gender violence and masculinities: intersections and pedagogical possibilities. *Vista*, Braga, v. 10, e022012, 2022.

revista *Vista* (organizada na Universidade do Minho), em coautoria com a Prof.^a Dr.^a Carla Luzia de Abreu;

- A apresentação, em 23 de novembro de 2022, do poster *Desconstruindo visualidades que perpetuam violências de gênero na universidade*, no 19º Congresso de Pesquisa, Ensino e Extensão (realizado pela Universidade Federal de Goiás), por Marcus Turíbio, com orientação da Prof.^a Dr.^a Carla Luzia de Abreu e coorientação de Jocy Meneses dos Santos Junior.

O conjunto dessas experiências informou a produção desta dissertação, à medida em que foi possível intensificar o trabalho com os temas e procedimentos em torno dos quais o projeto gravitou, viabilizando, assim, a reflexão a respeito de possibilidades, desafios e potencialidades do trabalho sobre gênero e violência junto a grupos constituídos por sujeitos que se auto identificam como homens.

Outra oportunidade de refletir sobre o trabalho em desenvolvimento foi a banca de qualificação, realizada em 2 de junho de 2022, com a participação da Prof.^a Dr.^a Alice Fátima Martins e do Prof. Dr. Lutiere Dalla Valle como examinadores e arguidores. Nesta ocasião, foram discutidas versões preliminares dos capítulos 1, 2, 3 e 4 da dissertação. As ponderações e sugestões da banca motivaram uma expansão nos modos de pensar sobre certas questões e, conseqüentemente, ocasionaram a reescrita e reorganização de partes do texto. Entre cortes, acréscimos e deslocamentos, se deu a montagem da versão final aqui apresentada.

Breves notas sobre o autor

Antes de adentrar à dissertação, passo a traçar algumas linhas sobre o pesquisador que a escreveu, como forma de apresentar a quem está lendo o percurso pessoal que motivou a realização desse trabalho.

Sou um homem cuja masculinidade sempre foi questionada e posta em xeque, de formas que muitas vezes causaram sofrimento. A não-conformidade ao papel social que de mim era esperado por ter “nascido” um homem se tornou evidente desde muito cedo, uma vez que meus comportamentos e gostos destoavam daqueles dos demais meninos. Durante meu desenvolvimento, havia

uma noção clara ao meu redor do que era um “homem de verdade”, espalhada por toda parte, e eu, internamente, percebia que não correspondia às expectativas, e me culpava por isso. Diversas instâncias me instavam a me adequar a esse ideal. Dentre elas, as visualidades. Os homens das imagens que eu via não podiam ser mais diferentes de mim. Seus corpos, suas posturas, suas atitudes, tudo neles instituíam uma ideia de masculinidade que na minha cabeça era inexecutável. Mesmo assim, parecia que aquela era a única forma possível de ser homem, e a adequação seria o caminho certo a seguir. A escolha de pela não-conformidade implicou em punições diversas e dolorosas.

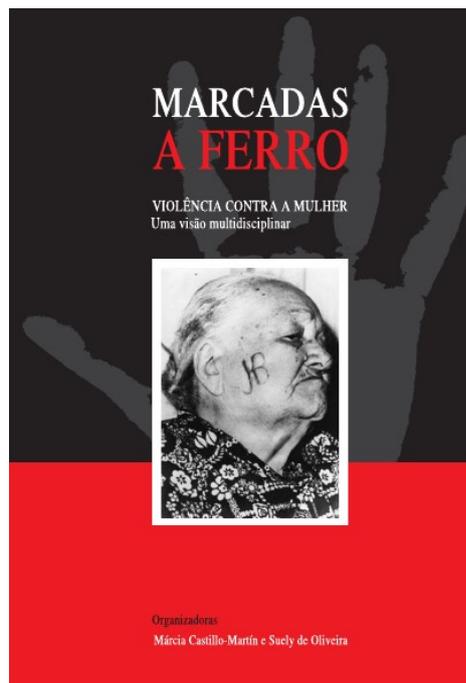


Figura 1 - Capa do livro *Marcadas a ferro*
Fonte: Castillo-Martín e Oliveira (2005)

Desde 2015, por ocasião do contato com o livro *Marcadas a ferro*, organizado por Márcia Castillo-Martín e Suelly de Oliveira (2005), me senti impelido a pensar sobre a relação entre imagem, gênero e violência. À época, estudante do curso de Graduação em Design da Universidade Federal do Maranhão, recebi da Prof.^a Dr.^a Maria Cristina Bunn a missão de elaborar um seminário a partir de um dos textos que compõem a obra, de autoria de Márcia Castillo-Martín (2005). Neste capítulo, a autora reúne imagens da publicidade, da fotografia de moda e da arte para discutir,

nelas, o “uso esteticista da violência contra as mulheres” (p. 139, tradução nossa⁷). Recebi as imagens reunidas pela autora com espanto, e, em preparação ao referido seminário, busquei por outras, encontrando uma porção delas. Essa estetização de violências – simbólicas e físicas – contra mulheres, estava por toda parte. A partir do desconforto gerado por esta experiência, construí meu interesse pelos temas em torno dos quais minhas pesquisas gravitam até hoje.



Figura 2 - *Apolo e Dafne* (1622-1625), de Gianlorenzo Bernini
 Fonte: <https://commons.wikimedia.org>

Anos depois, em 2019, movido, sobretudo, pelo incômodo diante da escultura *Apolo e Dafne*⁸, de Gianlorenzo Bernini, comecei a pesquisar sobre as questões de gênero no campo da arte, com ênfase no tema da violência. Foi possível, a partir dessas pesquisas⁹, reunir uma coleção estarrecedora de obras que estetizam essas violências e de nomes de artistas consagrados dentro da História da Arte canônica

⁷ No original: “uso esteticista de la violencia contra las mujeres” (CASTILLO-MARTÍN, 2005, p. 139).

⁸ Obra que esteve na capa da monografia *As imagens dos corpos e os corpos das imagens*, apresentada ao curso de Design da Universidade Federal do Maranhão (SANTOS JUNIOR, 2017), e que discuti posteriormente no artigo intitulado *Gritos silenciados: violência contra a mulher na obra de Gianlorenzo Bernini* (SANTOS JUNIOR, 2019).

⁹ Culmina dessas pesquisas o trabalho de conclusão de curso apresentado à Especialização em Arte, Mídia e Educação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão, *Discutindo questões de gênero em contextos educativos através da arte: estereótipos, violências e resistências* (SANTOS JUNIOR, 2021a).

que estavam, eles mesmos, envolvidos na prática de atos violentos contra mulheres. Apesar disso, grande parte dos discursos sobre a arte revestem ambos, obras e artistas, de uma aura de inquestionabilidade, como se fosse preciso reverenciá-los apesar de tudo.

Desde 2020, a partir dessas pesquisas, tomei parte no delineamento e na execução de uma série de oficinas, cursos e palestras sobre gênero e violência a partir da arte que percorreram (digitalmente, devido à pandemia) estados como Maranhão, Ceará, Pernambuco, Piauí, Rondônia, Paraná e São Paulo¹⁰. Nessas ações, tive a oportunidade de discutir com as pessoas participantes sobre os modos pelos quais as violências contra mulheres são banalizadas em discursos, práticas e imagens da arte e de seu sistema. Foi possível perceber como a abordagem desse tema a partir da arte, supostamente “inofensiva”, surpreendia e chocava quem delas participava. Violência de gênero? Nas obras de Bernini e Rubens? Nas biografias de Picasso e Dalí? Parecia ocorrer um verdadeiro descortinar de olhares, do qual emergiam, na maior parte das vezes, indignação e repúdio.

Me encontrar no lugar de um homem que reivindica a palavra para falar sobre a violência de gênero era uma situação curiosa, sobretudo tendo em vista que as participantes dessas ações eram, majoritariamente, mulheres. Imperava uma sensação de estar “pregando às convertidas”. Uma pergunta ecoava em minha cabeça: onde estão os outros homens?

Ainda que desvie às normas que a cultura e suas imagens legitimam, me construí um homem. E, como homem, não posso (nem pretendo) afirmar que sei como são as experiências das mulheres em nossa sociedade, mas isso não me exime de tentar contribuir para as discussões necessárias sobre o tema das violências que as vitimam. Djamila Ribeiro¹¹ (2020, p. 83) explica que não podemos

¹⁰ Alguns relatos de experiências nessas oficinas, cursos e palestras são discutidos nos artigos *Desanuviando olhares frente às discriminações e violências contra mulheres a partir da arte* (a ser publicado no livro *Sistema de Justiça, Gêneros e Diversidades*) e *Problematizando gênero a partir da arte: ações educativas para o combate a discriminações e violências contra mulheres* (SANTOS JUNIOR; SILVA, 2021).

¹¹ Na construção desta dissertação, fiz um esforço para que a luta contra a violência não fosse realizada apenas no plano da teoria, mas também na prática. Por isso, realizei buscas sobre os e as autoras antes de incluir suas obras no trabalho, tentando evitar ao máximo dar um lugar nessas páginas a pessoas sobre as quais recaíssem acusações de terem protagonizado algum caso de violência. Por exemplo, não me furtei em deixar de lado certos trabalhos considerados basilares para os estudos de gênero e das masculinidades, em decorrência de acusações de abuso e transfobia que pesam contra seus autores e suas autoras. Esta menção à filósofa brasileira Djamila Ribeiro foi escrita antes dela se manifestar, por meio de um artigo e de postagens nas redes sociais, contra o

confundir “lugar de fala” com “desresponsabilização”, uma vez que “falar a partir de lugares é também romper com essa lógica de que somente os subalternos falem de suas localizações, fazendo com que aqueles inscritos na norma hegemônica nem sequer se pensem”.

Desse modo, esta pesquisa foi movida pela convicção de que posso e preciso me juntar a outros homens para pensarmos sobre o que nossa inserção em uma cultura (visual) cisheterossexista significa e como ela nos engendra de forma violenta, ao mesmo passo em que atribui a nós o exercício da violência como um direito e um dever.

Estrutura da dissertação

No primeiro capítulo, *Pano de fundo*, são elencados questionamentos que ajudam a pensar sobre os temas pesquisados. Este capítulo comporta discussões sobre gênero e cultura visual, compreendendo as imagens enquanto portadoras de discursos que produzem e reproduzem ideias e ideais, que podem tanto normalizar práticas violentas quanto ser insubmissas a elas, considerando a importância dessas visualidades, sobretudo, para a socialização masculina.

O segundo capítulo, *Questões motivadoras*, aborda a violência de gênero e os modos pelos quais os homens (enquanto sujeitos) e as masculinidades (enquanto construção social) estão implicados nesse fenômeno. São assentadas as bases conceituais e metodológicas para o desenvolvimento do trabalho junto a um grupo

uso da expressão “mulheres que menstruam”, ocasião na qual muitas pessoas trans se sentiram violentadas pelas palavras da autora. Entretanto, em vez de deletar sua citação neste texto e “cancelar” a autora (como ela reclamou que supostamente estaria acontecendo), optei por tentar realizar um exercício diferente, aproveitando este espaço para incluir referências que redirecionam a respostas ao texto de Djamila, nas quais é travada uma luta contra *certas* ideias com a ajuda de *outras* ideias:

JESUS, Jaqueline; PIRES, Luanda; IOTTI, Paulo. Sobre o direito à saúde das pessoas que menstruam. **Migalhas**, 7 dez. 2022. Um diálogo com Djamila Ribeiro. Disponível em: <https://www.migalhas.com.br/depeso/378219/sobre-o-direito-a-saude-das-pessoas-que-menstruam>. Acesso em 16 jan. 2023.

KAAS, Hailey. Respondendo à Djamila Ribeiro: eu também sou uma mulher. **Transfeminismo**, 2 dez. 2022. Disponível em: <https://transfeminismo.com/respondendo-a-djamila-ribeiro-eu-tambem-sou-uma-mulher>. Acesso em 16 jan. 2023.

RODRIGUES, Mari. Djamila Ribeiro, eu não menstruo e sou mulher, e aí? **UOL**, 10 dez. 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/colunas/mari-rodriques/2022/12/10/djamila-ribeiro-eu-nao-menstruo-e-sou-mulher-e-ai.htm>. Acesso em 16 jan. 2023.

de homens, realizado com o objetivo de fomentar reflexões e discussões sobre a violência de gênero e, desse modo, contribuir para a superação desse grave problema social.

O terceiro capítulo, *Estado da arte*, é um levantamento dos trabalhos desenvolvidos a nível de Pós-Graduação no Brasil, entre os anos de 2018 e 2022, que abordam um ou mais dos seguintes temas: masculinidades, violências e visualidades. O levantamento foi realizado a partir de consultas aos acervos da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações e do Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES.

No quarto capítulo, *Pensando sobre e com a montagem*, é discutido o procedimento da montagem, tomado a partir do pensamento de Georges Didi-Huberman, e explorado nos encontros com o grupo junto ao qual o trabalho de campo foi desenvolvido. São abordados exemplos, oriundos de livros de John Berger e Griselda Pollock e de obras de Henrik Olesen, Hudinilson Jr. e Elidayana Alexandrino, buscando perceber como as montagens produzidas por eles e elas ajudam a pensar sobre gênero e violência.

O quinto capítulo, *Montando e desmontando imagens e ideias*, apresenta a estratégia pedagógica desenvolvida para o trabalho junto ao grupo de homens formado para a pesquisa. Para isso, primeiramente é realizada a descrição do plano de trabalho e, em seguida, são apresentados relatos das discussões ocorridas em grupo e a análise e reflexão sobre os resultados obtidos através da aplicação da ação pedagógica desenvolvida.

O sexto capítulo, *A montagem não tem fim*, apresenta um panorama geral dos percursos trilhados e percalços enfrentados no desenvolvimento desta dissertação, com foco especial na confrontação entre os resultados e o planejamento que havia sido delineado, bem como nos desdobramentos possíveis para pesquisas futuras.

1 Pano de fundo

Toda montagem é desenvolvida sobre um pano de fundo. No caso desta, ela culmina do projeto de pesquisa *Lutar contra certas imagens com a ajuda de outras imagens: cultura visual e o enfrentamento à violência de gênero junto a um grupo de homens*, que almejou a construção e aplicação de uma estratégia pedagógica que mobilizasse e engajasse os homens, a partir do trabalho com imagens, em reflexões e discussões sobre as violências embasadas no gênero. A inspiração para esse trabalho é oriunda das palavras que Georges Didi-Huberman (2018b, p. 224-225) tece acerca do trabalho desenvolvido pelo historiador da arte Aby Warburg, dentro do contexto de guerra europeu, na transição entre os séculos XIX e XX:

[Warburg] tentava situar seu trabalho sobre o plano de uma luta com as ideias: uma luta contra certas ideias (as que dirigem o homem contra o homem, as que querem fechar as fronteiras, cavar trincheiras, erguer linhas de frente) com ajuda de outras ideias (reabrir metodicamente as fronteiras, reconhecer a porosidade das culturas, reivindicar a perpétua “migração” do espírito). [...] “A luta com as ideias” não acontecia [...] sem uma luta com as imagens: uma luta contra certas imagens (propaganda, mentira, antissemitismo) com a ajuda de outras imagens (sobrevivências, comparações, desconstruções da ideologia).

Esta pesquisa buscou explorar o potencial dessa luta *contra* certas imagens *com a ajuda* de outras imagens no combate às violências de gênero. O trabalho apresentado nas páginas que se seguem parte da premissa de que, se há em curso uma “guerra contra as mulheres”, como propõe Rita Segato (2016) e retoma Verónica Gago (2020) – e contra todas as outras pessoas que desviam às normas impostas pelo regime cisheterossexista¹²–, ela está também amparada em imagens que constroem e desconstroem as normas de gênero, e pode ser combatida através do desenvolvimento de uma postura crítica diante dessas visualidades e de seus discursos. Para promover essa luta entre imagens contraditórias, recorreremos ao conceito de “montagem” proposto por Georges Didi-Huberman.

Este trabalho parte de uma abordagem pós-estruturalista, a qual ampara o desenvolvimento dos estudos de gênero e da cultura visual, para investigar as relações entre visualidades, masculinidades e violências.

¹² Termo aqui adotado para evidenciar que o gênero não desencadeia violências físicas e simbólicas apenas contra mulheres cisgênero, mas também contra todas as outras pessoas cuja identidade de gênero ou orientação sexual não se adequam à “ordem compulsória do sexo/gênero/desejo” (BUTLER, 2020, p. 25) que vigora em sociedades como a nossa.

Compreendemos gênero como uma categorização socialmente construída que opera, em nível *coletivo*, no estabelecimento e na manutenção de normas que instituem padrões e dissidências, bem como expectativas e possibilidades, e, em nível *individual*, na produção de corpos, subjetividades e identidades. Isso não significa que esses dois níveis estejam dissociados um do outro. Pelo contrário, eles se influenciam mutuamente, se interpenetram de tal modo a serem indissociáveis. Judith Butler (2018, p. 39-40) evidencia, a partir da discussão sobre a *performatividade* de gênero, as relações entre esses níveis:

Dizer que o gênero é performativo é dizer que ele é um certo tipo de representação; o “aparecimento” do gênero é frequentemente confundido com um sinal de sua verdade interna ou inerente; o gênero é induzido por normas obrigatórias que exigem que nos tornemos um gênero ou outro (geralmente dentro de um enquadramento estritamente binário); a reprodução do gênero é, portanto, sempre uma negociação com o poder; e, por fim, não existe gênero sem essa reprodução das normas que no curso de suas repetidas representações corre o risco de desfazer ou refazer as normas de maneiras inesperadas, abrindo a possibilidade de reconstruir a realidade de gênero de acordo com novas orientações.

Sendo o gênero uma construção tanto “cultural” quanto “incorporada” (ABREU, 2017), ambas as interfaces interessam a esta investigação: o modo como esse conceito é produto de operações sociais e, também, como ele é negociado – acolhido, contestado ou rejeitado – pelas pessoas.

Há de se destacar que o gênero e suas formas de operacionalização, em nível coletivo e individual, não são estanques. Justamente por isso, é importante propor a problematização desse conceito, percebendo e combatendo os modos pelos quais a sua suposta naturalidade e corretude fomenta violências, uma vez que reconhecemos ser possível e necessário transformar tanto noções sobre o gênero quanto as relações entre sujeitos que se estabelecem a partir delas.

Nas conversas com os sujeitos da pesquisa, que se auto identificam como homens, intentamos perceber de que modo ocorrem suas individuações e socializações enquanto tais, com ênfase no modo como esses processos são permeados pela diferenciação e hierarquização entre o “masculino” e o “feminino”, as quais estão no cerne da prática de violências com base no gênero.

Em se tratando das violências de gênero, é importante ressaltar que, ainda que esta pesquisa enfoque sobretudo aquelas que vitimam mulheres, por uma questão de recorte, esse é um fenômeno que abarca também todas as outras formas de violência decorrentes da “ordem compulsória do sexo/gênero/desejo”

(BUTLER, 2020, p. 25), a qual categoriza sujeitos, privilegiando, além da masculinidade, a cisgeneridade e a heterossexualidade¹³.

No contexto brasileiro, casos de violência de gênero são noticiados rotineiramente. Os altos índices divulgados ano após ano reiteram as dimensões catastróficas desse fenômeno social. De acordo com dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2022), referentes ao ano de 2021, as violências contra mulheres culminaram no registro da ocorrência de 230.861 lesões corporais dolosas em contexto de violência doméstica, 8.390 casos de violência psicológica, 27.722 perseguições, 597.623 ameaças, 14.423 estupros e 37.872 estupros de vulnerável. Os dados apontam, ainda, a ocorrência de 1.341 casos de feminicídio e de 2.028 tentativas de feminicídio. São dados alarmantes, que chamam a atenção para a grande incidência da violência de gênero praticada contra mulheres no Brasil.

Esses números se tornam ainda mais preocupantes ao tomar em consideração a subnotificação dessa forma de violência, motivada por fatores diversos e complexos, que variam desde sentimentos de medo, vergonha e impotência experimentados pelas vítimas, à manutenção de certas ideias acerca do gênero por grande parte da sociedade, que a um só tempo vulnerabilizam e silenciam as mulheres. Importante considerar, ainda, que estatísticas como essas usualmente “tratam de agressões físicas e não cobrem o abuso emocional generalizado que praticamente se tornou uma norma aceita nas relações homem-mulher, seja entre esposo e esposa, pai e filha, irmão e irmã, ou namorada e namorado” (hooks, 2005, p. 56, tradução nossa¹⁴).

A opção por desenvolver esta pesquisa junto aos homens decorreu do fato de que estes são, predominantemente, os perpetradores das violências de gênero (KATZ, 2019). Esta constatação não é feita com a intenção de estigmatizar e

¹³ Rita Segato (2021, p. 44, tradução nossa*) explica que “devemos entender os crimes misóginos, homofóbicos e transfóbicos como o mesmo tipo de violência, que é a violência do patriarca em relação a tudo o que o desobedece”.

*No original: “debemos entender los crímenes misóginos, homofóbicos y transfóbicos como el mismo tipo de violencia, que es la violencia del patriarca hacia todo lo que lo desacata” (SEGATO, 2021, p. 44).

¹⁴ No original: “address actual physical assault and do not cover the widespread emotional abuse that has practically become an accepted norm in male-female relationships whether between husband and wife, father and daughter, brother and sister, or girlfriend and boyfriend” (hooks, 2005, p. 56).

demonizar os homens¹⁵, mas para demonstrar a necessidade de ações interventivas que os considerem parte do problema e de sua solução.

Ronald Levant e Shana Pryor (2020, p. 151) chamam atenção para alguns dos problemas decorrentes da noção de “masculinidade”, como o fato de que ela “alteriza tanto as mulheres quanto os homens de minorias raciais, étnicas, sexuais e de gênero” (p. 151, tradução nossa¹⁶) e está “associada a uma ampla gama de resultados prejudiciais para os homens, suas parceiras, famílias e a sociedade em geral” (p. 151, tradução nossa¹⁷).

Frente a esse cenário, Jackson Katz (2019) aponta que é relevante ponderar os fatores socioculturais que desencadeiam a violência masculina, em “uma tentativa de compreender porque alguns homens causam tanta destruição nos outros e em si mesmos” (n.p., tradução nossa¹⁸). Para o autor, “tal compreensão é uma pré-condição essencial para o desenvolvimento de abordagens eficazes de prevenção” (n.p., tradução nossa¹⁹). Raewyn Connell (2001, p. 214-215, tradução nossa²⁰) concorda: “os homens predominam em todo o espectro da violência. Uma estratégia de paz deve preocupar-se com este fato, suas razões e suas implicações para o trabalho de redução da violência”.

No Brasil, existem políticas públicas em curso que promovem trabalhos “reeducativos” com homens autores de violência contra mulheres, as quais fornecem subsídio a esse estudo (BRASIL, 2006, 2020, 2021). Entretanto, o sucesso dessas estratégias é celebrado dentro de um contexto social, cultural e político no qual as

¹⁵ Conforme aponta Sócrates Nolasco (1993, p. 19), “há uma tendência a transformar o conflito existente nas relações entre [...] [homens e mulheres] em confrontos e radicalizações, quase que biológicos, mesmo na literatura feminista”. Nesse contexto, é relevante o que escreve bell hooks (2020b, p. 105) sobre “facções anti-homem” dentro do movimento feminista, as quais acabam por fixar os homens na categoria de opressores e, as mulheres, na de oprimidas. Na visão da autora, confinar os homens ao papel de inimigos das mulheres é contraproducente. Heleieth Saffioti e Suely Almeida (1995, n.p.) corroboram: “o inimigo da mulher não é propriamente o homem, mas a organização social de gênero cotidianamente alimentada não apenas por homens, mas também por mulheres”.

¹⁶ No original: “otherizes women and racial, ethnic, sexual, and gender minority men” (LEVANT; PRYOR, 2020, p. 151).

¹⁷ No original: “associated with broad range of harmful outcomes for the men, their partners, families, and society-at-large” (LEVANT; PRYOR, 2020, p. 151).

¹⁸ No original: “an attempt to comprehend why some men wreak the havoc they do on others and themselves” (KATZ, 2019, n.p.).

¹⁹ No original: “such understanding is an essential precondition for devising effective prevention approaches” (KATZ, 2019, n.p.).

²⁰ No original: “men predominate across the spectrum of violence. A strategy for peace must concern itself with this fact, the reasons for it, and its implications for work to reduce violence” (CONNELL, 2001, p. 214-215).

discussões sobre gênero vêm sendo sistematicamente interditas em diversos espaços, ao longo dos últimos anos. Vertentes religiosas e políticas, aliadas a parte da sociedade civil, atuam no sentido de silenciar ou deturpar as discussões sobre esse tema, considerado subversivo à ordem que está posta – uma ordem que fomenta violências e, por isso, precisa ser debatida, problematizada e desconstruída. Logo, restringir aos homens autores de violência a possibilidade de participar de espaços de socialização em que ocorram as reflexões e discussões necessárias para a superação desse problema é, no mínimo, contraproducente.

Esta pesquisa buscou contribuir, recorrendo ao trabalho com imagens, para a prevenção às violências embasadas no gênero, partindo da premissa de que os homens precisam desatar os laços entre masculinidades e violência. Para isso, desenvolvemos uma ação educativa, junto a um grupo de homens, que buscou propor reflexões que os levassem a perceber e problematizar sua imersão em um regime cisheterossexista, que sustenta e é sustentado por práticas violentas (simbólicas e físicas), bem como se implicar na rejeição e no combate a ele. A pergunta principal a mover esta investigação foi: as imagens podem, em um contexto educativo não formal, convidar os homens a problematizar as normativas de gênero e, a partir disso, contribuir para o combate as violências que elas fomentam?

Heleieth Saffioti, importante pensadora feminista brasileira, explica, na introdução de seu clássico livro *O poder do macho*, que o tratamento dispensado nele quanto às questões de gênero é “subversivo” porque “não aceita mitos, nem hipocrisias, nem desumanização de homens e mulheres, subverte a ordem estabelecida, questiona-a, transforma-a”, a fim de sugerir “um novo caminho, conducente a uma sociedade menos injusta, menos iníqua, menos castradora” (SAFFIOTI, 1987, p. 7). Mais que uma mera descrição dos procedimentos e objetivos de seu trabalho, suas palavras soam como um convite à subversão da ordem posta e à imaginação²¹ de outras realidades possíveis – ou “contrarrealidades”, como propõe Judith Butler (2021, p. 25) – menos violentas. Pretendemos, através desta pesquisa, ser, também, subversivos.

²¹ O emprego da palavra “imaginação” nesse contexto ecoa o ensinamento de bell hooks (2020a, p. 105): “A imaginação é uma das formas mais poderosas de resistência que pessoas oprimidas e exploradas podem usar e usam. Em situações traumáticas, é a imaginação que pode garantir a sobrevivência”.

2 Questões motivadoras

2.1 Por que a violência de gênero é assunto de homem?

Compreendemos a “violência de gênero” como um fenômeno multifacetado, que, como explicam Henry Ferguson *et al.* (2005), tem como motivação a manutenção da ordem de gênero. Esta concepção implica dizer que a violência de gênero é uma forma de controle e punição, exercida contra as pessoas que desviam às normativas sociais que pretendem estabelecer o que é “adequado” com base nas categorizações e hierarquizações estruturantes da divisão binária entre “homens” e “mulheres”.

Para traçar estratégias de combate aos atos de violência, convém refletir sobre a sua autoria. Certamente, nem toda violência de gênero é cometida pelos homens, mas seu protagonismo estatisticamente comprovado não pode ser descartado. Gloria Anzaldúa (2019, p. 330) escreve que “os homens, ainda mais do que as mulheres, estão acorrentados a papéis de gênero”. Faz sentido que eles predominem dentre os “defensores” da ordem de gênero, uma vez que a sua manutenção os beneficia diretamente.

A fim de compreender a relação entre “masculinidade” e violência, é importante considerar como se dá a construção dos homens em nossa sociedade. Nas palavras de Rita Segato (2021, p. 13, tradução nossa²²), esse processo se dá em um contexto social mediado por “pedagogias da crueldade”, que normalizam e nos habitam a uma paisagem de crueldade. Essas pedagogias têm efeitos diretos sobre a noção de “masculinidade”:

a socialização e o treinamento de vida do sujeito que carregará o fardo da masculinidade o força a desenvolver uma afinidade significativa – em uma escala de tempo de grande profundidade histórica – entre masculinidade e guerra, entre masculinidade e crueldade, entre masculinidade e distanciamento, entre masculinidade e baixa empatia. (SEGATO, 2021, p. 15, tradução nossa²³)

²² No original: “pedagogías de la crueldad” (SEGATO, 2021, p. 13).

²³ No original: “la socialización y entrenamiento para la vida del sujeto que deberá cargar el fardo de la masculinidad lo obliga a desarrollar una afinidad significativa – en una escala de tiempo de gran profundidad histórica – entre masculinidad y guerra, entre masculinidad y crueldad, entre masculinidad y distanciamiento, entre masculinidad y baja empatía” (SEGATO, 2021, p. 15).

Sócrates Nolasco (1993, p. 42) aponta que, desde a mais tenra idade, os homens são “afetivamente ‘lobotomizados’” em seu processo de socialização:

O cotidiano dos meninos está permeado por observações tais como: “isto é brinquedo de menina”, “menino não chora”, “menino não abraça nem beija outro menino, só os maricas”, [...] “você é um medroso, parece mulher”. Enfim, uma gama de afirmações vindas em um primeiro momento da família, posteriormente da escola e das relações sociais, fará crer aos meninos que existe um homem viril, corajoso, esperto, conquistador, forte, imune a fragilidades, inseguranças e angústias. Os meninos crescem achando que os outros são assim, e quando são repreendidos por não estarem se comportando como deveriam, se sentem problemáticos em relação ao modelo. (NOLASCO, 1993, p. 42)

Essas estreitas prescrições culturais, que ensinam aos sujeitos socializados como masculinos o que deles é esperado, se tornam evidentes na “caixa dos homens” proposta por Paul Kivel (1998, 1999, 2011):

Tabela 1 - Caixa dos homens

homens...	homens são...
têm dinheiro	bem-sucedidos
cuidam das pessoas	chefes de família
assumem o comando	responsáveis
nunca pedem ajuda	fortes
não choram	ativos
não cometem erros	competitivos
se defendem	controladores
não recuam	dominadores
aguentam	durões
intimidam	valentões
não têm consideração	raivosos
gritam com as pessoas	agressivos
não têm emoções	violentos
não têm sentimentos	maus

Fonte: Adaptado e traduzido a partir de Kivel (1998, 1999, 2011)

Em sociedades “dentro da caixa”, como a nossa, “usualmente se concebem homem e mulher como polos opostos que se relacionam dentro de uma lógica invariável de dominação-submissão” (LOURO, 2014, p. 35). Isso decorre dos “papéis impostos às mulheres e aos homens, consolidados ao longo da história e reforçados pelo patriarcado e sua ideologia”, que “induzem relações violentas” entre os gêneros (TELES; MELO, 2002, p. 18).

Nas palavras de Analba Teixeira (2016, p. 17), “a violência é uma das práticas mais antigas utilizadas pelo patriarcado para exercer o poder sobre nós, mulheres”.

Dentro desse contexto, o emprego da violência foi estabelecido socioculturalmente como um *direito* e *dever* dos homens. Esse “modelo violento de masculinidade, decorrente da construção social e histórica das [...] relações de gênero [...], demonstra ser um dos fatores mais importantes na determinação da violência contra a mulher” (URRA, 2014, p. 125). No entanto, isso não é reconhecido ou aceito com facilidade:

Sempre que as pensadoras, especialmente as defensoras do feminismo, falam sobre o problema generalizado da violência masculina, as pessoas se levantam impacientemente e afirmam que a maioria dos homens não é violenta. Elas se recusam a reconhecer que massas de meninos e homens foram programados desde o nascimento para acreditar que em algum ponto eles devem ser violentos, psicológica ou fisicamente, para provar que são homens. (hooks, 2005, p. 60, tradução nossa²⁴)

Tendo em vista que a ideia de “masculinidade” em nossa sociedade está ancorada na dominação e na violência, é imprescindível convidar os homens a refletir sobre gênero. Isso porque “não há homens sempre violentos, nem os homens são violentos desde sempre”, e “essa explicação ‘naturalizadora’ é [...] por demais simplista e dificulta qualquer forma de intervenção” (SCHRAIBER *et al.*, 2005, p. 59). A partir dessas constatações, é importante considerar que

o fato de os homens serem os executores da maior parte da violência de gênero não significa que a violência seja ocasionada pela biologia masculina ou por algum conjunto de traços pré-determinado. A causa da violência de gênero é a desigualdade. Nesse sentido, a violência de gênero é qualquer forma de violência usada para estabelecer, reforçar ou perpetuar a desigualdade de gênero. (FERGUSON *et al.*, 2005, p. 19)

Frente à constatação de que o vínculo entre homens e violência não está pautado em uma suposta “essência” masculina, mas em imposições socioculturalmente estabelecidas, Leandro Andrade (2014, p. 178) lista pensamentos e atitudes dos quais “os homens precisam se desobrigar” para – aproveitando aqui a metáfora de Kivel (1998, 1999, 2011) – “saírem da caixa”:

da reprodução do sistema patriarcal/machista, marcado pela imposição da força física, psicológica e econômica; da adesão ideológica a pressupostos essencialistas e naturalizantes que reforçam e reproduzem a lógica da desigualdade; da subordinação como condição nas relações sociais e afetivas. (ANDRADE, 2014, p. 178)

²⁴ No original: “Whenever women thinkers, especially advocates of feminism, speak about the widespread problem of male violence, folks are eager to stand up and make the point that most men are not violent. They refuse to acknowledge that masses of boys and men have been programmed from birth on to believe that at some point they must be violent, whether psychologically or physically, to prove that they are men” (hooks, 2005, p. 60).

Apesar da correlação entre “masculinidade” e violência, que escancara o papel que os homens exercem nesse problema e precisam desempenhar em sua superação, o engajamento desse público em discussões sobre esta questão ainda é bastante limitado. Jackson Katz (2019, n. p., tradução nossa²⁵) aponta que isso decorre da ideia socialmente partilhada de que a violência de gênero é um problema das mulheres: “A mensagem para as mulheres é que é seu dever prevenir – ou evitar – a violência [...], e que elas não devem esperar muita ajuda dos homens. A mensagem para os homens é ainda mais insidiosa: eles não precisam se preocupar com isso”. Prossegue o autor:

Quando você ouviu pela última vez um homem dizer que estava preocupado com a violência contra as mulheres, não apesar de ser um homem, mas por causa disso? Implícita na noção de que a violência contra as mulheres é uma questão apenas para as mulheres está a suposição de que todas as elas devem se preocupar porque são mulheres, porque todas as mulheres têm interesse em prevenir a violência contra seu [...] [gênero]²⁶, mesmo que não tenham sido elas mesmas vítimas. É igualmente verdade que os homens devem se preocupar, não necessariamente porque tenham perpetrado [...] estes crimes, mas simplesmente porque são homens. (KATZ, 2019, n. p., tradução nossa²⁷)

No contexto brasileiro, a discussão voluntária sobre a temática entre homens ainda faz parte de alguns nichos mais progressistas. No que tange aos homens autores de violência, importantes avanços legislativos vêm demarcando a necessidade de trabalhos “reeducativos”, a partir dos quais a reincidência no cometimento da violência de gênero possa ser evitada. A Lei nº 13.984/2020 conferiu o status de medida protetiva de urgência ao comparecimento de autores dos crimes enquadrados na Lei Maria da Penha em “programas de recuperação e reeducação” e ao acompanhamento psicossocial dos mesmos “por meio de atendimento individual e/ou em grupo de apoio” (BRASIL, 2020, p. 4). O Decreto nº 10.906/2021, que instituiu o Plano Nacional de Enfrentamento ao Femicídio, elenca como um de seus objetivos “fomentar a responsabilização, as ações educativas de

²⁵ No original: “The message to women is that it is their job to prevent – or to avoid – [...] violence, and they should not expect a lot of help of men. The message to men is even more insidious: They need not tune this in” (KATZ, 2019, n.p.).

²⁶ Neste trabalho, optou-se por, nas citações que em que “sexo” aparece em contextos nos quais o uso de “gênero” aparenta ser mais apropriado, fazer a substituição de uma palavra pela outra.

²⁷ No original: “When did you last hear a man say he was concerned about violence against women not in spite of the fact that he is a man but because of it? Implicit in the notion that violence against women is a women’s issue is the assumption that all women should be concerned because they’re women, because all women have an interest in preventing violence against their [...] [gender], even if they haven’t be assaulted themselves. It is equally true that men should be concerned, not necessarily because they have perpetrated [...] these crimes but simply because they are men” (KATZ, 2019, n.p.).

sensibilização e prevenção e o monitoramento dos autores de violência contra as mulheres” (BRASIL, 2021, p. 5).

É reconhecido formalmente pelas autoridades brasileiras que esse tipo de trabalho “contribui para a responsabilização dos homens pela violência cometida e para a desconstrução de estereótipos de gênero e de padrões hegemônicos de masculinidade” (BRASIL, 2011, p. 67). No entanto, embora o desenvolvimento de políticas públicas que alcancem os homens autores de violência seja importante e que sua eficácia seja hoje conhecida e celebrada, recorrer apenas a ele não basta para o enfrentamento à violência de gênero. É salutar, também, intensificar a aposta no trabalho com homens como forma de prevenir o acontecimento de atos violentos embasados no gênero²⁸.

Partindo dessa premissa, desenvolvemos trabalho a respeito do gênero junto ao público masculino, visando contribuir para esforços preventivos de combate à violência. Para isso, construímos e implementamos uma ação pedagógica, conduzida a partir do trabalho com imagens junto a um grupo de homens, com a finalidade de problematizar as normativas de gênero e contribuir para o enfrentamento às violências nelas embasadas.

2.2 Como desatar o nó entre “masculinidade” e violência?

Para Rita Segato (2021), em resposta às “pedagogias da crueldade”, que doutrinam os homens a exercer a violência para adquirir e manter um poder ilegítimo, é necessário desenvolver “contra-pedagogias” (p. 17, tradução nossa²⁹). A autora afirma que “a contra-pedagogia da crueldade terá que ser uma contra-

²⁸ O Parecer nº 67 do Senado Federal, acerca do Projeto de Lei nº 4147/21 – que foi aprovado na referida casa e agora tramita na Câmara de Deputados –, propõe uma série de alterações na Lei nº 11.340/06, com vistas a implementar trabalhos junto a homens autores de violência no sentido da “recuperação, reeducação e prevenção de novas ocorrências” (BRASIL, 2022, p. 103). Caso promulgado sem alterações, seu texto instará a União, o Distrito Federal, os Estados e os Municípios, bem como o Sistema Único de Saúde (SUS) e o Sistema Único de Assistência Social (SUAS) a instituir uma rede de apoio e prevenção à violência doméstica. Ainda que seja um esforço preventivo de caráter emergencial, oferecendo apoio a quem crê que pode vir a cometer um ato violento, essa iniciativa, caso o projeto seja sancionado, já constituirá um avanço no sentido da prevenção, bastante escassa até então – cujo escopo, no entanto, não deixa de ser limitado.

²⁹ No original: “contra-pedagogias” (SEGATO, 2021, p. 17).

pedagogia do poder e, portanto, uma contra-pedagogia do patriarcado, pois se opõe aos elementos distintivos da ordem patriarcal” (p. 17, tradução nossa)³⁰.

Como podemos contribuir, desde onde nos situamos, a educação? O caminho adotado nesta pesquisa, buscando a ruptura com o usual silêncio dos homens sobre a questão da violência de gênero (FERGUSON *et al.*, 2005), foi a criação de uma ação pedagógica que propôs o engajamento desse público em discussões sobre o tema. Reconhecemos no contexto grupal o potencial de fomentar “diálogos, tanto internos quanto externos” que favoreçam “a compreensão de como as situações de violência são construídas nas relações interpessoais e reforçadas no cotidiano pela cultura em que vivemos” (ACOSTA; ANDRADE FILHO; BRONZ, 2004, p. 15).

Como explicam Neus Cortés e Júlia Serra (2011, p. 9, tradução nossa³¹),

Se esta violência é social, sua deslegitimação só pode ser social, assim como o espaço para a libertação também deve ser social. Mesmo que a reflexão individual seja essencial para a mudança, os grupos [...] também são, na medida em que sua condição relacional gera dois processos: desmonta a situação atual e constrói uma nova. O grupo contrasta aspectos psicológicos de natureza indubitavelmente social, tais como práticas relacionais, posições sistêmicas, estereótipos, identidades, papéis, expectativas, valores e significados coletivos. E, por sua vez, também constrói novos conteúdos para esses mesmos elementos. A participação em grupos acelera os processos de mudança individuais. Os grupos são indispensáveis para a mudança sociocultural e política. Libertar-se da violência sexista não é apenas um feito cultural, mas também um fenômeno político.

Andrade (2014, p. 188) explica que, em contextos grupais, “é possível aprender e apreender as condições sócio-históricas da formação da subjetividade”, uma condição indispensável para que os homens possam compreender a violência masculina como uma construção, que pode e carece ser desconstruída. Desse modo, partimos do pressuposto de que cada um dos homens que compõem o grupo é um sujeito

³⁰ No original: “La contra-pedagogía de la crueldad tendrá que ser una contra-pedagogía del poder y, por lo tanto, una contra-pedagogía del patriarcado, porque ella se contrapone a los elementos distintivos del orden patriarcal” (SEGATO, 2021, p. 17).

³¹ No original: “Si esta violencia es social, su deslegitimación solo puede ser social, como también social debe ser el espacio de liberación. Aun cuando la elaboración individual es imprescindible para el cambio, los grupos [...] también lo son, en tanto que su condición relacional genera dos procesos: resquebraja la situación actual y construye la nueva. El grupo contrasta aspectos psicológicos de indudable naturaleza social como son las prácticas de relación, las posiciones sistémicas, los estereotipos, identidades, roles, expectativas, valores y significados colectivos. Y, a su vez, también construye los nuevos contenidos de esos mismos elementos. La participación en grupos acelera los procesos de cambio individual. Los grupos son irremplazables en los cambios socioculturales y políticos. Y liberarse de la violencia sexista, además de un hecho cultural, es un fenómeno político” (CORTÉS; SERRA, 2011, p. 9).

não somente marcado por determinações sócio-históricas, mas também em constante construção e reconstrução de seu processo identitário, por meio do qual possa reconhecer, ampliar e transformar seus sentidos e significados em relação ao mundo que o cerca. (ANDRADE, 2014, p. 180)

A proposta de desenvolver um trabalho educativo junto a um grupo de homens comunga da ideia de que apenas tratamentos ou punições individualizados não asseguram a transformação social necessária para a efetiva superação da violência de gênero. Nesse sentido, são fundamentais as colocações de Fernando Acosta, Antônio Andrade Filho e Alan Bronz (2004, p. 23):

Por entendermos a violência de gênero como parte integrante das relações sociais baseadas na desigualdade de poder entre [...] [os gêneros], culturalmente construída, e não como uma doença biopsicológica, podemos dizer que os grupos reflexivos de gênero são uma alternativa à violência. Quando abordada como um problema psicológico e/ou psiquiátrico, a violência reduz-se ao campo da individualidade, não pressupondo a necessidade de formulação de políticas públicas específicas, em vários âmbitos – segurança, justiça, direitos humanos, saúde, educação, cultura e assistência social – para sua erradicação.

Assim, estratégias educativas desenvolvidas junto aos homens despontam como uma possibilidade de trabalho que contribui para a prevenção à violência de gênero. Como escrevem Adriano Beiras e Alan Bronz (2016, n.p.), é necessário “impingir um caráter de prevenção primária aos grupos reflexivos de gênero, tornando-os um recurso para evitar que o primeiro episódio de violência ocorra”.

E qual perspectiva educativa pode efetivamente contribuir para trabalhos deste tipo? As concepções de educação como uma prática crítica, transgressora, democrática e libertadora, propostas por Paulo Freire e bell hooks, são uma referência para esta pesquisa. Pretendemos, a partir dessas referências, incentivar o pensamento crítico dos homens e sua participação em discussões a respeito do gênero e da violência, a partir do incentivo tanto à introspecção quanto à conversação, mediadas pelos seus encontros com artefatos visuais.

A inspiração que a obra de Paulo Freire proporciona é de ordem ética e metodológica. Ética porque, para ele, qualquer educador ou educadora com aspirações libertadoras “nunca pode se calar a respeito das questões sociais, não pode lavar as mãos em relação a esses problemas” (FREIRE; SHOR, 2021, p. 288). Metodológica porque, para uma educação verdadeiramente libertadora, é necessário revolucionar o próprio modo de ensinar, que, na concepção freireana, demanda “criticidade”, “disponibilidade para o diálogo”, “saber escutar”, respeito aos “saberes”

e à “autonomia do ser” dos educandos e “convicção de que a mudança é possível” (FREIRE, 2021a, p. 7-9).

Os ensinamentos freireanos sobre ensinar inspiram o desenvolvimento de ações educativas junto ao público masculino para o enfrentamento às violências embasadas no gênero em diversas partes do mundo. Diversos autores engajados nesse tipo de trabalho dialogam diretamente com os trabalhos de Paulo Freire, como evidenciam as obras do australiano Bob Pease (1997) e dos estadunidenses Ellen Pence e Michael Paymar (1993), Michael Paymar (2000) e Rus Funk (2006), bem como os relatos de projetos desenvolvidos pelo Centro de Comunicación y Educación Popular (CANTERA, 2001), da Nicarágua, e pelo Colectivo Hombres y Masculinidades (GARCÍA, 2015), do Equador. No contexto brasileiro, as metodologias desenvolvidas por Fernando Acosta, Antônio Andrade Filho e Alan Bronz (2004) e por Adriano Beiras e Alan Bronz (2016) utilizam a teoria freireana como ponto de partida para o trabalho junto a grupos reflexivos de gênero, constituídos sobretudo por homens.

Rus Funk (2006) destaca que o método tradicional de educação – a “educação bancária” comentada por Paulo Freire (2021b) – não é o mais eficiente para engajar os homens em trabalhos desse tipo:

Usando o velho modelo [de ensino], um educador fica na frente de um grupo de homens e lhes diz o que acha que esses homens devem saber. [...]. Mas, tendo em vista que um dos objetivos, talvez o objetivo principal [...] [deste trabalho] é motivar os homens a se envolverem mais na mudança, o modelo tradicional oferece muito pouco, porque não motiva os homens a considerar o sexismo ou a violência pessoalmente. (FUNK, 2006, p. 19, tradução nossa³²)

Por isso, o autor aponta a concepção pedagógica proposta por Paulo Freire como a mais apropriada e relevante para o engajamento dos homens no combate ao sexismo e às violências que ele legitima:

Ao educar os homens através de um processo que os engaja, tornando-os assim sujeitos ativos no processo (e não objetos, aos quais uma palestra é proferida), os educadores oferecem um meio através do qual os homens se tornam mais conscientes de sua relação pessoal com as formas de sexismo ou abuso que estão sendo discutidas. Os educadores podem ajudar a desenvolver a consciência crítica através do uso de métodos educacionais

³² No original: “Using the old [teaching] model, an educator stands in front of a group of men and tells them what the educator thinks the men should know. [...]. But given that one of the goals, perhaps the key goal [...] [of this work] is to motivate men to become more involved in change, the traditional model provides very little because it does not motivate men to take sexism or violence personally” (FUNK, 2006, p. 19).

que incentivem o diálogo e a reflexão. (FUNK, 2006, p. 16, tradução nossa³³)

É importante lembrar que Paulo Freire defendia vivamente a importância da pergunta no processo educativo. Em suas palavras, é imprescindível “viver a pergunta, viver a indagação, viver a curiosidade” (FREIRE; FAUNDEZ, 2021, p. 70). Ele ressalta a importância de “reconhecer a existência como um ato de perguntar”, uma vez que “a existência humana é, porque se fez perguntando, a raiz da transformação do mundo” (FREIRE; FAUNDEZ, 2021, p. 75). A aplicação do método freireano na proposição de reflexões sobre gênero e violência junto a grupos de homens possibilita, desse modo, a “associação dos temas e conceitos com a experiência cotidiana do universo masculino, através de perguntas geradoras de diálogo para a transformação das relações de gênero dos participantes” (ACOSTA; ANDRADE FILHO; BRONZ, 2004, p. 16). Por isso, o pensamento de Paulo Freire é um importante referencial para esta pesquisa, explorado com a finalidade de “estimular o debate, ao invés de ‘trazer ensinamentos’” aos participantes (BEIRAS; BRONZ, 2016, n.p.).

A luta contra as iniquidades e opressões através da educação, basilar no pensamento de Paulo Freire, importa de igual maneira para este trabalho. Ainda que não tenha trabalhado em profundidade com as questões de gênero, o patrono da educação brasileira deixou o seguinte ensinamento acerca do enfrentamento ao sexismo: “essa luta também é nossa, isto é, daqueles homens que não aceitam a posição machista no mundo” (FREIRE; SHOR, 2021, p. 276-277).

Em convergência com as ideias freireanas, bell hooks (2017, 2020a, 2021), em sua trilogia de escritos sobre educação, incentiva que esta tenha como pilares o fomento da participação ativa, do diálogo e do pensamento crítico, bem como o reconhecimento e a valorização de todas as pessoas que participam do processo educativo e de suas vozes, experiências e pensamentos.

hooks (2021) nos convoca a lutar para que a educação “não seja espaço para afirmação de nenhuma forma de dominação”, um lugar onde os indivíduos não sejam “doutrinados a apoiar o patriarcado capitalista imperialista supremacista

³³ No original: “By educating men through a process that engages them in education, and thereby making them active subjects in the process (as opposed as objects at whom a lecture is delivered), educators provide a means through which men become more aware of their personal relationship to the forms of sexism or abuse being discussed. Educators can help to develop critical consciousness by engaging in educational methods that encourage dialogue and reflection” (FUNK, 2006, p. 16).

branco ou qualquer ideologia, mas, sim, onde aprendem a abrir a mente, a se engajar em estudos rigorosos e a pensar de forma crítica”, desenvolvendo a “capacidade de ser e viver de forma consciente” (n.p.). Ainda que inequivocamente relacionado a um contexto educativo formal, o apelo por uma educação engajada na rejeição e na luta contra os preconceitos e violências decorrentes dos marcadores sociais da diferença precisa ultrapassar os muros escolares. Isso porque, retomando outras palavras da autora, a educação “talvez seja o único lugar em que as pessoas possam encontrar apoio para adquirir consciência crítica, para se comprometer com o fim da dominação” (n.p.).

Demonstrando sintonia com as concepções pedagógicas de Paulo Freire e bell hooks, a educação desde a perspectiva dos estudos da cultura visual, explorada nesta pesquisa, considera a necessidade de “cultivar a sociedade para que esta se torne apta a perceber as suas contradições sociais, políticas, econômicas e, assim, intervir de maneira transformadora nela mesma” (DIAS, 2014, p. 53). Com vistas a alcançar esse objetivo, um de seus focos é a problematização das “operações invisíveis de poder que sustentam a rede de privilégios e direitos desiguais, através da reflexão crítica e de práticas atentas às especificidades locais e os obstáculos que dificultam os ideais de justiça social” (ABREU, 2017, p. 326).

Desse modo, neste trabalho, exploramos essas ideias para delinear e executar uma ação pedagógica que pretendeu tomar as imagens como pontos múltiplos de partida na construção de um espaço de pensamento e ação, que mobilizasse os homens a pensarem sobre as relações entre gênero e violência. Assim, percebemos o trabalho educativo mediado por visualidades como um caminho possível para contribuir com o enfrentamento da violência de gênero.

2.3 E as imagens, o que têm a ver com tudo isso?

Teresa de Lauretis (2019, p. 142) explica que

a construção do gênero ocorre hoje através das várias tecnologias do gênero [...] e discursos institucionais [...], com poder de controlar o campo do significado social e assim produzir, promover e “implantar” representações de gênero. Mas os termos para uma construção diferente de gênero também existem, nas margens dos discursos hegemônicos. Propostos de fora do contrato social heterossexual, e inscritos em práticas micropolíticas, tais termos podem também contribuir para a construção do gênero, e seus efeitos ocorrem ao nível “local” de resistências, na subjetividade e na autorrepresentação.

A dinâmica exposta pela autora permite entrever que o gênero é o produto de relações sociais mediadas por distintas tecnologias e discursos, portadores e veiculadores de ideias e ideais, que são manipulados segundo distintos interesses. Assim, situando os artefatos visuais como parte das “tecnologias” que constroem e desconstroem o gênero discutidas pela autora, é possível perceber seus usos contraditórios, que ora contribuem para a manutenção da ordem patriarcal, ora para a insurreição contra ela.

Nicholas Mirzoeff (1999, p. 4, tradução nossa) explica que a cultura visual é um campo onde “o visual é contestado, debatido e transformado como espaço constantemente desafiador de interação social e definição em termos de identidade de classe, de gênero, sexual e racial”. Em se tratando especificamente do gênero e da sexualidade, os estudos da cultura visual evidenciam como as visualidades estão situadas no complexo jogo através do qual o cisheterossexismo é constantemente produzido, reforçado, questionado e desmantelado.

Disseminadas em toda parte, diversas imagens constroem masculinidades violentadoras, em contraponto a feminilidades a serem violentadas. Em se tratando especificamente da “pedagogia visual do masculino” – termo proposto por nós a partir da discussão feita por Luciana Loponte (2002) acerca da “pedagogia visual do feminino” –, ela apresenta aos meninos e homens um conjunto restrito de possibilidades de exercício da masculinidade, atrelado à autoridade, à dominação e ao exercício da violência. Essas são as *certas* imagens contra as quais precisamos lutar.

Ainda que não seja adequado, como nos ensina Marie-José Mondzain (2009), considerar as imagens “culpadas” pelos atos violentos, é de suma importância considerar os modos pelos quais, imbricadas em processos educativos, elas conformam imaginários dentro dos quais a violência é outorgada aos homens como normal e legítima. Resta a questão: como, então, desatar o nó entre “masculinidade”³⁴ e violência a partir dessas imagens? Se, por um lado, elas podem reforçar estereótipos nocivos de gênero (como é amplamente reconhecido), por outro, acreditamos que é possível utilizá-las para expor essa problemática,

³⁴ Nas páginas que seguem, a “masculinidade” referida no singular e entre aspas não desconsidera o fato de que “não há só um modo de ser homem” (SCHRAIBER *et al.*, 2005, p. 66). Por meio desse recurso, fazemos referência à “masculinidade modelo, culturalmente idealizada, considerada [...], por alguns autores, uma masculinidade hegemônica”, que tem “como atributos agressividade, competitividade, ambição, virilidade, austeridade, entre outros” (SCHRAIBER *et al.*, 2005, p. 69).

incentivando a reflexão, a criticidade e a desconstrução de ideias que fundamentam práticas discriminatórias e violentas.

Além da problematização de imagens integrantes do complexo de visualidade sexista, vislumbramos também a possibilidade de pesquisar contranarrativas no que tange às questões de gênero, que desvelam o mesmo enquanto uma construção sociocultural, palco de disputas e tensões. Assim, acreditamos que outros modos de representar e de ver, insubordinados às normativas de gênero, contribuem para a conformação de imaginários e realidades para além do cisheterossexismo. Essas são as *outras* imagens que podem nos ajudar.

É notória a diversidade recente e positiva nas representações visuais de homens e mulheres e, também, maior visibilidade às pessoas que ultrapassam a binaridade. Sobre essa pluralidade, convém destacar que muitas dessas imagens são frutos de uma apropriação capitalista de demandas sociais, que explora existências que foram e ainda são marginalizadas, tendo em vista meramente a expansão de mercados. No entanto, dentre elas, há outras que culminam da reivindicação do “direito a olhar” por parte de sujeitos historicamente alterizados, contra os quais as violências são praticadas, e que a elas reagem através da produção de imagens de resistência, “contravisualidades” (MIRZOEFF, 2011).

Como explorar, em um contexto educativo, a coexistência de visualidades que apresentam ideias concorrentes sobre gênero, a fim de fomentar discussões sobre a construção e a desconstrução de masculinidades violentas? Como operacionalizar a luta contra *certas* imagens com a ajuda de *outras* imagens? Optamos pela produção coletiva de montagens visuais como forma de deflagrar conversações a respeito desses temas. O conceito de montagem, tomado a partir de Georges Didi-Huberman³⁵, denomina uma forma de proceder que explora o potencial educativo

³⁵ Importante ressaltar que, nesta pesquisa, pretende-se explorar o pensamento do autor sem, no entanto, sucumbir à tendência da História da Arte de “criar novos cultos à personalidade [...], com novos patriarcas” (BOVINO, 2019, p. 311, tradução nossa*), perceptível na reverência recente e crescente às figuras de Aby Warburg e Georges Didi-Huberman. Desse modo, ainda que informado profundamente pela obra do autor, este escrito não desconsidera que ele ocupa um lugar “certamente privilegiado dentro de um grupo mais amplo de estudiosos” (BOVINO, 2019, p. 311, tradução nossa**), cujos trabalhos com e sobre imagens fazem parte de “uma operação coletiva, dispersa, contínua, e não dependente de, embora certamente alimentada por, Didi-Huberman” (BOVINO, 2019, p. 312, tradução nossa***).

* No original: “to create new personality cults [...] with new patriarchs” (BOVINO, 2019, p. 311).

** No original: “certainly privileged [...] within a broader group of scholars” (BOVINO, 2019, p. 311).

*** No original: “a collective, dispersed operation, on-going, and not dependent on, though certainly fed by, Didi-Huberman” (BOVINO, 2019, p. 312).

dos embates entre imagens, reunidas sobre um mesmo plano de modo a tornar visíveis e, também, criar relações entre elas, a fim de mobilizar o pensamento e a tomada de posição. Esta pesquisa parte, então, da premissa de que a montagem de imagens pode desencadear e estimular debates que proporcionem aos participantes de um grupo reflexivo sobre gênero e violência a oportunidade de perceber e questionar as normas culturais que os ensinaram o que deveriam ser, parecer e fazer para serem considerados homens em nossa sociedade.

3 Estado da arte

Os trabalhos selecionados neste levantamento foram localizados através de buscas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações³⁶ e no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES³⁷, em buscas que consideraram trabalhos de pós-graduação produzidos em qualquer área do conhecimento dentre os anos de 2018 e 2022, com as quais esta pesquisa estabelece diálogos. Assim, a interdisciplinaridade, cara aos estudos da cultura visual, aqui foi considerada como uma forma de perceber e refletir sobre as possibilidades de aprendizado que decorrem da transversalidade do tema estudado.

O trabalho junto a grupos de homens para o enfrentamento da violência de gênero constitui um dos programas de recuperação e reeducação recomendados pela Lei nº 11.340/2006 (BRASIL, 2006). No curso dos últimos 15 anos, vem se consolidando em território nacional o entendimento de que os grupos reflexivos contribuem efetivamente para o combate às violências de gênero. Isso pode ser atestado pela intensa produção de pesquisas a nível acadêmico que buscam analisar experiências que têm lugar nos grupos reflexivos de gênero, realizadas desde diversos campos de saberes. Exemplo disso é a tabela 2, produzida com um recorte dos trabalhos considerados mais interessantes para esta pesquisa dentre aqueles encontrados.

Esses trabalhos, dedicados a analisar o potencial dos grupos reflexivos desenvolvidos junto ao público masculino, destacam que eles são “espaços potentes para propiciar aos participantes a oportunidade de desnaturalizar a violência nas relações de gênero” (SOARES, 2018, p. 6) e “podem contribuir na prevenção [...] e auxiliar na desconstrução das masculinidades violentas, desde que realizados a partir de um formato que possibilite a responsabilização e a reflexão dos participantes” (SCOTT, 2018, p. 117).

³⁶ Acessível através do link <https://bdtd.ibict.br>

³⁷ Acessível através do link <https://catalogodeteses.capes.gov.br>

Tabela 2 - Pesquisas sobre grupos reflexivos com homens autores de violência contra mulheres

Autoria	Tipo	Ano	Universidade	Programa	Título
BRAGA, Patricia	Dissertação	2019	UFMG Belo Horizonte, MG	Educação	Homens autores de violência e a experiência de aprender a narrarem-se em um currículo
CALDONAZZO, Tayana	Dissertação	2020	UENP Jacarezinho, PR	Ciência Jurídica	Potencialidades dos grupos reflexivos brasileiros para homens autores de violência doméstica contra a mulher na desconstrução da masculinidade hegemônica
ESTRELA, Fernanda	Tese	2018	UFBA Salvador, BA	Enfermagem	Tecnologia social para homens com vistas à prevenção da violência conjugal
LEMONS, Duília	Dissertação	2020	UFPEL Pelotas, RS	Enfermagem	Homens autores de violência e a representação social sobre a participação em grupos reflexivos
LIMA, Victor	Dissertação	2018	UFRN Natal, RN	Psicologia	Produção de sentido em um grupo reflexivo para homens autores de violência
MONTEIRO, Adão	Dissertação	2018	USP São Paulo, SP	Artes Cênicas	A produção performativa de um homem: cenas e contextos
OLIVEIRA, Anderson	Tese	2019	UFBA Salvador, BA	Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismos	Percepções feministas sobre os serviços de responsabilização e educação para homens autores de violência contra as mulheres
PEREIRA, Lorena	Dissertação	2022	FIOCRUZ Brasília, DF	Políticas Públicas em Saúde	Gênero, violência e a (des)construção da masculinidade: uma análise do trabalho grupal com os homens autores de violência contra a mulher no contexto brasileiro
SCOTT, Juliano	Tese	2018	UFRN Natal, RN	Psicologia	Grupos reflexivos com homens autores de violência doméstica contra a mulher: limites e potencialidades
SOARES, Cecília	Tese	2018	UFRJ Rio de Janeiro, RJ	Psicologia	Grupos reflexivos para autores de violência contra a mulher: “Isso funciona?”
SOUZA, Liliany	Dissertação	2020	UNB Brasília, DF	Psicologia Clínica e Cultura	Atendimento psicossocial a homens autores de violência contra mulheres: uma revisão integrativa da literatura a partir da perspectiva crítica feminista

Fonte: Elaboração própria

Importante destacar que o pensamento de Paulo Freire, uma das referências para esta pesquisa, é explorado em alguns desses trabalhos. Fernanda Estrela (2018, p. 34) aponta, ancorada na pedagogia freireana, que “a reflexão, ação e participação masculina, em detrimento da educação bancária, constitui uma importante arma para a prevenção e enfrentamento” das violências de gênero. A autora ressalta a necessidade de adoção de uma postura dialógica por parte dos facilitadores de grupos reflexivos de gênero. Sublinha, ainda, a importância da proposição de uma revisão crítica do cotidiano por parte dos homens em trabalhos desse tipo, a fim de que eles sejam convidados a repensar a presença e os usos da violência nas relações interpessoais que estabelecem. Juliano Scott (2018, p. 98)

acrescenta que a educação popular fomenta “o uso da linguagem, a relação entre os facilitadores e os participantes, a reflexão crítica e colaborativa”.

Dentre pesquisas oriundas de áreas tão diversas, foi possível localizar uma desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade de São Paulo (MONTEIRO, 2018), e outra, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (BRAGA, 2019), as quais estão mais próximas do campo no qual o projeto de pesquisa que culminou nesta dissertação foi desenvolvido.

A dissertação de Adão Monteiro (2018), produzida a partir dos contatos estabelecidos pelo autor com um grupo reflexivo de gênero na cidade de São Paulo, demonstra a importância do trabalho junto ao público masculino:

Falar com os homens e sobre os homens é atuar na perspectiva radical de mudança de uma construção desigual de gêneros e performativamente refeita em padrões de opressores e oprimidos, vítimas e algozes, o que se torna impossível se o trabalho for destinado apenas às vítimas, tornando o agressor ainda mais violento em relação ao empoderamento da mulher e frente ao rompimento da relação e de uma possível prisão. (MONTEIRO, 2018, p. 82)

Patricia Braga (2019, p. 4) destaca em sua dissertação que, no grupo que acompanhou na cidade de Belo Horizonte,

os homens encaminhados pela Justiça [...] chamaram atenção pela predominância de certos aspectos: a maioria era pobre, moradora das periferias, com baixa escolaridade, trabalhadores informais, não-brancos. [...] Por meio de uma penalidade determinada pela Justiça, esses homens são submetidos a um currículo e às suas tecnologias de poder para, a partir do fomento à reflexão, governarem-se de outro modo. Esse outro homem que deve ser produzido por meio desse currículo deve saber resolver seus conflitos utilizando estratégias como a reflexão e o diálogo, recusando a violência como resposta.

Das experiências que teve junto ao grupo, a autora conclui que “as histórias partilhadas e ouvidas no espaço do grupo reflexivo fizeram dele mais do que [...] uma punição” (BRAGA, 2019, p. 27). Arremata: “Foi, para muitos homens, um lugar de dizer do que não se sabe e do que se aprendeu. Foi uma oportunidade e uma obrigação para a elaboração, para a pausa, para o medo. Foi, também, um encontro com a própria voz e com o próprio saber” (BRAGA, 2019, p. 27).

Apesar desses relatos animadores, algo incomoda, não necessariamente nessas teses e dissertações, mas na perspectiva de intervenção que as ampara: Por que o foco está em agir apenas depois que a violência já aconteceu? Nas buscas nos repositórios, foram encontradas dezenas de trabalhos dedicados a estudar a “responsabilização” e a “reeducação” de “agressores”, “acusados”, “sentenciados”,

por meio de grupos nos quais sua participação era compulsória e se constituía como uma penalidade. Mas... por que a insistência em apenas remediar, em vez de também prevenir a ocorrência do problema? Não parece uma estratégia sensata promover apenas a “reeducação”, deixando de lado a “educação” e seu potencial transformador.

Pesquisas sobre estratégias de prevenção à violência são mais escassas nos repositórios consultados. Na tabela 3, são apresentados 3 trabalhos com os quais esta pesquisa apresenta convergências e dessemelhanças. A tese de Monica Dantas (2018) foi incluída pelos usos que faz de imagens, apesar de não focar a discussão sobre masculinidades ou o trabalho com grupo de homens (a maioria dentre as pessoas que participaram das oficinas por ela propostas eram mulheres). A dissertação de Ariane Guimarães (2020) apresenta uma possibilidade de aplicação da metodologia dos grupos reflexivos fora do contexto penalizante ao qual comumente seu uso se restringe, bem como problematiza os vínculos entre masculinidades e violência, mas o grupo formado pela pesquisadora não incluía exclusivamente homens. Já a dissertação de Renata Soares (2019) apresenta uma revisão de literatura sobre o tema das estratégias de prevenção da violência junto à população masculina, mas não focaliza especificamente aquela que decorre das normativas de gênero.

Tabela 3 - Pesquisas sobre estratégias de prevenção à violência de gênero

Autoria	Tipo	Ano	Universidade	Programa	Título
DANTAS, Monica	Tese	2018	FIOCRUZ Rio de Janeiro, RJ	Informação, Comunicação e Saúde	Mediações sobre gênero, sexualidade e violências: caminho metodológico para a elaboração de uma proposta de curso EaD no âmbito do Programa Saúde na Escola para o Plano Brasil sem Miséria
GUIMARÃES, Ariane	Dissertação	2020	UFSC Florianópolis, SC	Psicologia	Homens, masculinidades e estratégias de enfrentamento à violência de gênero: sentidos co-construídos com um grupo de estudantes
SOARES, Renata	Dissertação	2019	UNB Brasília, DF	Saúde Coletiva	Violência e masculinidade: estratégias para sensibilização e prevenção da violência na população masculina

Fonte: Elaboração própria

Na tese de Monica Dantas (2018), as imagens servem como pontos de partida, nas oficinas por ela propostas, para as reflexões dos sujeitos e discussões entre eles. Nas palavras da autora, foram utilizadas “figuras relacionadas aos preconceitos e à violência de gênero, que abordam a cultura machista como origem

dessa violência” (DANTAS, 2018, p. 111), sendo que “algumas figuras fazem alusão ao estupro, enquanto outras expressam violências de gênero mais sutis (simbólicas)” (DANTAS, 2018, p. 112). O emprego dessa estratégia, em que imagens servem para fomentar reflexões e discussões sobre a violência de gênero, em uma pesquisa desenvolvida na área da Saúde, sinaliza o potencial educativo das visualidades.

Ariane Guimarães (2020) propõe, em sua dissertação, discussões sobre masculinidades e violência no espaço escolar, fazendo uso da metodologia dos grupos reflexivos de gênero. Dentre os resultados de sua pesquisa, a autora aponta, a partir dos relatos de participantes (19 homens e 1 mulher), que as masculinidades foram relacionadas tanto a cometer quanto a sofrer violências embasadas no gênero, “de modo que foi possível se pensar em estratégias de enfrentamento à violência de gênero com o intuito de proteger homens e mulheres do machismo” (GUIMARÃES, 2020, p. 10).

A dissertação de Renata Soares (2019) discute o engajamento dos homens em violências como uma questão de saúde. A discussão proposta pela autora não está restrita àquelas embasadas no gênero, embora estas também sejam consideradas. A autora explica:

Na construção das identidades de gênero, não apenas as mulheres aprendem a ser femininas e submissas, sendo controladas nisto, mas também os homens são vigiados na manutenção de sua masculinidade. Masculinidade é constituída socialmente por um conjunto de estereótipos e normas compartilhadas nos diversos contextos sociais e culturais. Na construção de gênero, as masculinidades são submetidas a lógicas hegemônicas do que é ser um homem com “H”, assim muitos homens assumem riscos que interferem em suas condições de saúde a fim de tornarem aceitáveis suas performances sociais (SOARES, 2019, p. 24).

Cumpre-se ressaltar, ainda, que durante o levantamento foram encontradas duas dissertações, apresentadas na tabela 4, interessadas em discutir a associação espontânea de homens em grupos com o propósito de conversar sobre masculinidades.

Tabela 4 - Pesquisas sobre grupos de homens, sem vínculo direto à temática da violência de gênero

Autoria	Tipo	Ano	Universidade	Programa	Título
GUERRA, Caroline	Dissertação	2021	UNB Brasília, DF	Saúde Coletiva	Grupos de autocuidado para homens no Distrito Federal
SILVA FILHO, Alberto	Dissertação	2021	UNB Brasília, DF	Sociologia	Em busca do outro masculino: grupos de homens no Distrito Federal

Fonte: Elaboração própria.

Ambas as pesquisas demonstram que esses grupos, ainda incipientes, são espaços nos quais ocorrem disputas entre uma multiplicidade de homens, com visões distintas sobre gênero, bem como sobre outras questões. São comuns tensões entre aqueles apegados à uma visão essencialista do gênero e aqueles que defendem outra perspectiva, alinhada ao construcionismo. Assim, ainda que apresentem a possibilidade de debates, problematizações e desconstruções de ideias entre os participantes, esses grupos também são lugar de manifestações conservadoras e/ou preconceituosas. Por isso, há de se manter certa desconfiança quanto às contribuições que eles efetivamente oferecem para o enfrentamento às violências.

Na tabela 5, são compiladas todas as teses e dissertações encontradas que investigam e/ou problematizam as masculinidades a partir de artefatos visuais. São trabalhos que fazem uso das imagens da arte, da moda, do cinema, dos desenhos animados, das telenovelas, da fotografia e da publicidade para pôr em suspeita a “masculinidade” e buscar brechas para pensar outras masculinidades possíveis.

Ainda que nenhuma dessas pesquisas volte o olhar especificamente à questão da violência de gênero, elas contribuem para evidenciar, a partir do interesse em investigar a construção visual das masculinidades manifestado por tantas e tantos pesquisadores situados em distintas partes do país, a importância de trabalhos que considerem as relações entre gênero e visualidades.

Além disso, a diversidade de trabalhos encontrada comprova também que as imagens das masculinidades estão em disputa, entre noções mais alinhadas às normativas de gênero e outras, que buscam se emancipar dessas normas limitadas e limitadoras. Esta constatação reafirma os potenciais educativos (positivos e negativos) das imagens e, no caso específico desta pesquisa, permite pensar como o emprego da montagem como estratégia pedagógica pode ajudar a confrontar discursos distintos e, assim, contribuir com o enfrentamento de violências.

Tabela 5 - Pesquisas que abordam masculinidades a partir de artefatos visuais

Autoria	Tipo	Ano	Universidade	Programa	Título
BALISCEI, João	Tese	2018	UEM Maringá, PR	Educação	Vilões, heróis e coadjuvantes: um estudo sobre masculinidades, ensino de arte e pedagogias Disney
BRANCO, Camila	Dissertação	2018	UECE Fortaleza, CE	Sociologia	“Onde você comprou essa roupa, tinha pra homem?”: o vestuário masculino e ressignificações dos modelos de masculinidade
COSTA, Leonardo	Dissertação	2021	UFPR Curitiba, PR	Comunicação	Seja o Steven que você quer ver no mundo: animação como materialidade para a produção de sentidos sobre masculinidades na série Steven Universe
COUTINHO, Thierry	Tese	2022	PUC-RJ Rio de Janeiro, RJ	Comunicação	Afinal, com quantas identidades se forma o discurso do “novo homem”?: reflexões sobre moda, gênero e representação
DREHMER, Vanessa	Dissertação	2021	UFRGS Porto Alegre, RS	Comunicação	“Fala moleques e bonecas”: masculinidades do youtuber Rezende
FERNANDES, Elyenai	Dissertação	2021	UFPB/UFPE João Pessoa, PB	Artes Visuais	“Se você fosse homem eu te pegaria!”: cultura visual, masculinidades e fotografia de moda
FORTES, Matheus	Dissertação	2022	UEL Londrina, PR	Dissertação	“Mil trutas mil tretas” - homens em situação de rua na mídia: noções de masculinidades em disputa
HAAS, Marcos	Dissertação	2021	UFPB/UFPE João Pessoa, PB	Artes Visuais	Corpo-casa // travessia-túmulo: imagens de masculinidades e processos de subjetivação
LIMA, Gabriela	Dissertação	2020	UFRJ Rio de Janeiro, RJ	Artes Visuais	Ninguém nasce viril, torna-se viril: representações do corpo masculino na arte contemporânea
LORANDI, JOSE	Dissertação	2022	UNIP São Paulo, SP	Comunicação	A objetificação da mulher como traço da masculinidade tóxica na mídia: o caso Dan Bilzerian
NASCIMENTO, Emanuele	Dissertação	2018	UFRPE Recife, PE	Educação, Culturas e Identidades	A pedagogia cultural da telenovela na construção de masculinidades negras
NASCIMENTO, Fagner	Dissertação	2018	PUCRS Porto Alegre, RS	Comunicação Social	Entre aparências e contrastes: imaginário do masculino nas animações Disney
OSPINA ÁLVAREZ, Juan	Tese	2018	UFG Goiânia, GO	Arte e Cultura Visual	Conversações hipervisuais: vamos falar sobre olhares masculinizados?
PERUZZO, André	Dissertação	2019	USP São Paulo, SP	Ciências da Comunicação	Publicidade e tecnologia de gênero: (des/re)construção de representações de masculinidades
REINKE, Carlos	Tese	2020	FEEVALE Novo Hamburgo, RS	Processos e Manifestações Culturais	Cheiro de homem: masculinidades nas campanhas de perfume Calvin Klein
SANTOS, Henrique	Dissertação	2021	UNESPAR Curitiba, PR	Cinema e Artes do Vídeo	O viril e o vulnerável: identidade e masculinidade do homem negro no cinema de ficção
SASSO, Wesley	Dissertação	2018	UTFPR Curitiba, PR	Tecnologia e Sociedade	Masculinidades plurais: um estudo sobre homens dissidentes de gênero e sexualidade no Projeto Chicos
SCHWARZ, Júlia	Dissertação	2020	UFF Niterói, RJ	Comunicação	Desnudando o homem: invenções e reinvenções de masculinidade em práticas fotográficas dos séculos XIX e XX
SILVA, William	Dissertação	2019	UFSM Santa Maria, RS	Artes Visuais	Masculinidades dissidentes: narrativas da nudez na arte contemporânea
VASCONCELOS, Ney	Dissertação	2022	UNIP São Paulo, SP	Comunicação	Ostentação e masculinidade hegemônica no futebol: um estudo sobre as postagens de Neymar no Instagram

Fonte: Elaboração própria

4 Pensando sobre e com a montagem

Muitas visualidades, extraídas da ficção e do cotidiano, contribuem para o reforço e a banalização de comportamentos predatórios, sexistas e violentos de homens perante as mulheres. Isso não significa, como Jean Kilbourne (2000) faz questão de destacar, que as imagens sejam a causa direta da violência. No entanto, elas ajudam “a criar um clima em que certas atitudes e valores florescem” (p. 290, tradução nossa³⁸). Assim, exercem um papel pedagógico, uma vez que sua existência promove, reforça e naturaliza os laços entre “masculinidade” e violência. Nas palavras da autora, “a maioria de nós se torna insensível frente a essas imagens, assim como fica insensível à ladainha diária de notícias de mulheres sendo estupradas, espancadas e mortas” (p. 277, tradução nossa³⁹).

W. J. T. Mitchell (2017, p. 170-171) explica que “a exposição e demolição crítica do poder vil das imagens é tão fácil de ser realizada quanto ineficaz”. Para o autor, “a tarefa social da cultura visual é exercer uma crítica sem o amparo do iconoclasmo” (MITCHELL, 2006, p. 8). A partir desses dois fragmentos do pensamento de Mitchell, se torna perceptível a necessidade de trabalhar com as imagens, ainda que discordemos ou repudiemos seus discursos.

Diante de visualidades que cristalizam uma série de visões e noções nocivas a respeito da “masculinidade”, o estímulo ao pensamento crítico junto aos homens pode contribuir para a criação de novos sentidos acerca do seu gênero, de modo a reconhecer os problemas inerentes a certas ideias e ideais às quais eles são impelidos a subscrever na busca por adequação e aceitação. Sugerimos, então, que promover rupturas com o olhar anestesiado e com a observação irrefletida das imagens pode contribuir para a subversão do papel pedagógico costumeiramente exercido por elas e, desse modo, para o enfrentamento à violência de gênero.

Para isso, é necessário ir além da discussão sobre os “poderes” exercidos pelas imagens no reforço de noções acerca do gênero que fomentam violências. bell hooks (2021, n.p.) nos ensina que “quando apenas apontamos o problema, quando expressamos nossa queixa sem foco construtivo na resolução, afastamos a

³⁸ No original: “to create a climate in which certain attitudes and values flourish” (KILBOURNE, 2000, p. 290).

³⁹ No original: “Most of us become numb to these images, just as we become numb to the daily litany in the news of women being raped, battered, and killed” (KILBOURNE, 2000, p. 277).

esperança”. Logo, precisamos pensar criticamente sobre a realidade que está posta sem deixar de envidar esforços para a construção de outras realidades e, também, de considerar os avanços que vêm sendo logrados nesse sentido.

Neste trabalho, as imagens são tomadas não como arqui-inimigas, por reproduzirem ideias nocivas que desencadeiam a problemática na qual se busca intervir (ainda que não se negue que também possam exercer esse papel), mas como possíveis aliadas na missão de problematizar, em um contexto educativo, as estreitas normativas de gênero e seus efeitos.

Mas como explorar o potencial pedagógico das imagens para fomentar reflexões e discussões sobre a violência de gênero? Há uma abordagem tradicional, a qual foi cogitada na etapa inicial desta pesquisa: a de organizar palestras em que elas fossem apresentadas e discutidas, com a intenção de levar essas imagens aos homens, esperando despertar neles a repulsa diante das representações de violência. Entretanto, durante o processo de construção do trabalho, a eficácia dessa proposta foi posta em questão⁴⁰. Será que essa estratégia seria o suficiente para instigar os homens a pensar sobre os atravessamentos do gênero e da violência em suas próprias vidas? A leitura do trecho abaixo, reproduzido a partir do pensamento de Paul Kivel (1998, p. 160-164, tradução nossa⁴¹), importante autor engajado em trabalhos com homens sobre a questão da violência de gênero, dá pistas de que não:

Um grupo de nós desenvolveu uma apresentação de slides para mostrar aos grupos de homens. Utilizamos imagens de pornografia, capas de discos, anúncios em revistas e histórias em quadrinhos. A maioria das imagens que mostramos eram fotos de mulheres sendo humilhadas, amarradas, espancadas ou estupradas. Nossa motivação era transmitir horror, choque e indignação com a violência das imagens. [...] Levamos nossa apresentação [...] para diversos grupos de homens. Alguns homens ficaram chocados e indignados, outros não. O choque e a indignação não levaram necessariamente os homens a um compromisso contínuo e a uma ação para acabar com a violência, nem ajudaram nosso público a entender como o sistema da violência masculina funciona, ou como isso os afeta pessoalmente.

⁴⁰ Aqui, cabe lembrar o que escreve bell hooks (2020a, p. 110): “a palestra é o momento de ensino que mais promove passividade e desencoraja a participação de aprendizes”.

⁴¹ No original: “A group of us developed a slide show to be shown to men's groups. We took images from pornography, record covers, magazine ads, and comic books. Most of the images we showed were pictures of women being humiliated, bound, beaten, or raped. Our motivation was to convey horror, shock, and outrage at how violent the images were. [...] We took our presentation [...] to many different men's group. Some men were shocked and outraged, others weren't. Shock and outrage did not necessarily lead men to sustained commitment and action to end violence. Nor did it help our audiences understand how the system of male violence worked, or how it affected them personally” (KIVEL, 1998, p. 160-164).

Optamos, então, repensar os caminhos a serem trilhados nesta pesquisa. Uma importante contribuição veio do pensamento de Georges Didi-Huberman (2018a). O autor argumenta que “as imagens, por mais terrível que seja a violência que as instrumentaliza, não estão todas do lado inimigo” (p. 98). Para ele, é fundamental, então, “opor ao poder das imagens outras imagens que liberam a potência do olhar” (p. 121). Didi-Huberman (2007) propõe, diante das imagens, “dialetrizar as posições, o que não significa encontrar um meio termo, mas reconhecer que há imagens repugnantes que precisam ser violentamente criticadas, mas que nem todas as imagens são assim” (p. 18, tradução nossa⁴²). Desse modo, o autor recomenda “procurar as [imagens] que podem nos ajudar a pensar” (p. 18, tradução nossa⁴³) e, a partir do trabalho com elas, construir um “conhecimento por montagem” (p. 19, tradução nossa⁴⁴).

Recorrer à montagem, para Didi-Huberman (2018a), possibilita a realização de “uma verdadeira crítica da violência conduzida através das ‘imagens do mundo’, admitindo que a violência começa, com frequência, pela instalação de dispositivos aparentemente ‘neutros’ e ‘inocentes’”⁴⁵ (p. 104). Esse procedimento possibilita o uso das imagens não meramente para expor a violência, mas para tornar visíveis e desestabilizar os processos através dos quais ela é instaurada. O autor propõe “mostrar as coisas e montá-las, remontá-las com cada vez mais precisão, para que a injustiça grite por ela mesma, objetivamente, na cruzeza ou na crueldade de seus dispositivos” (p. 136). No trato com “imagens de guerra”⁴⁶ (p. 117), o trabalho de montagem convida a “refletir, para além de qualquer repulsa emotiva, não apenas em relação ao que acabamos de ver, mas também às condições – factuais, institucionais, técnicas, políticas – que tornaram possível um tal acontecimento” (2018a, p. 161).

⁴² No original: “dialetrizar las posiciones, lo cual no significa encontrar la calle de en medio, sino reconocer que hay imágenes repugnantes que hay que criticar violentamente, pero que no todas las imágenes son así” (DIDI-HUBERMAN, 2007, p. 18).

⁴³ No original: “buscar las [imágenes] que nos pueden ayudar a pensar” (DIDI-HUBERMAN, 2007, p. 18).

⁴⁴ No original: “conocimiento por el montaje” (DIDI-HUBERMAN, 2007, p. 19).

⁴⁵ Pensamento que converge com o de Marie-José Mondzain (2009, p. 18) quando descreve, no contexto da discussão sobre imagem e violência, a existência de “visibilidades sem palavra, alimentadas por um discurso ensurdecido”.

⁴⁶ Sobre as “imagens de guerra”, escreve Didi-Huberman (2018a, p. 117) que elas “não [são] imagens para representar a guerra, mas imagens para fazer a guerra”. Retomando a expressão “guerra contra as mulheres” utilizada na introdução deste trabalho a partir de Rita Segato (2016) e Verónica Gago (2020), torna-se necessário pensar como as imagens são exploradas para “fazer” essa guerra.

Com base nessas reflexões, decidimos convidar os sujeitos do grupo, em uma mesa de montagem coletiva e digital, a trazer, juntar e confrontar imagens que acreditassem contribuir para pensar e discutir sobre as normas de gênero e as violências que elas embasam.

Mas de que falamos quando usamos o termo *montagem*? No contexto brasileiro, no qual *memes* e *fake news* estão na pauta do dia, essa palavra muitas vezes é utilizada para nomear imagens *manipuladas* e *manipuladoras*, cuja produção através de ferramentas digitais cada vez mais sofisticadas tem um fim específica, que pode variar dentre o riso e a desinformação. Aqui, não é disso que se trata. Tomado a partir do pensamento de Georges Didi-Huberman, esse procedimento trata da *manipulação* de imagens, no sentido de um trabalho não nelas, mas com elas. Não se busca impor uma narrativa (cômica ou falsa) sobre as imagens a partir de sua manipulação. A coleta e justaposição delas serve para deflagrar processos abertos de construção do conhecimento. Assim, as montagens nos mobilizam, seja como montadores ou como observadores, a pensar.



Figura 3 - Capturas de tela do 26º episódio da 5ª temporada do desenho animado *Os Jovens Titãs em Ação!*, intitulado *Esses meninos soviéticos*
Fonte: Cartoon Network

Em um episódio da série animada *Os Jovens Titãs em Ação!* (2019), os personagens têm uma discussão divertida sobre a montagem. Eles desejam comer brócolis, mas o tempo para ferver a água e cozinhar o vegetal os aflige: 7 minutos. “É tempo demais!”, comenta Estelar. “Não tem um jeito mais rápido?”, questiona

Ravena. “Podemos fazer uma montagem”, responde Ciborgue. Questionado sobre o que seria uma montagem, ele explica: “Técnica cinematográfica inventada pelo soviético Sergei Eisenstein para condensar cenas chatas e repetitivas e insinuar a passagem do tempo”. Observando o semblante confuso das colegas, simplifica Mutano: “É um jeito de pular a parte chata!”. Elas compreendem e comemoram. Em segundos, os brócolis estão prontos para o consumo. “Parece que o tempo voou!”, exclama Ravena. “É o poder da montagem!”, conclui Ciborgue. Os personagens ficam, então, viciados na montagem. Aprendizado de artes marciais, de francês e de programação de computadores, limpeza da casa e conserto do carro: todas as tarefas difíceis, que demandam tempo e esforço, poderiam ser executadas rapidamente através da montagem. No entanto, quando precisam, diante de um rival, pôr em prática seus conhecimentos em artes marciais, eles descobrem que tomar esse atalho não foi uma boa ideia. Robin, que tentou adverti-los desde o início sobre os perigos da gratificação instantânea obtida pelo uso da montagem, explica que os resultados esperados por eles não foram obtidos porque existiram apenas os breves trechos em que os personagens executam partes das tarefas, os quais aparecem na montagem. Os intervalos entre essas ações não foram preenchidos com trabalho, logo, as tarefas não foram de fato executadas. A montagem os (e nos) iludiu.

O que podemos aprender sobre a montagem com essa animação? Nela, a montagem é apresentada como uma forma de recortar e reunir imagens, a fim de construir e transmitir ideias. Por outro lado, também é apresentada a ideia de que, fazendo uso desse procedimento, algo se perde no salto de uma imagem para a outra. A partir desse exemplo, compreendemos que a montagem mostra imagens, mas não todas as imagens que poderiam ser vistas. Toda montagem é feita de escolhas.

Ao valorizarmos a montagem enquanto uma forma de produção de conhecimento, é fundamental atenção para que esse procedimento não sirva para canalizar imagens e ideias com o propósito de convencer, quaisquer que sejam os fins. As escolhas feitas no processo de construção das montagens precisam ser orientadas rumo ao objetivo de dar a ver e a pensar. O potencial da montagem reside em sua capacidade de mediar e estimular o pensamento.

4.1 O que é montagem?

Neste trabalho, o conceito de montagem será tomado a partir do pensamento de Georges Didi-Huberman. Em um esforço para compreender a definição de montagem proposta pelo autor, reunimos suas palavras sobre esse procedimento, espalhadas em sua vasta obra. A montagem, em seus textos, é recorrente não apenas como assunto, mas também como forma de pensar. Daniela Campos (2017, p. 270) define o autor como “alguém que parece não cessar de encaixar e desencaixar imagens”. Para Daniel Villamediana (2020, p. 243-244, tradução nossa⁴⁷), “montagem” no pensamento didiherbermaniano é um termo que

se refere tanto a uma teoria sobre as afinidades, correspondências, choques e intervalos entre imagens (em resumo, diferentes formas de criar conexões entre elas em busca de um conhecimento que só é visível através da montagem), quanto a uma prática em si mesma (trabalhar diretamente com imagens em um painel ou para um salão de exposições).

Chari Larsson (2020, p. 152, tradução nossa⁴⁸) explica que “em nenhum momento Didi-Huberman se envolve em uma discussão detalhada sobre a montagem, preferindo concentrar-se em suas capacidades epistemológicas como um modo de disrupção”. Alison Smith (2021, p. 37, tradução nossa⁴⁹) acrescenta que os escritos didiherbermanianos sobre a montagem constituem uma “exploração, em expansão contínua, de suas implicações e suas possibilidades”.

Ao longo dos anos, o autor discutiu o procedimento da montagem a partir de trabalhos como os de Aby Warburg, Walter Benjamin, Georges Bataille, Bertold Brecht, Jean Luc Godard, Serguei Eisenstein e Harun Farocki. Nesta pesquisa, não há a pretensão de fazer uma análise cronológica de suas publicações, a fim de compreender como esse conceito permeia seu pensamento no curso do tempo⁵⁰.

⁴⁷ No original: “se refiere tanto a una teoría sobre las afinidades, correspondencias, choques e intervalos existentes entre imágenes (en definitiva, distintas formas de crear conexiones entre ellas en busca de un conocimiento que únicamente es visible gracias al montaje), como a una práctica en sí (trabajar directamente con imágenes sobre un panel o para una sala de exposiciones)” (VILLAMEDIANA, 2020, p. 243-244)

⁴⁸ No original: “at no point does Didi- Huberman get drawn into a detailed discussion of montage, preferring to concentrate on its epistemological capabilities as a mode of disruption” (LARSSON, 2020, p. 152).

⁴⁹ No original: “continually expanding exploration of its implications and its possibilities” (SMITH, 2021, p. 37).

⁵⁰ Tarefa árdua empreendida, por exemplo, por Daniel Villamediana (2020) em sua tese, *El conocimiento por montaje: la supervivencia del pensamiento de Aby Warburg en la obra de Georges Didi-Huberman*, na qual estuda o desenvolvimento desse conceito dentro do pensamento do autor a partir de textos publicados no período entre 1992 e 2002.

Também não intentamos nos deter nos trabalhos a partir dos quais o autor constrói e explica seu pensamento sobre a montagem. Para a construção de nossa ação pedagógica, interessou compreender o conceito de montagem e investigar por que e como pensar sobre as visualidades a partir desse procedimento pode contribuir para a construção de conhecimento.

Elisandro Rodrigues (2020, p. 185), na tese *Montagem: por uma escrita em Educação*, assevera que “catar citações de autores é uma das formas de montarmos o pensamento através da experiência da escrita”. As páginas a seguir recorrem, em larga medida, a esse procedimento, a fim de montar, a partir dos escritos de Georges Didi-Huberman, bem como dos textos de quem comenta e critica seu trabalho, ideias chave sobre o conceito de montagem e a sua operacionalização.

Didi-Huberman compreende a montagem “como método e como forma de conhecimento” (2017a, p. 132). Para o autor, a montagem “é aquilo que põe as coisas em relação, para que possamos vê-las” (2017c, p. 50, tradução nossa⁵¹). Para isso, a montagem “faz surgir e agrupa [...] formas heterogêneas ignorando qualquer ordem de grandeza e hierarquia, isto é, projetando-as num mesmo plano de proximidade” (2017b, p. 81). Essa relação entre as imagens, entretanto, não pode ser reduzida “à alternativa entre simples equivalência (essas duas imagens estão lado a lado porque querem dizer a mesma coisa) e simples oposição (essas duas imagens estão lado a lado porque querem dizer o contrário)” (2018a, p. 160), porque a montagem “funciona como um ato de recolher e de ler [...] a diversidade das coisas” (2018a, p. 158-159).

Didi-Huberman esclarece que “a montagem é uma prática, uma técnica, uma grande arte da dialética” (2017c, p. 56, tradução nossa⁵²). Em outra ocasião, escreve que “ela é a arte de tornar a imagem dialética” (2020, p. 198). A montagem implica “uma dialética do montador, ou seja, daquele que ‘des-põe’⁵³, separando e depois rejuntando seus elementos no ponto de sua mais improvável relação” (2012, p. 141). Nesse sentido, “a montagem separa coisas habitualmente reunidas e conecta as coisas habitualmente separadas” (2017b, p. 123), o que significa tanto “separar, re-

⁵¹ No original: “es aquello que pone las cosas en relación para que las veamos” (DIDI-HUBERMAN, 2017c, p. 50)

⁵² No original: “el montaje es una práctica, una técnica, un gran arte de la dialéctica” (DIDI-HUBERMAN, 2017c, p. 56).

⁵³ Didi-Huberman (2012, p. 138) explica que “só se mostra desmembrando, só se expõe dispondo, só se dispõe ‘despondo’ primeiro”. “Despor”, desse modo, significa desmontar a ordem instaurada, normalizada, a fim de remontar novas possibilidades.

cindir as coisas que pareciam evidentes” (2018a, p. 103), quanto “aproximar sobre um plano coisas que, em outro plano, parecem se opor” (2018a, p. 103). Consiste, desse modo, em “uma dupla operação [...] de refissura e de ligação, de separação e de contiguidade” (2018a, p. 148), a qual “cria novos agrupamentos entre ordens de realidade pensadas espontaneamente como muito diferentes” (2017b, p. 64). Em face disso, ela contribui para “desarticular nossa percepção habitual das relações entre as coisas ou as situações” (2017b, p. 64), produzindo “uma modificação, uma abertura de nosso olhar” (2008, p. 10, tradução nossa⁵⁴) por meio de “montagens sensíveis que muitas vezes servem para levantar novas questões de inteligibilidade” (2008, p. 10-12, tradução nossa⁵⁵).

A montagem, para Didi-Huberman, “se encarrega da mostraçãõ das diferenças” (2020, p. 197), sendo uma “ferramenta destinada a manter as intrincações e, portanto, a fazer perceber as sobredeterminações em ação na história das imagens” (2013a, p. 387). Trata-se, então, de “pôr o múltiplo em movimento, de não isolar nada, de fazer surgir os hiatos e as analogias, as indeterminações e as sobredeterminações em jogo nas imagens” (2020, p. 173). A manipulação das imagens valoriza “suas diferenças, seus choques mútuos, suas confrontações, seus conflitos” (2017b, p. 79), por meio dos quais busca “os recursos, as alternativas, os contra-assuntos, as bifurcações, as objeções de imagens, às imagens que nos circundam” (2018a, p. 118). Esse processo “não absorve as diferenças, pelo contrário, acusa-as: não tem, portanto, nada a ver com uma síntese ou com uma ‘fusão’ das imagens” (2020, p. 198). Desse modo, “as diferenças desenham configurações e [...] as dessemelhanças criam, juntas, ordens não percebidas de coerência” (2013a, p. 399), suscitando “diálogos, confrontos, colisões de imagens contra imagens” (2018a, p. 164). Dito de outra forma, a montagem “cria relações com diferenças, lança pontes acima de abismos que ela mesma abriu” (2017b, p. 224).

A montagem é, para Didi-Huberman, um “jogo de relações” (2018a, p. 128) que “não procura reduzir a complexidade, mas mostrá-la, expô-la, desdobrá-la de acordo com uma complexidade em outro nível de interpretação” (2013a, p. 415). Ela viabiliza a abertura de “um espaço para novas possibilidades ou legibilidades”

⁵⁴ No original: “une modification, une ouverture de notre regard” (DIDI-HUBERMAN, 2008, p. 10).

⁵⁵ No original: “montages sensibles qui servent souvent à poser de nouvelles questions d’intelligibilité” (DIDI-HUBERMAN, 2008, p. 10-12).

(2018a, p. 146), colocando “em movimento novos ‘espaços de pensamento’” (2018b, p. 291).

Chari Larsson (2020) explica que a montagem é concebida no pensamento didihermaniano como “uma ferramenta ou mecanismo para a produção de conhecimento” (p. 152, tradução nossa⁵⁶), uma vez que “é através da montagem e da colisão de imagens que novos diálogos e novos relacionamentos são criados” (p. 158, tradução nossa⁵⁷). A autora destaca a capacidade da montagem de “conjurar relações inesperadas e dar forma a afinidades antes despercebidas” (p. 158, tradução nossa⁵⁸). Sobre o trabalho com a montagem, Paulo Reyes (2018) reitera que o potencial desse procedimento não reside nem em “relacionar um número maior de referências” (p. 39), nem na “simples disposição das imagens” (p. 40), mas sim em seu potencial de “produzir o choque entre imagens” (p. 39) e, assim, fazer aparecer “as diferenças e os possíveis conflitos” (p. 40), produzindo um estranhamento que “rompe com qualquer realidade que nos pareça familiar e conhecida para remeter a um campo de possibilidades que antes não eram vistas” (p. 40). Em convergência com os pensamentos de Larsson e Reyes, Elisandro Rodrigues (2020) sublinha o potencial latente da montagem para a “produção de um pensamento diferencial” (p. 318) a partir do ato de “juntar imagens que inventem outras e novas relações” (p. 321).

Didi-Huberman enfatiza que “a imagem adquire uma legibilidade que decorre diretamente das escolhas de montagem” (2020, p. 199), uma vez que “a diferença e a ligação com o que ocasionalmente a cerca” (2020, p. 204) contribuem para a construção de sentidos. Em virtude disso, as imagens são “‘montáveis’ [...] ao infinito” (2015b, p. 398), haja vista que “podemos mostrar, podemos montar, as coisas de outra forma e com outros objetivos” (2017c, p. 51, tradução nossa⁵⁹). Há sempre a possibilidade de “montar, desmontar e remontar um corpus de imagens heterogêneas a fim de criar configurações inéditas e captar nelas certas afinidades que passaram despercebidas ou certos conflitos que ali operam” (2018b, p. 290).

⁵⁶ No original: “a tool or mechanism for producing knowledge” (LARSSON, 2020, p. 152).

⁵⁷ No original: “it is through montage and collision of images that new dialogues and new relationships are created” (LARSSON, 2020, p. 158).

⁵⁸ No original: “to conjure unforeseen relations and give form to previously unnoticed affinities” (LARSSON, 2020, p. 158).

⁵⁹ No original: “podemos mostrar, podemos montar, las cosas de otro modo y con otros objetivos” (DIDI-HUBERMAN, 2017c, p. 51).

Dentro do pensamento de Didi-Huberman, a montagem é tomada como “uma arte para conhecer e tomar posição ao mesmo tempo” (2018a, p. 139). É uma tomada de posição “de cada imagem diante das outras, de todas as imagens diante da história” (2017b, p. 111). Mas não somente. A montagem também convida quem a observa a “comparar por si mesmo todas essas imagens” (2018a, p. 166), em “um ato de julgamento e de conhecimento, que apela para uma constante tomada de posição face ao material específico e, em consequência, às imagens da história em geral” (2018a, p. 166). Para o autor, mostrar, dar a ver, é um ato que serve para “abrir o sentido (a significação) aos sentidos (às sensações) aguçados do espectador” (2018a, p. 133), fazendo deste “um montador potencial capaz de desenvolver, sobre as imagens que ele contempla, sua própria ‘leitura pessoal’” (2018a, p. 138). Essa tomada de posição comentada por Didi-Huberman é indicativa do valor político da montagem: “o de tomar posição quanto ao real, modificando, justamente, de maneira crítica, as respectivas posições das coisas, dos discursos, das imagens” (2017b, p. 101).

Paola Jacques (2018, p. 218) reitera que “o complexo processo de montagem-desmontagem-remontagem pode ser pensado [...] como uma forma de ação política, por ser [...] uma forma de desmontagem do status quo, das certezas mais consolidadas”. Alison Smith (2020, p. 62, tradução nossa⁶⁰) chama a atenção, no entanto, para o fato de que “o mero ato de montagem, se não for realizado com o rigor político necessário, está longe de ser infalivelmente progressista”.

Didi-Huberman esclarece que o conhecimento através da montagem é “pejado de tesouros”, mas, também, “repleto de armadilhas” (2020, p. 173). Ele explica que o “saber-montagem” (2013b, p. 21) é um “conhecimento delicado, como tudo o que diz respeito às imagens” (2020, p. 174). Escreve o autor:

Uma montagem será sempre problemática: sempre questionável e sempre aberta à crítica, pois cada maneira de montar imagens aparece como uma escolha de pensamento, caso a caso, uma decisão tomada no estabelecimento de certas relações entre certas coisas... (DIDI-HUBERMAN, 2021, p. 273)

Na esteira da exposição de Didi-Huberman sobre os riscos inerentes à montagem, cumpre-se apresentar as ressalvas a esse procedimento e às formas

⁶⁰ No original: “the mere act of montage, if not carried out with the necessary political rigour, is far from unfailingly progressive” (SMITH, 2021, p. 62).

pelas quais ele é conduzido expressadas por pensadores influentes no campo da cultura visual, como W. J. T. Mitchell e Jacques Rancière.

W. J. T. Mitchell (2020) demonstra preocupações com uma certa “febre do atlas” (p. 104, tradução nossa⁶¹), na qual a montagem “dá a impressão de que somos capazes de ver e compreender uma totalidade complexa num relance” (p. 104, tradução nossa⁶²). O autor considera problemática a compreensão das imagens como sintomas, evidências ou pistas – o que, em sua visão, equipararia quem as monta a psiquiatras, detetives ou teóricos da conspiração buscando revelar segredos. Logo, para o autor, o dilema da montagem está “no padrão que é encontrado, descoberto ou inventado” (p. 114, tradução nossa⁶³) pelos montadores. Em seu artigo, que atribui à prática de interpretação de montagens um status equiparável ao da loucura, Mitchell introduz o termo clínico “apofenia” (p. 114, tradução nossa⁶⁴), que se refere à “percepção espontânea de conexões e significados entre fenômenos não relacionados” (p. 114, tradução nossa⁶⁵). A partir disso, sublinha o que considera “a incerteza epistemológica dos apofenistas: eles estão apenas iludidos, ou têm uma visão real do padrão oculto no conjunto de evidências?” (p. 114, tradução nossa⁶⁶).

Uma resposta possível a essas críticas é que, no pensamento de Didi-Huberman (2012, p. 141), a montagem atua “desorganizando – e não explicando – as coisas”. Alison Smith (2020, p. 73, tradução nossa⁶⁷) argumenta que a montagem “não oferece nenhuma conclusão, muito menos revelação, mas expõe continuamente novas variações da natureza conflituosa da realidade”. Paola Jacques (2018) ressalta que, ao explorar esse procedimento, “o importante não seria qualquer tipo de resultado final fixo, mas sim o próprio processo aberto, uma renúncia do fixar” (p. 212), constituindo a montagem, assim, “uma forma de conhecimento processual construído pela própria prática” (p. 219). Paulo Reyes

⁶¹ No original: “atlas fever” (MITCHELL, 2020, p. 104).

⁶² No original: “provides the impression that we are able to see and comprehend a complex totality at a glance” (MITCHELL, 2020, p. 104).

⁶³ No original: “in the pattern that is found, discovered or invented” (MITCHELL, 2020, p. 114).

⁶⁴ No original: “apophenia” (MITCHELL, 2020, p. 114).

⁶⁵ No original: “spontaneous perception of connections and meaningfulness of unrelated phenomena” (MITCHELL, 2020, p. 114).

⁶⁶ No original: “the epistemological uncertainty of the apophenic: are they just deluded, or do they have a real insight into the hidden pattern in the array of evidence?” (MITCHELL, 2020, p. 114).

⁶⁷ No original: “offers no conclusion, much less revelation, but continually opens out new variations of the conflictual nature of reality” (SMITH, 2020, p. 73).

(2018, p. 38) arremata que o valor da montagem “está longe da clausura de sentido ou qualquer outra possibilidade de fechamento”, sendo impossível “admitir a totalidade nas montagens”.

Jacques Rancière (2018), por sua vez, critica o papel atribuído às palavras no trabalho de Georges Didi-Huberman com as imagens. Nas palavras de Rancière, a dialética nos textos de Didi-Huberman “é realizada de uma forma canônica”, segundo a qual “as palavras devem esclarecer como as imagens operam, sob o disfarce de sua aparente passividade, ou, inversamente, o que elas não mostram, mesmo quando afirmam assegurar um domínio absoluto do visível” (p. 14, tradução nossa⁶⁸). Sobre a montagem, argumenta, de modo similar a Mitchell, que o resultado da operação com ela toma a forma de um “segredo revelado” (p. 16, tradução nossa⁶⁹), fruto de uma “dialética de decifração” (p. 16, tradução nossa⁷⁰) que implica em “ler o que ninguém viu” (p. 14, tradução nossa⁷¹).

Didi-Huberman (2018c, p. 24, tradução nossa⁷²) responde às críticas de Rancière nos seguintes termos:

Não podemos “ler” [...] [imagens] se procurarmos apenas explicá-las ou decifrá-las como uma linguagem padrão: há aqui um vacilar da razão em face das imagens. Poderemos fazer isso – por nossa conta e risco, como sei muito bem – implicando um trabalho de imaginação capaz de encontrar essa “outra dialética” nascida das montagens.

Em seus escritos, Didi-Huberman aposta vigorosamente na imaginação. Ele afirma que “só a imaginação é capaz de montar ou rearticular os elementos oferecidos pela observação” (2015a, p. 19). A montagem é, para ele, uma “atividade em que a imaginação torna-se uma técnica – um artesanato, uma atividade das mãos e de instrumentos – a produzir pensamento no ritmo incessante das diferenças e relações” (2017b, p. 224). O autor esclarece que a imaginação “não tem nada a ver com uma fantasia pessoal ou gratuita. Ao contrário, é um conhecimento transversal que ela nos oferece, por sua potência intrínseca de montagem que

⁶⁸ No original: “is carried out in a canonical form: the words must clarify how images operate, under the guise of their apparent passivity, or, conversely, what they fail to show even when they claim to ensure an absolute mastery of the visible” (RANCIÈRE, 2018, p. 14).

⁶⁹ No original: “revealed secret” (RANCIÈRE, 2018, p. 16).

⁷⁰ No original: “dialectic of decipherment” (RANCIÈRE, 2018, p. 16).

⁷¹ No original: “to read what ultimately no one has seen” (RANCIÈRE, 2018, 14).

⁷² No original: “We cannot ‘read’ [...] [images] if we only seek to explain or decipher them as a standard language: there is here a faltering of reason in the face of images. We will be able to do this – at our own risk and peril, as I know very well – by implicating a labour of the imagination capable of finding this “other dialectic” born out of montages” (DIDI-HUBERMAN, 2018c, p. 24).

consiste em descobrir [...] laços que a observação direta é incapaz de discernir” (2018b, p. 20). Ele acrescenta:

A imaginação aceita o múltiplo e o reconduz constantemente para nele detectar novas “relações íntimas e secretas”, novas “correspondências e analogias”, que serão elas mesmas inesgotáveis, assim como é inesgotável todo pensamento das relações que uma montagem inédita, cada vez, será suscetível de manifestar. (DIDI-HUBERMAN, 2018b, p. 20)

Stijin de Cauwer (2018) explica que Didi-Huberman recorre em seus trabalhos a uma “abordagem dupla – uma abordagem crítica, empírica e uma abordagem envolvida, encarnada, imaginativa, poética, aberta ao inesperado e ao não intencional” (p. 136, tradução nossa⁷³). Sobre o papel da imaginação no pensamento didihermaniano, escreve: “Se a imaginação quebra as matrizes de inteligibilidade, os enquadramentos através dos quais vemos as imagens, é apenas para reordená-las e reconectá-las em novas conexões provisórias e para descobrir novas afinidades” (p. 136, tradução nossa⁷⁴).

Ainda sobre a crítica de Rancière, é importante destacar que Didi-Huberman reconhece que “a palavra final de uma montagem não existe e, sobretudo, não existe na simples exegese ou no comentário verbal, por mais necessário e trabalhado que seja” (2018a, p. 157). No entanto, isso não torna o ato de comentar dispensável, uma vez que, “não se pode jamais deixar as imagens isoladas, não se pode deixá-las dominar nem vagar sozinhas” (2018a, p. 157). Portanto,

não se “resolvem” os “problemas da imagem” pela escritura ou pela montagem. Escritura e montagem permitem, antes, oferecer às imagens uma legibilidade, o que supõe uma atitude duplamente dialética [...]: não cessar de arregalar nossos olhos de crianças diante da imagem (aceitar a provação, o não saber, o perigo da imagem, a falha da linguagem) e não cessar de construir, como adultos, a “conhecibilidade” da imagem (o que supõe o saber, o ponto de vista, o ato da escritura, a reflexão ética). (DIDI-HUBERMAN, 2018a, p. 69-70)

Tendo em vista o conjunto dessas reflexões sobre a montagem, é possível depreender que esse procedimento contribui para a construção de um pensamento crítico e politicamente implicado sobre as imagens. Na ação educativa aqui discutida, a montagem serviu como forma de, na interação com os participantes da pesquisa, dar a ver e convocar a mostrar visualidades implicadas na conformação de

⁷³ No original: “double approach – a critical, empirical approach and an involved, embodied, imaginative, poetic approach, open to the unexpected and the unintentional” (DE CAUWER, 2018, p. 136).

⁷⁴ No original: “If imagination breaks the frames of intelligibility, the frames by which we encounter images, it is only to re-order and reconnect them into new, provisional connections and to discover new affinities” (DE CAUWER, 2018, p. 136).

percepções acerca do gênero. Interessou, sobretudo, enfocar como as imagens contribuem para a produção de masculinidades e das formas como estas se relacionam com a violência, reconhecendo, assim, que “somos montados por discursos que nos atravessam” (RODRIGUES, 2020, p. 325). Tomando como inspiração as palavras e ideias de Georges Didi-Huberman (2015b, p. 351), nossa intenção, no grupo, foi de “montar imagens para deixá-las remontar a nós”.

4.2 Montagem e gênero: alguns estudos de caso

Para evidenciar o potencial da montagem de instigar o pensar sobre as questões de gênero, escolhi para uma breve discussão os livros *Modos de ver*, do autor inglês John Berger, e *Encounters in the virtual feminist museum*, da autora sul-africana Griselda Pollock, a instalação *Some Faggy Gestures*, produzida pelo artista dinamarquês Henrik Olesen, as colagens e cadernos de referência do artista brasileiro Hudinilson Jr., e o projeto *Narrativas que se Encontram*, da artista brasileira Elidayana Alexandrino. O que une trabalhos díspares como os livros de Berger e Pollock, a instalação de Olesen, os cadernos de Hudinilson e os perfis em redes sociais alimentados por Alexandrino é o modo como eles e elas procedem com as imagens, as reunindo, confrontando, tensionando e, a partir disso, intencionalmente ou não, estimulando a reflexão sobre temas que interessam a esta pesquisa: gênero, violência, masculinidades.

Em nota introdutória a *Modos de ver*, de John Berger (1999, p. 7), lê-se: “O livro consiste em sete ensaios numerados. [...] Quatro dos ensaios usam palavras e imagens; três deles, apenas imagens. Os ensaios puramente pictóricos [...] têm a intenção de levantar tantas questões quanto os ensaios verbais”. A partir dessa passagem, torna-se evidente que o autor acredita no potencial das imagens e de sua montagem para a produção de conhecimento.

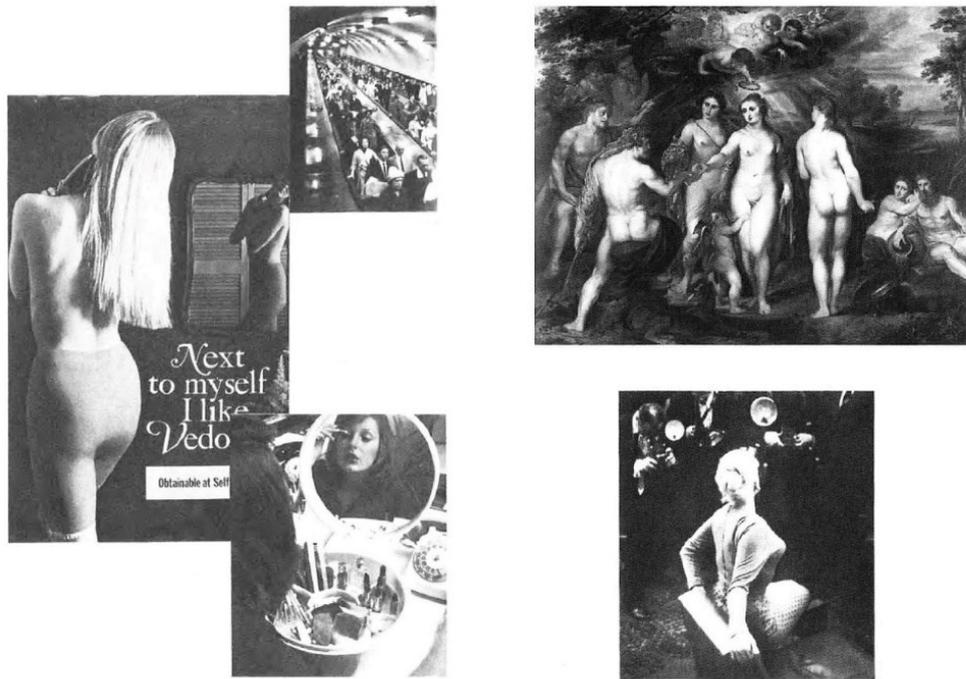


Figura 4 - Páginas 44 e 45 do livro *Modos de ver*, de John Berger
 Fonte: Berger (1999)

Nos ensaios imagéticos de *Modos de ver*, percebemos o aparecimento de justaposições de imagens que evocam ideias as quais também permeiam seus escritos. No que tange à discussão sobre gênero, Berger (1999) está interessado em pensar como as formas de representar homens e mulheres são díspares em função do papel social atribuídos a eles e elas. Seja mostrando ou discutindo imagens – que vão desde pinturas a óleo europeias à publicidade contemporânea à sua escrita –, o autor demonstra como concepções gendradas situam sujeitos, dentro e fora delas, em um jogo de olhares no qual “os homens olham as mulheres. As mulheres veem-se sendo olhadas. Isso determina não só a maioria das relações entre homens e mulheres, mas ainda a relação das mulheres entre elas” (p. 49). Com amparo nas normativas de gênero, os homens são promovidos a portadores preferenciais do olhar, enquanto as mulheres são reduzidas a seu objeto. Objetificadas pelos homens, por outras mulheres e por si mesmas, é patente a desvantagem das mulheres dentro de um modo de ver instituído socialmente.

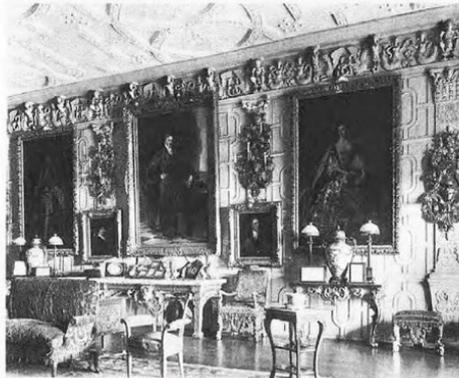


Figura 5 - Páginas 78 e 79 do livro *Modos de ver*, de John Berger
Fonte: Berger (1999)

Escreve Berger (1999, p. 47): “A presença de um homem é dependente da promessa de poder que ele corporifica. [...] O poder prometido pode ser moral, físico, temperamental, econômico, social, sexual – mas seu objeto é sempre exterior ao homem”. Logo, esse é um poder a ser exercido sobre as outras pessoas. Aproveitando esse fragmento textual, e o somando à montagem extraída de *Modos de ver* reproduzida acima, é possível formular alguns questionamentos, os quais podem ajudar a pensar sobre as masculinidades. De onde deriva a ideia do poder masculino? De que modo ela foi, no curso da história, e ainda hoje é construída? Como as imagens contribuíram e ainda contribuem para essa construção? Teria essa autoridade (que, apesar de naturalizada, é ilegítima) alguma correlação com o fenômeno da violência? Se sim, qual?

Em *Encounters in the virtual feminist museum*, Griselda Pollock (2007) propõe a ideia de um “museu feminista virtual”, um espaço imaginário no qual “muitas representações e imagens se encontram em um arquivo expandido através do tempo e do espaço, provocando outras ressonâncias e abrindo caminhos

inesperados” (p. 9, tradução nossa⁷⁵). *Virtual* porque é um “museu que nunca poderia ser atual” (p. 9, tradução nossa⁷⁶) devido às “relações de poder social e econômico dominantes que regem o museu” (p. 9, tradução nossa⁷⁷), as quais tornam uma “análise feminista impossível” (p. 9, tradução nossa⁷⁸). *Feminista* porque “desafia os preconceitos de classe, raça e gênero que sustentam o sistema social atual, apesar de gestos de inclusão e pequenas correções em suas histórias de discriminação” (p. 10, tradução nossa⁷⁹).

Para Pollock (2007, p. 10, tradução nossa⁸⁰), é crucial “a capacidade de analisar o que as obras de arte fazem e dizem, e o que molda esse dizer a nível social ou pessoal”. Explica a autora:

Se abordarmos as obras de arte como proposições, como representações e como textos, ou seja, como locais de produção de significados e de afetos por meio de suas operações visuais e plásticas entre si e para os espectadores/leitores, elas deixam de ser meros objetos a serem classificados por avaliação estética ou por autoria idealizada. As obras de arte pedem para serem lidas como práticas culturais, negociando significados moldados tanto pela história quanto pelo inconsciente. Elas pedem que lhes seja permitido mudar a cultura na qual intervêm. (POLLOCK, 2007, p. 10, tradução nossa⁸¹)

O que Pollock (2007) propõe é um “contra-museu” (p. 11, tradução nossa⁸²), que faça uso da “exposição – mesmo em um livro – como uma oportunidade de encontrar obras de arte montadas por uma lógica feminista, e não falocêntrica” (p. 11, tradução nossa⁸³). Assim, o museu feminista virtual é um “laboratório aberto” (p. 11, tradução nossa⁸⁴), espaço que proporciona “relações exploratórias” (p. 11,

⁷⁵ No original: “many representations and images jostle in an expanded archive across time and space, prompting other resonances and opening out unexpected pathways” (POLLOCK, 2007, p. 9).

⁷⁶ No original: “museum that could never be actual” (POLLOCK, 2007, p. 9).

⁷⁷ No original: “dominant social and economic power relations that govern the museum” (POLLOCK, 2007, p. 9).

⁷⁸ No original: “feminist analysis impossible” (POLLOCK, 2007, p. 9).

⁷⁹ No original: “challenges the assumptions of class, race and gender that underpin the current social system despite gestures of inclusiveness and minor corrections to its histories of discrimination” (POLLOCK, 2007, p. 10).

⁸⁰ No original: “the capacity to analyse what artworks do and say, and what shapes the saying at either social or personal levels” (POLLOCK, 2007, p. 10).

⁸¹ No original: “If we approach artworks as propositions, as representations and as texts, that is as sites for the production of meanings and of affects by means of their visual and plastic operations between each other and for viewers/readers, they cease to be mere objects to be classified by aesthetic evaluation or idealised authorship. Artworks ask to be read as cultural practices negotiating meanings shaped by both history and the unconscious. They ask to be allowed to change the culture into which they intervene” (POLLOCK, 2007, p. 10).

⁸² No original: “counter-museum” (POLLOCK, 2007, p. 11).

⁸³ No original: “exhibition – even in a book – as an opportunity to encounter artworks assembled by a feminist rather than phallogocentric logic” (POLLOCK, 2007, p. 11).

⁸⁴ No original: “open laboratory” (POLLOCK, 2007, p. 11).

tradução nossa⁸⁵), tomando a “exposição como um encontro que abre novas relações críticas entre obras de arte, e entre espectadores e obras de arte” (p. 13, tradução nossa⁸⁶). Nesses encontros virtuais que confabula, a autora explora “uma lógica de diferenciação, uma lógica relativa tanto à formação [do gênero] quanto às potencialidades de dissidência” (p. 14, tradução nossa⁸⁷).

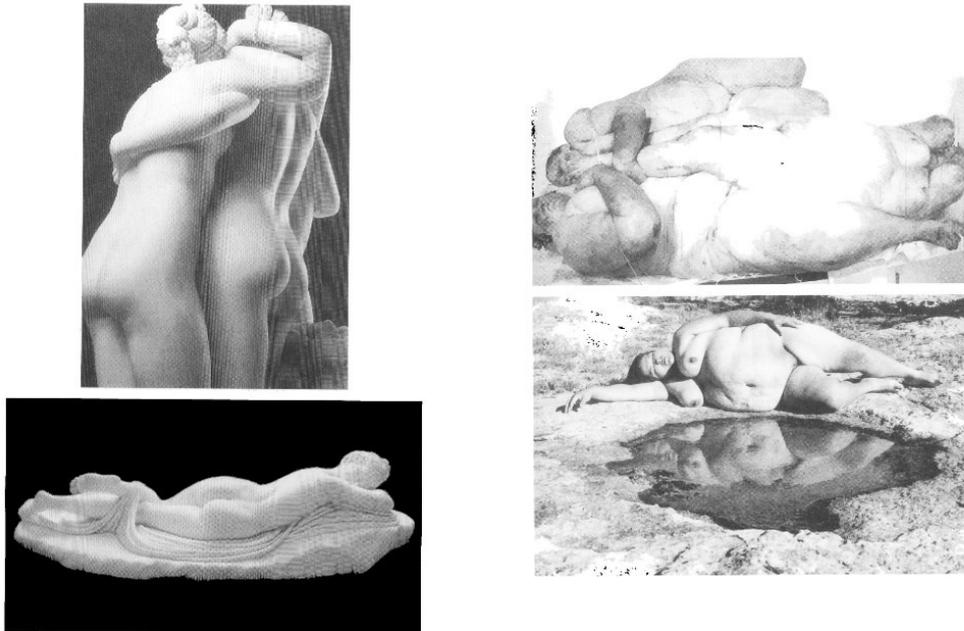


Figura 6 - Páginas 35 e 36 do livro *Encounters in the virtual feminist museum*, de Griselda Pollock
Fonte: Pollock (2010)

Na montagem acima, extraída das páginas de *Encounters in the virtual feminist museum*, Pollock reúne reproduções das esculturas *As Três Graças* (1819), de Antonio Canova, e *Hermafrodita Dormindo* (cópia romana baseada em um original de cerca do século II a.C.), de autoria desconhecida, à pintura *Fulcro* (1998), de Jenny Saville, e à fotografia *Autorretrato da natureza nº 4* (1996), de Laura Aguilar. As imagens postas lado a lado pela autora põe em tensão ideias atreladas à “feminilidade”. A representação canônica da feminilidade sensualizada, objetificada e entregue ao olhar do espectador é contraposta por obras que rompem com as convenções, desestabilizando a ideia da existência de corporeidades “adequadas”

⁸⁵ No original: “exploratory relations” (POLLOCK, 2007, p. 11).

⁸⁶ No original: “exhibition as encounter that opens up new critical relations among artworks, and between viewers and artworks” (POLLOCK, 2007, p. 13).

⁸⁷ No original: “a differencing logic, a logic concerning both the formations of [gender], and the potentialities for dissidence” (POLLOCK, 2007, p. 14).

para as mulheres. Assim, são mostradas possibilidades de feminilidades outras, insubordinadas de diversas formas às normativas e expectativas sociais. As tensões que emergem desta montagem convidam a questionar, no contexto dessa pesquisa: Como se dá a construção da feminilidade a partir das imagens? Como contribuir para a desconstrução de seus aspectos prescritivos que são limitadores e sufocantes? O que aprendemos com os modos em que a pluralidade de mulheres – em identidade de gênero, orientação sexual, raça, etnia, idade, classe social, etc. – aparece representada (por si e por outras pessoas) em imagens? Como os artefatos visuais as estigmatizam, inferiorizam, banalizam a discriminação e a violência contra elas? Como eles contribuem em suas lutas por equidade e justiça?

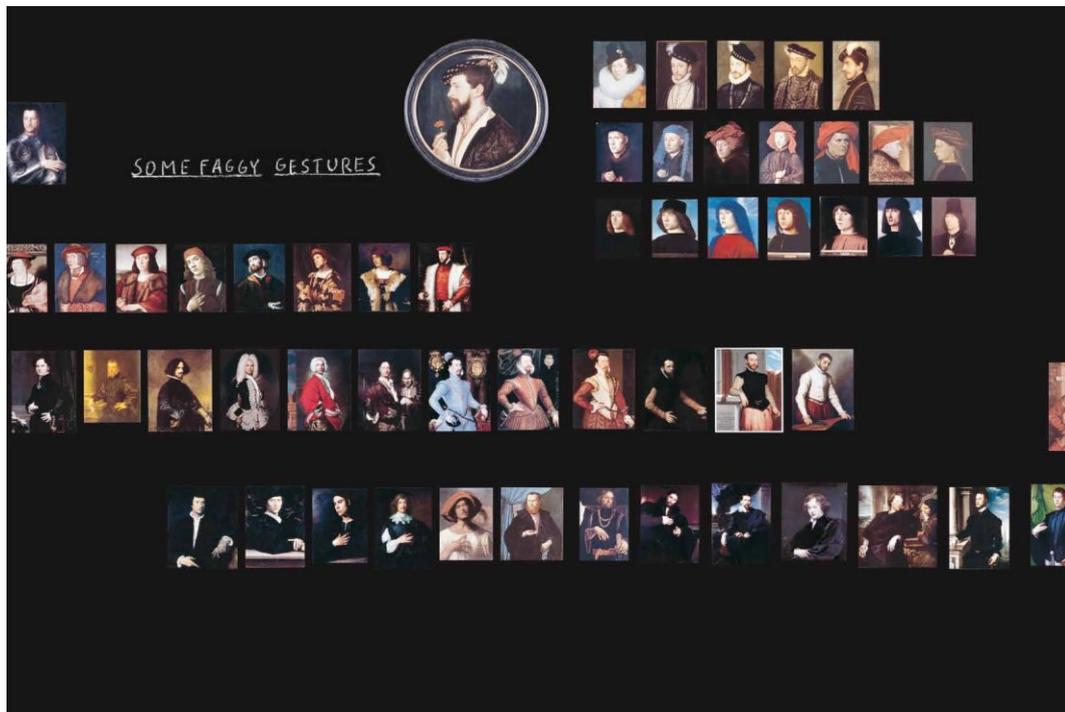


Figura 7 - Fragmento do painel III da obra *Some Faggy Gestures* (2007), de Henrik Olesen
Fonte: Olesen (2013)

Sobre sua instalação em sete painéis intitulada *Some Faggy Gestures*, escreve Henrik Olesen (2013, p. 91, tradução nossa⁸⁸):

Textos e imagens, colocados sobre um fundo preto, são compilados sob títulos que estruturam a experiência de visualização/leitura. O trabalho

⁸⁸ No original: "Texts and images, set off against a black background, are compiled under headings that structure the viewing/reading experience. The work derives its title from the heading of panel III, which surveys five hundred years of aristocratic masculine portraiture to trace the historical arc of "faggy gestures" now codified in contemporary stereotypes of gay male comportment. The seven panels mimic Warburgian systems of visual analysis to produce a homocentric (and self-reflexively ironic) genealogy of Western art" (OLESEN, 2013, p. 91).

deriva seu título do título do painel III, que apresenta quinhentos anos de retratos aristocráticos masculinos para traçar o arco histórico dos “gestos maricas”, agora codificados em estereótipos contemporâneos de comportamento gay masculino. Os sete painéis imitam os sistemas Warburgianos de análise visual para produzir uma genealogia homocêntrica (e autorreflexivamente irônica) da arte ocidental.

Para Helena Tatay (2019), o trabalho de Olesen visa desmontar “a ficção da heteronormatividade e introduzir a história homossexual em discursos que normalmente a excluem, porque a luta pelo poder discursivo está diretamente relacionada à visibilidade” (p. 14, tradução nossa⁸⁹). Para isso, “durante anos, em resposta à invisibilidade da cultura gay no mundo ao seu redor e a uma história da arte na qual os homossexuais foram silenciados, Olesen coletou imagens que lhe pareceram queer” (p. 18, tradução nossa⁹⁰). A autora acrescenta que

o projeto presta homenagem ao Atlas Mnemosyne de Aby Warburg, não apenas em sua apresentação formal – imagens agrupadas em painéis pretos –, mas também no fato de escolher e classificar as imagens de acordo com sua própria “gramática”, criando um novo atlas: uma possível cartografia de imagens homossexuais na história da arte e da representação. (TATAY, p. 18, tradução nossa⁹¹)

Grande parte das imagens utilizadas por Olesen são reproduções de gravuras, pinturas e esculturas oriundas do campo das artes visuais. Renate Lorenz (2012) explica que “estas imagens, que já haviam sido submetidas a várias categorizações (estilos, escolas de pintura, séculos, preços alcançados em leilões, proprietários, museus onde são mostradas) estão agora sujeitas a novos arranjos” (p. 114, tradução nossa⁹²). Assim, a maioria dessas imagens já é familiar às pessoas devido à sua ampla circulação, mas, na obra de Olesen, elas são rearranjadas de um modo que sugere que sejam observadas desde uma outra perspectiva:

as imagens estão separadas de seu contexto histórico e dos meios habituais para entendê-las; há um certo distanciamento em relação à história. Elas são compiladas em um novo tipo de disposição, sem transformá-las “em história” novamente. A compilação das imagens e as

⁸⁹ No original: “the fiction of heteronormativity and introduce homosexual history into discourses that usually exclude it, because, in the end, the struggle for discursive power is directly related to visibility” (TATAY, 2019, p. 14).

⁹⁰ No original: “for years, in response to the invisibility of gay culture in the world around him and to an art history in which homosexuals had been silenced, Olesen collected images that seemed to him queer” (TATAY, 2019, p. 18).

⁹¹ No original: “the project pays homage to Aby Warburg’s Mnemosyne Atlas, not just in its formal presentation – images grouped on black panels – but also in the fact that it sorts and classifies the images according to its own ‘grammar,’ creating a new atlas: one possible cartography of homosexual images in the history of art and representation” (TATAY, 2019, p. 18).

⁹² No original: “these images, which had already been subject to various categorizations (styles, painting schools, centuries, price attained at auction, owners, museums where they are shown) are now subject to new arrangements” (LORENZ, 2012, p. 114).

categorias organizacionais rejeitam a forma auto evidente que os espectadores nos museus geralmente organizam estas imagens em uma história da heterossexualidade, da família, da soberania, da antiguidade e do cristianismo. (LORENZ, 2012, p. 111, tradução nossa⁹³)



Figura 8 - Fragmento do painel II da obra *Some Faggy Gestures* (2007), de Henrik Olesen
 Fonte: <https://migrosmuseum.ch/produkte/plakat-henrik-olesen-some-gay-lesbian-artists-and-or-artists-relevant-to-homo-social-culture-born-between-c-1300-1870-sex-museum-2005-2007>

⁹³ No original: “the images are detached from their historical context and the usual means of understanding them; there is a certain distancing from history. They are compiled into a new kind of standing without turning them “into history” again. The compilation of images and organizational categories does away with the self-evident way that viewers in museums usually organize these images into a history of heterosexuality, the family, the sovereign, the ancient, and Christianity” (LORENZ, 2012, p. 111).

Lorenz (2012) reitera que, em *Some Faggy Gestures*, “a compilação [de imagens] não segue nenhuma cronologia temporal, mas, em vez disso, traça uma semelhança entre os gestos ou situações representados” (p. 110, tradução nossa⁹⁴). Essas similaridades são organizadas em torno dos títulos de cada um dos sete painéis⁹⁵, que fornecem pistas para a navegação nas imagens e nos textos agrupados na montagem de cada um deles. Acerca de um trecho do painel III, intitulado *Dominance*, o autor apresenta o trabalho de Olesen como uma forma montar imagens do passado e do presente, da arte e de outras fontes, de modo a suscitar interpretações que rompem com modos de ver tradicionais:

O quadro “Dominance” mostra esculturas, desenhos, pinturas e fotografias que frequentemente apresentam dois homens, dos quais um está ajoelhado diante do outro, que está o chutando, derrubando ou golpeando. [...] Essas imagens são, no entanto, complementadas no painel por uma fotografia anônima, sem qualquer legenda, que obviamente deriva do presente, mas não de qualquer contexto artístico. A disposição dos dois corpos nesta foto é notavelmente semelhante à das esculturas históricas mostradas, ao mesmo tempo em que mostra claramente uma cena sadomasoquista, sugerindo, assim, as práticas sadomasoquistas como modelo para “compreender” as outras ilustrações. (LORENZ, 2012, p. 111-112, tradução nossa⁹⁶)

A partir dessa análise, Lorenz (2012) aponta que o trabalho de Olesen “reescreve a história a partir da perspectiva das práticas atuais de gênero e de futuridades queer” (p. 113, tradução nossa⁹⁷). De obras como essa, emerge “uma arte queer desconstrutiva, que questiona a sexualidade em suas funções para a história da arte e que examina a contribuição das práticas artísticas para a existência

⁹⁴ No original: “the compilation follows no temporal chronology but instead traces a similarity of the gestures or situations represented” (LORENZ, 2012, p. 110).

⁹⁵ São eles: **I.** *The Appearance of Sodomites in Visual Culture / Monsters and Sodomites / Anti-Homosexual Trials / Bodies*; **II.** *Fathers / Masculinity / Dominance / Violence / Bondage / Bodies / Männerfreundschaft*; **III.** *Some Faggy Gestures*; **IV.** *The Effeminate Son / Out of the City and into the Woods / Cruising / Baths / Sex in America / Subcultures*; **V.** *American Male Bodies / English Lads / Melancholy*; **VI.** *Female Societies, Amazons, Myths / Women’s Baths / Girls’ Rooms / Lesbian Visibility / Women’s Portraits by Female Artists*; **VII.** *London Goth / Paris Femmes / American Dykes in Rome / New York 1810–25*.

⁹⁶ No original: “The board “Dominance” shows sculptures, drawings, paintings, and photographs that usually feature two men, of whom one is kneeling before the other and one is kicking, wrestling down, or striking the other. [...] They are, however, supplemented on the panel by an anonymous photo with no further labeling that obviously stems from the present but not from any art context. The arrangement of the two bodies in this photo is notably similar to that of the historical sculptures shown, while at the same time it clearly shows a sadomasochistic scene, thereby suggesting SM practices as a model by which to ‘understand’ the other illustrations” (LORENZ, 2012, p. 111-112).

⁹⁷ No original: “rewrites history from the perspective of current gender practices and queer futurities” (LORENZ, 2012, p. 113).

contínua da heteronormatividade” (p. 116, tradução nossa⁹⁸). Desse modo, *Some Faggy Gestures* constitui-se como parte de uma prática artística

que torna a história da arte “precária”; que mostra que esta história poderia ter ocorrido de outra forma; que demonstra que a formulação desta história em livros, museus e catálogos não deve ser levada tão a sério; e que indica que há “lacunas” a serem descobertas e habitadas, mesmo nesta história. (LORENZ, 2012, p. 116, tradução nossa⁹⁹)

Outro artista cujo trabalho tem como tema as interseções entre gênero e sexualidade é Hudinilson Jr. “Colecionador contumaz de imagens” (RESENDE, 2016, p. 126), o artista assume em um de seus cadernos de referência possuir uma “compulsão em colecionar, guardar, agrupar” (HUDINILSON JR. *apud* RESENDE, 2016, p. 186). Sobre a produção desses cadernos, escreve Hudinilson:

Momentos que num vago olhar aparentam absolutamente incoerentes, na leitura geral denotam absoluta coerência. Claro, é meu “diário”, é meu universo de atenções e como todo ser humano é extremamente / aparentemente incoerente, mas visto no conjunto você evoca a autoria deste criador. Isto sempre me motivou a instigar participantes de workshops palestras e outros eventos que participo, instigar meus ouvintes para que cada um inicie a “montar” seus próprios cadernos; cada um com seus universos particulares. [...] Embora eu esteja me apropriando, estou sempre criando imagens, tanto pela seleção e consequente agrupamento, quando do “recorte” que faço das imagens, mantendo-as como no “original” ou na hora do recorte salientar / retirar determinados detalhes. (HUDINILSON JR, 2020, p. 81-82)

⁹⁸ No original: “a queer-deconstructive art that questions sexuality in its functions for the history of art and which examines the contribution of artistic practices to the continued existence of heteronormativity” (LORENZ, 2012, p. 116).

⁹⁹ No original: “that makes the history of art “precarious”; that shows that this history could also have gone otherwise; that demonstrates that the formulation of this history in books, museums, and catalogues is not to be taken so seriously; and that indicates that there are “becomings” to be discovered and inhabited, even in this history” (LORENZ, 2012, p. 116).

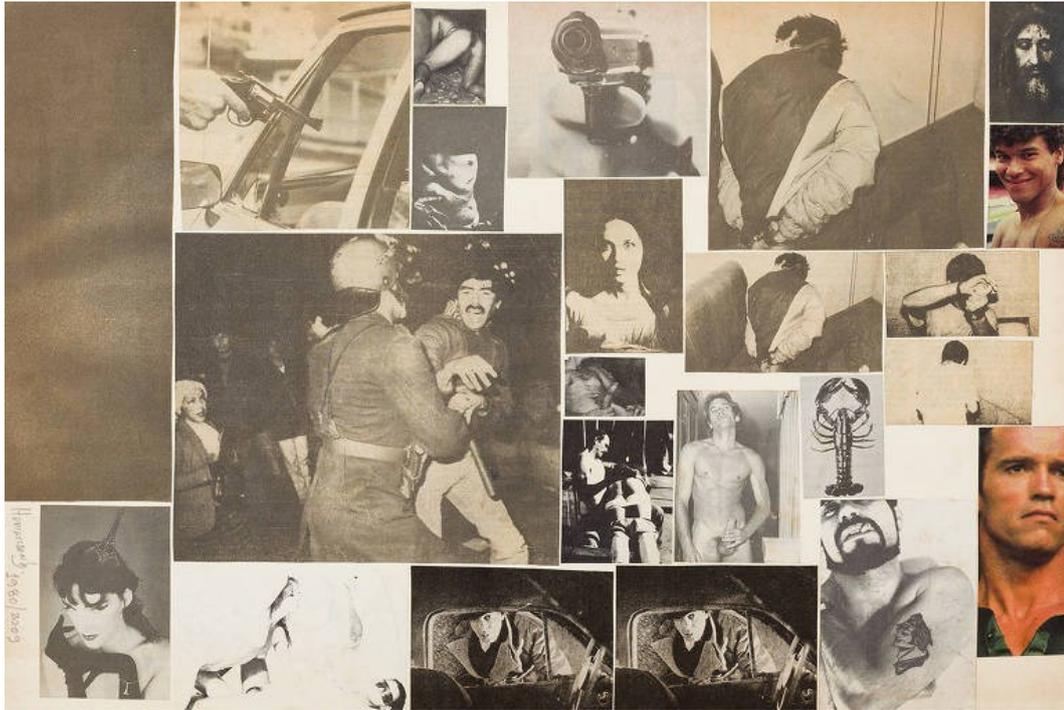


Figura 9 - *Sem título* (c. 1980-2009), de Hudinilson Jr.

Fonte: <https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/1702916346726874-colagens-de-hudinilson-jr-expostas-em-explicito-na-pinacoteca>



Figura 10 - Páginas do *Caderno de referência 70* (c. 2000), de Hudinilson Jr.

Fonte: <https://www.moma.org/collection/works/203429>

Os temas mais caros para Hudinilson eram as masculinidades e a homossexualidade. Ricardo Resende (2016, p. 153) comenta o hábito do artista de “caçar e recortar imagens homoeróticas”, com as quais produzia colagens. Breves

listagens de imagens que apareciam em suas obras propostas por pessoas se debruçam sobre elas evidenciam isso:

Fotos sensuais de jogadores, lutadores de boxe, atores de televisão, teatro e cinema, atletas, imagens de homens violentados e mortos, em uma macabra sensualidade dos corpos desnudos nesse tipo de imagem. Corpos largados, inertes, mortos. Bandidos algemados. Homens fazendo sexo. Homens se beijando. Ídolos. Amigos. Caos de imagens. (RESENDE, 2016, p. 185)

Halterofilistas do início do século XIX; astros do cinema estadunidense, como Jean-Claude Van Damme (1960), Arnold Schwarzenegger (1947) e Leonardo DiCaprio (1974); cenas de pornografia gay; a nudez de uma estatuária clássica a “Warhols”, “Mapplethorpes”, “Vallauris”, “Hudinilsons”; a beleza apolínea dos arcanjos renascentistas; atores de telenovelas como Nuno Leal Maia (1947), Cássio Gabus Mendes (1961) e Eduardo Moscovis (1968); Cazuza (1958-1990), da explosão do rock nacional nos anos 1980 à cobertura midiática sobre a epidemia de aids no Brasil, já na primeira metade dos 1990. (MAIA, 2020, p. 21-22)

Se, ao abordar a homossexualidade de maneira franca em suas obras, conforme comenta Resende (2016), Hudinilson “transgrediu padrões sociais considerados normais” (p. 12) à sua época, não o fez sem pagar um preço: ele “encontrou reações negativas na sociedade conservadora, que não aceita diferenças aos padrões morais e religiosos” (p. 121). Apesar disso, é importante considerar que suas obras “para o bem e para o mal, de alguma maneira, causam estranhamento” (p. 123), de modo que “ficar indiferente é possibilidade remota” (p. 123).

Os trabalhos de Henrik Olesen e Hudinilson Jr., cada qual à sua maneira, reúnem imagens com as quais é possível desestabilizar um imaginário heteronormativo. O interesse de Olesen em imaginar outras histórias, que não a “oficial”, a partir das representações de corpos masculinos, assim como a ação apaixonada de Hudinilson ao recortar e colar imagens que despertavam em si o desejo culminam em montagens que nos interpelam a confabular: Como as imagens se tornam instrumentos que contribuem para a marginalização de desejos e existências? Por meio de quais processos é possível perturbar a ordem repressora e subverter essa marginalização?

O projeto *Narrativas que se encontram*, da artista, educadora e curadora Elidayana Alexandrino (2019, p. 340), é, em suas palavras, embasado na “poética do encontro, da memória e do acaso”. Em seus dípticos e trípticos, Elidayana incentiva diálogos *entre* e *com* artefatos visuais, proporcionando encontros na “encruzilhada de imagens” (2021a, p. 36). Ela toma essas imagens tanto de seu repertório particular quanto da memória coletiva, e as justapõe de modo a tornar visíveis suas

semelhanças e diferenças, questionando os discursos dos quais elas são portadoras e transmissoras.

Alexandrino explica que seu projeto se situa na esfera da mediação, convidando a “olhar as imagens em duplas ou trios e refletir sobre como renascem dentro de outras imagens, como ganham novos sentidos e como se transformam quando são vistas em conjunto” (2019, p. 345). Sobre essa prática, escreve a artista: “vejo-me como narradora, mas também propositora, uma vez que a minha prática possibilita outras formas de ver/olhar e ouvir/falar as imagens junto com o público, em um processo de partilha” (2021a, p. 36). Complementa: “não falo das imagens, falo com elas, não coloco palavras na boca das imagens, dou língua ao silêncio delas” (2021b, p. 147).



Figura 11 - *Sem título* (2019), de Elidayana Alexandrino

Fonte: <https://www.instagram.com/p/BzzPcfDnVue>

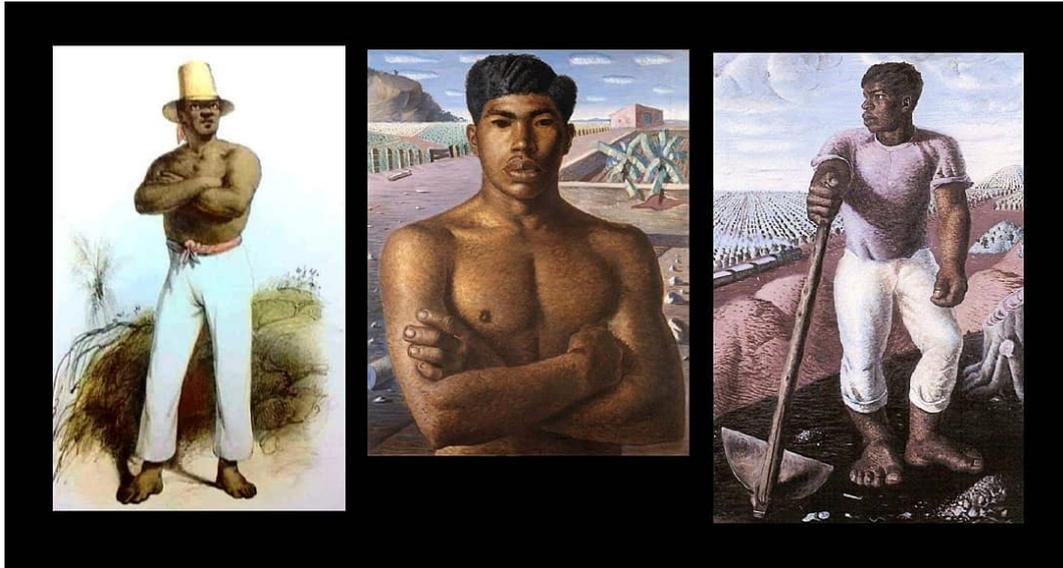


Figura 12 - *Sem título* (2018), de Elidayana Alexandrino
 Fonte: <https://www.instagram.com/p/BIRLQvbBWkV>

Uma das preocupações principais na obra de Elidayana Alexandrino são as questões de raça. As imagens em suas montagens instigam a pensar nos processos que historicamente outrizaram e subjugaram corpos negros de formas violentas e injustas. Assim, expõem a ferida aberta pelo racismo, que atravessa o tempo, e reivindicam justiça. Na primeira das duas obras reproduzidas acima, a artista põe no centro uma imagem do *Davi* de Michelangelo ladeada por corpos de homens negros, que interrogam o cânone ocidental branco e europeu que excluiu esses corpos. Assim, a montagem expõe e desafia processos dos quais historicamente culminaram marginalizações. Na segunda obra, além de raça, etnia e classe social são trazidas à tona através das imagens, as quais permitem refletir sobre como a interseção entre esses marcadores sociais influencia as condições materiais de vida desses homens. Partindo das tensões entre as imagens justapostas por Elidayana, despontam questionamentos possíveis: Quais histórias sobre as masculinidades as imagens não nos contam ou deturpam? Quais sujeitos essas imagens marginalizam, estereotipam, tornam “Outros”? Como elas se inserem em dinâmicas de poder? “Como receber, enfrentar e resistir às imagens?” (NARRATIVAS QUE SE ENCONTRAM, 2021b, n.p.)



Figura 13 - *Sem título* (2021), de Elidayana Alexandrino
 Fonte: <https://www.instagram.com/p/CWUg-60NdDw>



Figura 14 - *Sem título* (2021), de Elidayana Alexandrino
 Fonte: <https://www.instagram.com/p/CT3aW9PL7hY>



Figura 15 - *Sem título* (2018), de Elidayana Alexandrino
 Fonte: <https://www.instagram.com/p/BejtvJSHoop>



Figura 16 - *Sem título* (2021), de Elidayana Alexandrino
 Fonte: <https://www.instagram.com/p/CQkPdgGnOk8>

As quatro obras de Elidayana reproduzidas acima têm como tema que as une a violência. Nelas, vemos homens atacando os corpos de outras pessoas, sobretudo os de mulheres, bem como o sofrimento imposto por esses atos e a resistência diante deles. “Por que certas imagens permanecem?” (NARRATIVAS QUE SE ENCONTRAM, 2021a, n.p.), indaga a artista na legenda que acompanha uma das imagens. Essa colocação de Elidayana nos permite interrogar as convenções representacionais que estetizaram o nó entre gênero e violência no curso da história.

A arte se tornou lócus da produção e disseminação de violências simbólicas, as quais banalizaram, justificaram e glamourizaram agressões gendradas, bem como as tornaram um espetáculo para o consumo do olhar. O que as imagens utilizadas nessas montagens dizem *sobre* e *para* os homens? Como a reunião delas promovida pela artista pode estabelecer uma nova teia de sentidos sobre as relações de gênero? Qual potencial têm essas montagens de convidar a refletir sobre a persistência da prática de violência pelos homens, especialmente contra as mulheres?

A partir dos exemplos das montagens de John Berger, Griselda Pollock, Henrik Olesen, Hudinilson Jr. e Elidayana Alexandrino, é possível perceber como esse procedimento é explorado para pensar e fazer pensar sobre noções a respeito do gênero e as violências que a partir delas se estabelecem. Os comentários tecidos a partir dessas montagens não pretenderam explicá-las ou esgotá-las, uma vez que o que importa aqui não é resolvê-las, mas “desdobrá-las” e explorar quais ideias e, principalmente, questionamentos, podem surgir da observação delas. São interpretações possíveis, que não se pretendem corretas ou únicas, mas intentam tão somente demonstrar o que o uso do procedimento da montagem possibilita: inquietar, deslocar, provocar, repensar.

5 Montando e desmontando imagens e ideias

Raphael: *Não queria ser mulher, não.*

Pesquisador: *Por quê?*

Raphael: *Porque sofre.*

Pesquisador: *Por que sofre?*

Raphael: *Por ser mulher.*

Ainda que tenha acontecido meses antes do início da escrita destas palavras, a fala do participante que, como epígrafe, abre este capítulo, é muito significativa para as considerações passo a tecer. Mulheres sofrem por “serem mulheres”, a partir de determinada ideia, socialmente pactuada, que atrela mulheres e sofrimento como, respectivamente, causa e consequência. É um sofrimento que, de tão reiterado, acaba por parecer normal. A “culpa” acaba recaindo sobre as mulheres que, por serem mulheres, sofrem. Para combater essa ideia, é fundamental trazer à baila os sujeitos muitas vezes responsáveis por esse sofrimento: os homens. O objetivo não é atacá-los ou arruiná-los, mas sim convidá-los a refletir sobre seu envolvimento, direto e/ou indireto, na prática das violências que fazem as mulheres sofrer.

A escrita deste trabalho e, sobretudo, deste capítulo foi movida por uma inquietação pessoal que apenas hoje, no momento em que escrevo essas palavras, após realizar a pesquisa bibliográfica e conduzir os encontros com o grupo, se manifestou com acentuada clareza. Após um dia conturbado, me apercebi que, para além de tudo que já pensei, falei e escrevi até aqui, minha indignação diante desse cenário de violências advém, sobretudo, de uma triste constatação: as mulheres, inclusive as que eu admiro, que eu amo, sofrem – e muito. Os atos violentos que elas suportam, toleram, devido ao apego sobretudo à uma ideia do que significa ser (e “cuidar” de) uma “família”, embasada em papéis de gênero socialmente convencionados e amplamente disseminados, são cometidos por homens que, quando não admiro e amo, ao menos conheço e interajo ocasionalmente. “Caras” com quem já me sentei para tomar uma cervejinha gelada, comer um lanchinho gostoso e conversar sobre temas os mais progressistas possíveis. Que não parecem em nada com os retratos patologizantes dos “abusadores” que vemos por aí. E eles estão por aqui, por aí, por toda parte. Reconheço que, em determinadas ocasiões,

compreendendo o caráter expandido da violência, esse “cara” inclusive sou eu. Ou seja, “caras legais” fazem coisas que não são nada legais. Eles são “monstros”? Não. A convicção reducionista de que homens que são violentos “por natureza” ou “devido à testosterona” ainda engana muita gente, mas já foi desmantelada há tempos pela biologia e pelos estudos de gênero.

Então, de onde vem essa violência que não é *dos* homens (no sentido de não ser inerente a eles), mas é exercida *por* eles? A resposta mais fácil, ultimamente, reside no fato de que certas formas de violência são “estruturais”. São inúmeros os casos de que me recordo em que li ou ouvi nos quais a justificativa para a “reprodução” de certas violências, dentre as quais a de gênero, é que elas são “estruturais” em nossa sociedade. Sim, são. Mas nós não podemos continuar nos escondendo atrás dessa desculpa, que de tão usada acaba soando esfarrapada. Nós podemos fazer mais. Nós precisamos fazer mais.

Isso não significa que os homens devam ser perfeitos, que nunca possam errar ou falhar. Endereçar aos sujeitos masculinos essa mensagem, que soa muito familiar dentro de culturas patriarcais, não resolveria nenhum problema. Reconhecendo que os seres humanos não podem ser reduzidos a uma “essência” boa ou ruim, nem natural, nem construída, a mudança da qual aqui falo não é um destino, uma linha de chegada que, após atravessada, permite o descanso (PEASE, 2019). Somos todos contraditórios. Não há quem acerte sempre. Logo, são necessários atenção e esforço individuais e constantes na busca por nos dissociarmos de ideias sobre gênero que produzem violências e estão por toda parte, inclusive nas imagens que nos rodeiam e tanto nos ensinam.

Como conversar com o público masculino sobre isso? O caminho da problematização e da tentativa de desconstrução das normativas de gênero não é o mais fácil ou atrativo de seguir, dentro de um sistema que assegura privilégios aos homens (sobretudo cisgênero, heterossexuais, brancos e das classes mais altas). Muitos dos trabalhos desenvolvidos junto a eles buscando a sua sensibilização para o tema se centram no fato de que os homens têm algo a ganhar com esse processo de questionamento da forja (no duplo sentido do termo) de masculinidades. Os homens também são prejudicados em sua socialização, metaforicamente mutilados para se encaixarem na fôrma padrão. Os homens também sofrem. Os homens são ensinados a não dar importância aos sentimentos e, menos ainda, a expressar suas

dores. Essa é uma reflexão evidentemente importante no trabalho com homens sobre gênero¹⁰⁰, mas não pode ser a única.

Além de pensar no que os homens perdem, é necessário, urgentemente, refletir sobre o que eles ganham, e têm como se deles fosse de direito: o exercício do poder, da autoridade, do domínio, da truculência, da violência. Essa problematização é mais difícil de fazer, especialmente em se tratando das esferas de convívio particulares de cada um. É fácil generalizar, focalizando a crítica no sistema, ou apontar como tudo isso se aplica à vida de outros homens: os violentadores do noticiário, dos familiares, dos conhecidos. Mas é muito mais difícil olhar para nós mesmos, para as nossas posturas, para a parcela que recebemos do “dividendo patriarcal”, como Raewyn Connell (2005, p. 79, tradução nossa) denomina os lucros indevidos auferidos pelos homens em função do gênero.

Dizer que a decisão de se importar com essas questões e de tomar alguma atitude frente a elas começa individualmente não significa descartar que a busca por mudanças precise repercutir coletivamente. Na via mais óbvia, as reflexões decorrentes desse processo têm impactos nas relações estabelecidas com as outras pessoas, nos posicionamentos adotados diante do cotidiano, nos modos de enxergar a realidade e de com ela interagir. Entretanto, há outro ponto em que é salutar considerar as relações com outras pessoas na desconstrução e reconstrução de performances das masculinidades. É preciso construir redes de suporte, em que as dúvidas e angústias possam ser compartilhadas, ouvidas, consideradas. Aqui, o

¹⁰⁰ Rita Segato (2021, p. 16, tradução nossa*), por exemplo, ressalta a importância de falar “sobre a vitimização dos homens pelo mandato da masculinidade e pela nefasta estrutura corporativa da fraternidade masculina. Existe violência intra-gênero baseada no gênero, e as primeiras vítimas do mandato de masculinidade são os homens: forçados a se curvar ao pacto corporativo e obedecer a suas regras e hierarquias a partir do momento em que entram na sociedade. [...] A iniciação à masculinidade é uma transição muito violenta. [...] Muitos homens hoje estão se retirando do pacto corporativo, marcando um caminho que transformará a sociedade. Eles estão fazendo isso por si mesmos, em primeiro lugar. Não para nós. E é assim que deve ser”.

*No original: “hablar entre todos de la victimización de los hombres por el mandato de masculinidad y por la nefasta estructura corporativa de la fratria masculina. Existe violencia de género intra-género, y la primera victima del mandato de masculinidad son los hombres: obligados a curvarse al pacto corporativo y a obedecer sus reglas y jerarquías desde que ingresan a la vida en sociedad. [...] La iniciación a la masculinidad es un tránsito violentísimo. Esa violencia va más tarde a reverter al mundo. Muchos hombres hoy se están retirando del pacto corporativo, marcando un camino que va a transformar la sociedad. Lo hacen por sí, en primer lugar. No por nosotras. Y así debe ser” (SEGATO, 2021, p. 16)

trabalho em grupo desponta como uma possibilidade de confabular, entre homens, outros modos de ser e estar no mundo, livres do “fardo” da violência¹⁰¹.

As relações entre homens são comumente compreendidas (e não de maneira completamente equivocada) como um local de cumplicidades perversas, onde prevalece a cultura da “broderagem”, intrinsecamente machista, que ensina os homens a se protegerem entre si e a atacarem (de diversas formas) as mulheres. O trabalho da pesquisadora Valeska Zanello (2020) dentro de grupos constituídos por homens no aplicativo de conversas WhatsApp escancara isso, recorrendo às imagens que circulam nesses grupos e permitindo entrever as formas pelas quais elas educam sobre gênero desde uma perspectiva violenta.

Ter em vista que há imagens que contribuem para a disseminação e perpetuação de ideias machistas e misóginas é fundamental. Mas não podemos nos deixar afogar em um derrotismo obstinado. É importante concentrar esforços em criticar e denunciar os meios pelos quais elas estão implicadas no problema, mas, como pessoas que trabalham com a intersecção entre pedagogias e visualidades, faz parte do nosso papel enquanto educadores pensar em estratégias para contrapor e subverter os seus discursos, sem escondê-las ou nos amedrontar diante delas (por mais aterrorizantes que por vezes sejam). Nesse caminho, é valioso, também, abrir os olhos e as curadorias educativas para outras imagens, produzidas pelas pessoas outrizadas, que exponham o mundo desde onde suas miradas o veem, com as dores e a delícias implicadas não só em ocupar esse lugar, mas também em construí-lo à sua maneira.

Partindo dessas ideias, nas ações que compuseram esta pesquisa, nos questionamos e buscamos verificar se montar imagens poderia, em um contexto educativo, contribuir para convidar homens a se perceberem implicados no fenômeno da violência de gênero e na busca por soluções para esse problema.

Os caminhos trilhados durante esses dois anos (entre março de 2021 e fevereiro de 2023) junto a Carla, Juan e Turíbio, em oito pernas, foram marcados por inquietações, sorrisos, crises, ideias e muito trabalho. Considerar este processo é

¹⁰¹ A compreensão da violência como um “fardo” encontra amparo nos escritos de Bourdieu (2012, p. 64, grifo do autor): “O privilégio masculino é [...] uma cilada e encontra sua contrapartida na tensão e contensão permanentes, levadas por vezes ao absurdo, que impõe a todo homem o dever de afirmar, em toda e qualquer circunstância, sua virilidade. [...] A *virilidade*, entendida como capacidade reprodutiva, sexual e social, mas também como aptidão ao combate e ao exercício da violência (sobretudo em caso de vingança), é, acima de tudo, uma *carga*”.

fundamental para relatar o desfecho das ações que passo a descrever nas próximas páginas porque, sem essas pessoas por perto, afirmo com segurança que nenhuma dessas palavras estaria sendo escrita. O espaço protocolar para *Agradecimentos* desta dissertação não é o suficiente para destacar o quanto este trabalho é influenciado pelas muitas horas de conversas, de trocas, de conselhos e de estudos que partilhamos. Entre orientações e desorientações, os rumos que agora tomam forma nessas linhas foram traçados, testados, aperfeiçoados. Como parte desses experimentos, realizamos desdobramentos sobre as ideias que nortearam este trabalho em textos, apresentações e experiências paralelas, cujos resultados apontaram, de forma animadora, as contribuições da montagem de imagens para um trabalho educativo interessado em tensionar as relações entre gênero e violência. Lendo em retrospecto as publicações que culminaram das investigações engajadas em pensar sobre esses temas desenvolvidas por nós entre 2021 e 2022¹⁰², percebo como começamos tateando no escuro, nos apropriando de conceitos e tendo as primeiras ideias, até começarmos a executar exercícios práticos para testar o que delineamos e verificar, a partir dos resultados, como funcionava a estratégia pedagógica proposta em contextos reais de aplicação. Todo este percurso importa para este trabalho porque nos permitiu lapidar o nosso planejamento e conduzir os encontros que serão apresentados e discutidos a seguir.

5.1 Sobre a montagem do grupo e do planejamento

Antes de entrarmos em campo, a pesquisa foi apreciada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás (CAAE 51353821.0.0000.5083), obtendo aprovação (Parecer 5.064.480), conforme atesta o Anexo 1.

Conduzido nos dias 20 e 27 de setembro e 4 e 11 de outubro de 2022, o trabalho de campo consistiu na realização de encontros com um grupo de homens adultos, selecionados a partir de um chamamento público. Esse chamamento foi realizado por meio de e-mails e de dois convites publicados nas redes sociais pessoais do pesquisador e repostados por outros indivíduos, grupos e instituições

¹⁰² Em ordem cronológica de publicação: Santos Junior e Ospina Álvarez (2021), Santos Junior (2021b), Santos Junior e Abreu (2022), Turíbio (2022) e Abreu e Santos Junior (2022).

interessados nos temas propostos, que contribuíram espontaneamente com a disseminação do convite.

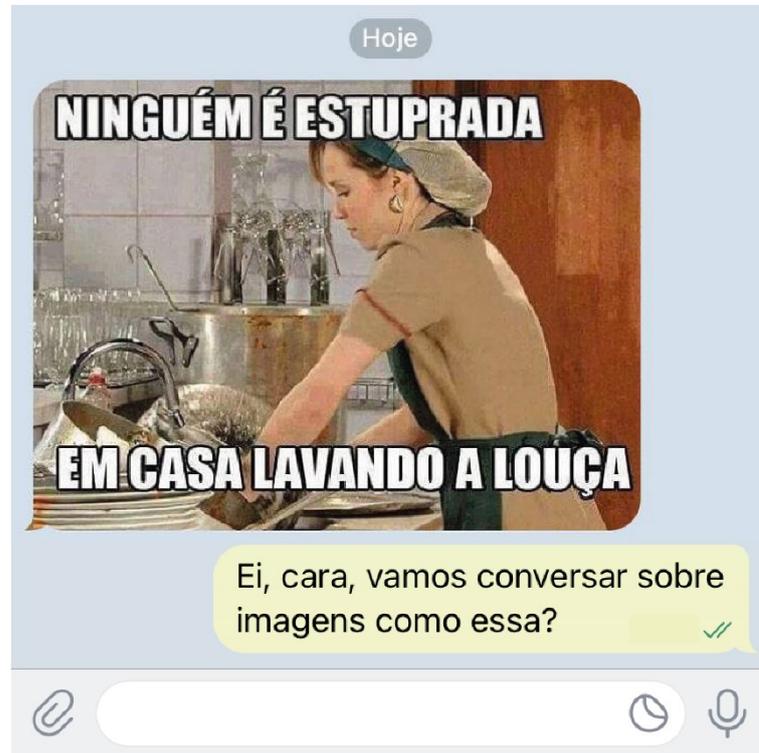


Figura 17 - Imagem que acompanhava o primeiro convite para participação no grupo
Fonte: Acervo da pesquisa

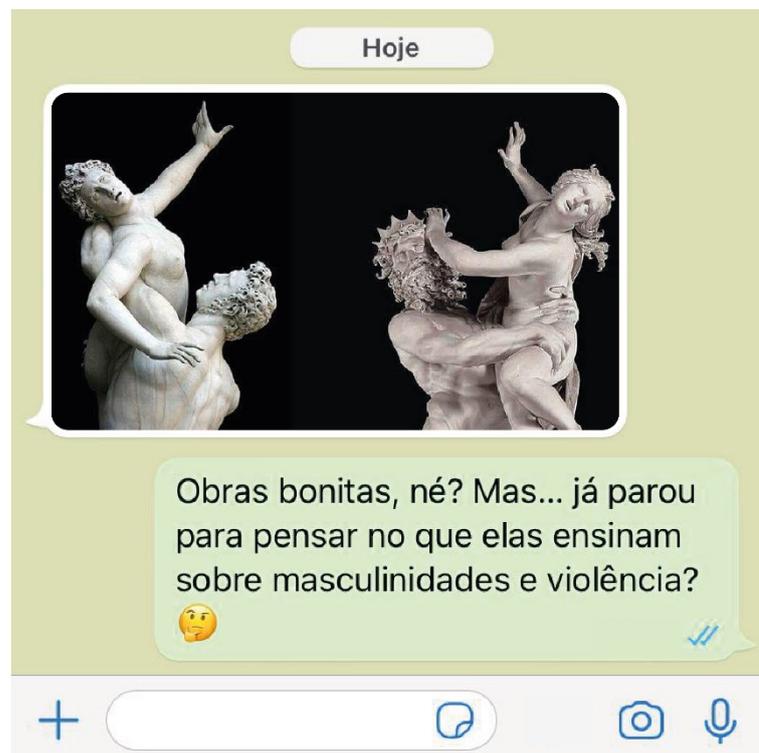


Figura 18 - Imagem que acompanhava o segundo convite para participação no grupo
Fonte: Acervo da pesquisa

A manifestação de interesse em participar da pesquisa foi realizada através do preenchimento de um formulário, cuja cópia consta no Anexo 2, com questões que buscavam conhecer as pessoas interessadas em compor o grupo. Após seleção, os participantes foram convidados para o primeiro encontro, no qual foi realizada a leitura e o preenchimento conjunto do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, reproduzido no Anexo 3.

Em resposta a nosso chamado, 13 pessoas sinalizaram interesse em participar do grupo. Dentre elas, 2 se identificavam como mulheres, o que inviabilizou sua participação, devido aos critérios de exclusão adotados na composição do grupo. As outras 11 pessoas estavam aptas a participar dos encontros, então foram aceitas e convidadas para a primeira reunião. Aceitamos todas as pessoas que estavam dentro dos parâmetros estabelecidos para a composição do grupo, uma vez que já era possível imaginar que haveria desistências e a nossa meta era contar com 10 participantes. No primeiro encontro, participaram, incluindo o pesquisador, 6 pessoas. Durante esse encontro, houve 1 desistência, e o grupo contou então com 5 membros. Com relação à frequência dos 4 participantes voluntários, esta variou entre 100% e 75% (1 deles compareceu a todos os 4 encontros, e os outros 3 compareceram em 3 encontros, cada).

Foram conduzidos 4 encontros síncronos, com 1 hora e 15 minutos de duração cada, de forma remota, em adequação aos protocolos sanitários decorrentes da pandemia de COVID-19. Os encontros aconteceram através da plataforma de videoconferências Microsoft Teams, e foram registrados através de vídeo. Para a construção das montagens, utilizamos a ferramenta digital Padlet, que permite que diferentes pessoas trabalhem simultaneamente na construção de painéis, nos quais é possível incluir textos e diversos formatos de arquivos (imagens, vídeos, músicas, documentos), bem como *links*.

O primeiro encontro consistiu na apresentação da pesquisa, do pesquisador, das ferramentas a serem utilizadas e dos participantes do grupo. Esta última foi mediada pela construção de um painel na qual cada pessoa incluiu, em uma coluna com seu nome, algumas imagens que acreditavam ajudar a falar de si, as quais posteriormente mediaram suas falas.

Os três encontros seguintes partiram da proposição de uma pergunta motivadora para as discussões e de uma imagem deflagradora do processo de montagem. Nesses encontros, inicialmente, fiz uma breve acolhida e recapitulação

dos encontros anteriores. Em seguida, apresentei a questão que seria discutida, compartilhei o *link* do Padlet do dia e incluí a proposta de imagem deflagradora. Então, tinha início o processo de construção das montagens. Nessas ocasiões, não foram distribuídos espaços restritos para cada pessoa no Padlet, conferindo aos participantes a liberdade de moverem as imagens que traziam para onde quisessem, fazendo aproximações e associações entre elas e outras postadas anteriormente. Permanecemos alguns minutos em silêncio no início de cada encontro, durante a concatenação de ideias e de imagens. As conversas começavam quando a montagem já estava em andamento. Acordamos previamente que os participantes estariam livres para começar a falar sobre as imagens quando quisessem, e que o processo de montagem não precisava parar durante as conversas, podendo ser o Padlet continuar sendo alimentado por imagens referentes às memórias e ideias despertadas durante a discussão. No encerramento dos encontros 2 e 3, agradei a participação e apresentei a pergunta motivadora do encontro seguinte, para que pudessem, caso quisessem, ir juntando imagens no intervalo entre as datas.

No caso dos três últimos encontros, elenquei previamente algumas sugestões de temas cuja problematização era possível, os quais poderiam servir para embasar as reflexões e discussões. Essas sugestões, no entanto, não foram seguidas à risca, priorizando as relações que os participantes faziam a partir das imagens incluídas gradualmente na montagem.

Abaixo, é reproduzido o planejamento dos encontros, que pode servir de base para delinear outras ações educativas, com adaptações. Assim, quem se sentir impelido ou impelida a explorar o potencial do trabalho com a montagem para fomentar reflexões sobre gênero e violência, pode aproveitar essa organização como base, com liberdade para explorar outros contextos educativos, outros formatos, outros públicos, outras perguntas motivadoras, outras imagens deflagradoras e outros temas.

Planejamento dos encontros

Encontro 1 | 20 de setembro de 2022

Que imagens nos constroem?

Apresentação da pesquisa e do pesquisador.

Leitura conjunta e preenchimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Apresentação das ferramentas a serem utilizadas (Microsoft Teams e Padlet).

Apresentação dos participantes.

Encontro 2 | 27 de setembro de 2022

Que ideias sobre gênero as imagens produzem e reproduzem?

Imagem deflagradora:



Figura 19 - Meme sobre personagens da novela *Pantanal*
Fonte: <https://twitter.com/vaidesmaiar/status/1521660320510623744>

Sugestões de temas: Binarismo de gênero | Papéis sociais atribuídos a homens e mulheres | Estereótipos e desigualdades | Privilégios masculinos | O exercício do poder e da violência como direitos e deveres masculinos | *Incels* (celibatários involuntários) e o terrorismo de/por causa do gênero | Imaturidade “masculina” | Masculinidades, no plural | Passividade e tolerância como características “femininas” | Cisgeneridade e heterossexualidade compulsórias | Instituições patriarcais e o machismo estrutural.

Encontro 3 | 4 de outubro de 2022

Quais as relações existentes entre as imagens e a violência de gênero?

Imagem deflagradora:



Figura 20 - Tirinha do cartunista Lafa

Fonte: <https://twitter.com/UltraLafa/status/1573714457510944768>

Sugestões de temas: Diversos tipos de violências com base no gênero | A construção simbólica da violência de gênero | A circulação dessas imagens e seus efeitos | Banalização | Naturalização | Legitimação | Memes e piadas | Representações de casos reais de violência de gênero e sua repercussão | Comportamentos femininos como “desencadeadores” da violência | Como essas imagens ajudam a pensar sobre as relações entre “masculinidade” e violência? | A construção visual das mulheres (sobretudo feministas) como “violentas” | Papéis das imagens na denúncia à violência de gênero e na educação sobre o problema.

5.2 Entre dez olhos, dez mãos, cinco bocas, dez ouvidos e cinco cérebros

Na escrita da dissertação, os participantes que atenderam ao chamado público realizado serão designados como Michelangelo, Donatello, Leonardo e Raphael. A escolha por esses nomes fictícios, realizada a fim de preservar as identidades dos participantes (conforme previamente pactuado com eles), teve inspiração inusitada em personagens do universo infantojuvenil. Enquanto refletia sobre como codificar os nomes dos participantes, me peguei assistindo ao filme *As Tartarugas Ninja* (2014) e pensando em aproximações entre as quatro personagens principais da trama e determinadas posturas e posicionamentos manifestados durante os encontros do grupo.

Por outro lado, também pareceu irresistível o jogo com os quatro “grandes” artistas da Renascença italiana (tidos como “mestres” e “gênios”), uma vez que, além de os participantes estarem, cada um à sua forma, envolvidos em atividades relacionadas ao trabalho com ou sobre arte e design, o fato de que os nomes de Michelangelo, Donatello, Leonardo e Raphael conseguiram atravessar o tempo e o espaço e se cristalizar como referências para a História da Arte ocidental se deve, ao menos em parte, ao fato de serem homens. Muitas mulheres não tiveram a mesma oportunidade, e essa é, também, uma forma de violência¹⁰³, que vem se perpetuando de maneira inescusável.

Jamais saberemos como seria a sociedade dos dias de hoje se *As Tartarugas Ninja* e outros produtos audiovisuais não estivessem ensinando aos meninos que “masculinidade” é sinônimo de recorrer à violência como forma de resolver conflitos. Também não sabemos como teria sido o mundo se os incensados artistas italianos tivessem vivido em um contexto sem privilégios de gênero, no qual os trabalhos das mulheres fossem tão reconhecido quanto os deles. Mas, junto às falas transcritas dos encontros realizados com o grupo, esses nomes fazem agora parte de uma montagem textual que busca produzir novas inteligibilidades.

¹⁰³ Concordamos, assim, com João Silvério Trevisan (2021, p. 20), quando menciona a “violência praticada pela narrativa masculina hegemônica ao apagar de cena as mulheres, com suas histórias e singularidades”.

Cabe fazer uma breve apresentação dos participantes, que conheceremos mais a fundo adiante:

- Michelangelo, 19 anos, se apresenta como não-binário, bissexual, preto e solteiro. É graduando em Design e estagia na área, em um órgão público. O mais jovem participante apresentou certa timidez no início dos trabalhos, mas logo se sentiu mais à vontade para compartilhar suas impressões e experiências, que enriqueceram bastante as conversas, trazendo perspectivas que escapavam, por diversos fatores, aos demais integrantes do grupo.
- Donatello, 35 anos, se identifica como um homem cisgênero, homossexual, branco e solteiro. É doutor na área de Artes e professor no Ensino Superior. Engajado em pesquisas sobre gênero e sexualidade, suas reflexões estavam amparadas em uma ampla bagagem teórica e prática, que viabilizava manifestações e problematizações respaldadas acerca das temáticas postas em questão que contribuía sobremaneira para os diálogos.
- Leonardo, 42 anos, se caracteriza como um homem cisgênero, heterossexual, branco e casado. É doutor na área de Artes e professor no Ensino Médio. Era uma das pessoas mais caladas do grupo, mas seu silêncio não aparentava representar desinteresse, e sim introspecção, que se evidenciava pela profundidade das intervenções que fez durante as discussões, muitas das quais relacionadas às vivências em sala de aula.
- Raphael, 53 anos, se reconhece como um homem cisgênero, homossexual, branco e solteiro. É mestre na área de Artes e ator. Altamente questionador, é portador de um humor irônico e de opiniões, às vezes, controversas ou radicais. Sempre tinha algo a dizer, e sua participação intensa contribuía para manter a conversa acontecendo, “sem deixar a peteca cair”, trazendo novos tópicos e outras perspectivas, que serviam para oxigenar (e acalorar) os debates.

As montagens concebidas durante os encontros com o grupo, produções coletivas, importam para a escrita deste relato e para sua análise tanto por proporcionarem a visualização das relações feitas pelos participantes entre as imagens, quanto pelos diálogos que se estabeleceram mediados por elas.

Todos os participantes contribuíram na construção das montagens, realizada de forma síncrona aos encontros. Elas congregaram imagens múltiplas, provenientes de fontes diversas. Não interessou restringir os acervos a serem consultados, nem rastrear a proveniência dos arquivos, mas sim que as visualidades fossem significativas para os participantes no que tange às questões investigadas.

As conversas não seguiram um roteiro pré-estabelecido, porque nos permitimos construir este percurso coletivamente e movidos pelas imagens que gradualmente se somavam em nossas telas. Por isso, na escrita, tentei criar algum encadeamento entre as ideias, sem, no entanto, desconsiderar que, no curso das discussões, o grupo muitas vezes mudava repentinamente de assunto, trazendo outras questões para o debate, expandindo o campo de nossas investigações sobre os temas abordados e deixando algumas conversas sem conclusão. A montagem também se evidencia nesses saltos, e os intervalos entre uma informação e a outra podem ser preenchidos pela imaginação de outras possibilidades que não constem no texto, uma vez que este não esgota, nem pretende esgotar, o que há para ser dito. Além disso, como toda interpretação, a escrita sobre os encontros com o grupo também não se pretende como uma análise fechada, correta ou única, mas tão somente como uma forma possível de construir sentidos a partir da experiência vivida.

Durante a construção dos relatos, optei por incluir as montagens completas e seus *links* para seu acesso em alta resolução no trabalho, sem indicar recortes que apontassem para as visualidades que nos acompanharam em cada ponto da discussão com o grupo. Assim, sem direcionar olhares, proponho que cada pessoa interagindo com este texto tenha liberdade para navegar entre as imagens todas, assim como fizemos durante os encontros, buscando construir suas próprias relações *entre* e *com* o que está sendo visto.

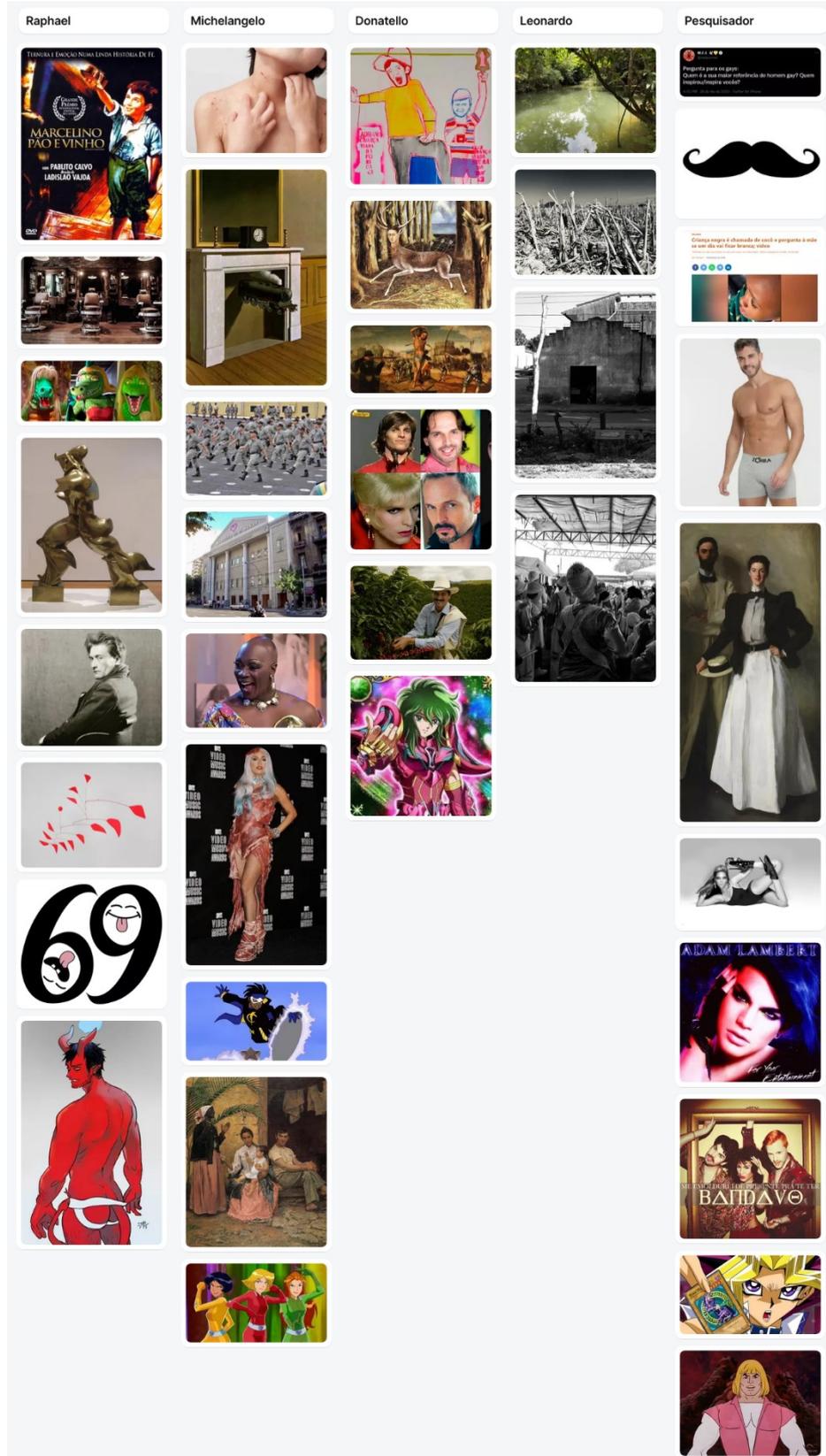


Figura 22 - Montagem 1: Que imagens nos constroem?¹⁰⁴
 Fonte: Acervo da pesquisa

¹⁰⁴ Acessível através dos links https://padlet.com/jocymeneses/encontro1_20set2022 (Padlet) ou https://drive.google.com/file/d/12TXuJsk9Jf3icnkdrf19rE_5Vr7Q-ykW (Google Drive).

Em nosso primeiro encontro, provocados pelo questionamento “Que imagens nos constroem?”, trouxemos imagens que ajudavam em nossas apresentações para o grupo. Assim, recorrendo às nossas memórias e aos nossos repertórios imagéticos, adentramos no processo de investigação conjunta das formas como as imagens nos educam, nos constroem, nos montam, com foco especial nas instâncias com as quais os participantes negociaram ideias acerca das masculinidades. Na imagem que resulta desse processo, cada coluna corresponde às imagens trazidas por um participante.

Algumas das reflexões que se desdobraram a partir das imagens trazidas centraram na discussão sobre a barbearia, enquanto um espaço de sociabilidade masculina.

Donatello: Esse era um espaço onde os homens da minha família cuidavam das crianças. Porque claro que a maioria das tarefas eram feitas por minha mãe, ou por minha avó, ou pelas outras mulheres, cuidadoras. Mas, nesse momento de cortar o cabelo, meu avô ou meu tio apareciam, porque o espaço era como de “iniciação” para uma masculinidade, uma construção de masculinidade. Então, acho que esses eram basicamente os momentos em que eu e meus primos éramos cuidados pelos homens.

Essa ponderação feita por Donatello evidencia que certos espaços, como esse, são compreendidos como territórios exclusivamente masculinos. Recorrendo às minhas próprias memórias e às dos demais membros do grupo, percebemos a barbearia como um lugar de livre circulação de discursos e práticas machistas. As conversas entre os homens que acontecem nesses lugares usualmente demonstram pouco apreço pelas mulheres enquanto sujeitas, enquanto seus corpos são contemplados e tratados como objetos, seja nas imagens de sua nudez nas revistas folheadas por quem espera sua vez, ou nos assédios às mulheres que passam na rua.

Ainda fazendo referência a esse espaço, as conversas no grupo começaram a desvendar como certa performance “adequada” à masculinidade é doutrinada.

Raphael: Minha mãe sempre me levava, permanentemente, para ter um corte de cabelo de homenzinho, aquele do “boi lambeu”, e as máquinas de cortar eram aquelas de mão, e elas mastigavam meu cabelo.

O “cabelo de homenzinho” é um padrão que, reiterado, ajuda a sinalizar a masculinidade de seu portador. A importância de ter e manter um “cabelo de homenzinho” vai sendo inculcada, desde a infância, nos homens. A estilização do corpo serve para tornar visível a conformidade às expectativas sociais em torno do gênero, a partir dos estereótipos que normatizam os corpos e servem para afirmar a ser um “homem” e ser reconhecido como tal. Além dos cabelos, os pelos em geral são percebidos como demarcadores de masculinidades.

Raphael: O bigode me lembra que pelos têm relação com homens, e não com mulheres. Mulheres com pelos são aberrações, tipo a mulher barbada, a mulher com buço. E aí têm que se depilar, e homem não. [...] Entre nós cinco aqui, quatro têm pelos no rosto, né? E a minha afirmação sempre foi ter pelo, inclusive no peito, porque eu achava que tinha uma relação com masculinidade. Homem tinha que ter cabelo no peito. E eu nunca tive. Aí eu raspava. A mesma coisa de barba, né? Raspava sem ter nada. E as pessoas diziam: quanto mais você raspa, maior a possibilidade de crescer e tal. Então a minha infância foi meio assim, de ficar me depilando para ver se os pelos nasciam, para eu virar homem mais cedo.

Michelangelo: Essa imagem é muito clara para mim, porque a minha família geneticamente não tem muitos pelos. Eu venho de família que os homens não têm barba, e essa imagem de ficar raspando para ter barba, para ter pelo grosso no braço, é muito vívida para mim.

Esses discursos demonstram como a necessidade de adequação à “normalidade” suposta ao gênero é um fator que gera ansiedade e cobra a tomada de atitudes, uma vez que somos levados a crer que um homem sem pelos não é homem “de verdade”. Desse modo, fica evidente que os participantes do grupo compreenderam, desde cedo, que as normas da “masculinidade” precisavam ser inscritas nos seus corpos para que pudessem, de fato, se sentir e ser percebidos como homens.

Por outro lado, essas falas também revelam como a feminilidade é produzida como o oposto da masculinidade. Pensar, por exemplo, em mulheres com barba como “aberrações” revela que a norma para seus corpos é outra, completamente diferente. Em sociedades como a nossa, mulheres são ensinadas que precisam esquadrihar praticamente todas as partes de seu corpo em busca de pelos que, se encontrados, devem ser removidos. Caso contrário, correm o risco de serem alvos de humilhação, como no caso do estereótipo das “feministas peludas”, amplamente

disseminado por setores reacionários da sociedade brasileira, que as vê como mulheres malculadas, sujas, e, por isso, mal-amadas. Ser percebido como alguém que não se adequa às normas é, portanto, algo indesejável.

Algumas outras instituições implicadas na produção e regulação de masculinidades que apareceram nas imagens e nas falas do grupo foram a polícia e a igreja.

Michelangelo: Eu vou fazer um *link* entre essa imagem dessa pintura [*Tempo trespassado* (1938), de René Magritte], a da polícia e a da igreja. Eu cresci numa família muito militar. Meu pai é militar, eu tenho alguns tios militares. E evangélica, também. Então, essa pintura representa bastante como foi minha infância, minha adolescência. Ela captura o momento antes de um desastre, e era assim... Sempre conviver com medo, conviver com essa tensão de que qualquer coisa pode acontecer, muita coisa pode acontecer. Muita coisa ruim. É como viver em um estado de ansiedade constante.

Essas palavras, enunciadas por uma pessoa que transgride às limitações impostas pelas normas de gênero, demonstram que isso não ocorre sem um custo emocional. Sancionar socialmente determinada forma de ser e viver em detrimento de outras é uma forma de tentar castrar possibilidades de existir. Como nem todas as pessoas se submetem às expectativas impostas sobre si, a norma gera, em retaliação, preconceito, ódio e violência contra as pessoas que decidem viver para além de seu jugo.

Há de se destacar que, dentro das apresentações do grupo, as visualidades despontaram não só como formas de rememorar instâncias pelas quais os indivíduos foram apresentados às normas da “masculinidade”, mas também como formas de encontrar alento diante da não-conformidade e de estender os limites das possibilidades. Exemplo disso são as conversas que se desenvolveram em torno dos desenhos animados.

Donatello: Claro que eu não poderia deixar de pensar nesses referentes visuais dos desenhos animados. Eu, que já me reconhecia como uma criança homossexual desde bem pequeno, tinha um interesse especial por aquelas personagens que, de alguma forma, não seguiam esse padrão da masculinidade hegemônica. Então, eu lembro muito dos *Cavaleiros do Zodíaco*. Uma das cinco personagens principais era o Shun, que era uma personagem um pouco mais frágil, diferente dos outros. Inclusive as roupas, as cores da sua armadura, que era rosa, também denotavam essa relação supostamente com a feminilidade. [...] Ainda que eu fosse criança, era uma

forma de me conectar. Porque, claro, tinha, por exemplo, desenhos animados com jogadores de futebol, mas nunca foi o universo do qual eu participei, tinham outros, que iam para aquele ataque mais violento, mas tinha este, que saía um pouquinho dessa norma.

Michelangelo: *Super Choque* foi uma referência muito grande para mim, por ele ser um herói, por ele ser negro, e tratar das questões de quem vive na periferia. Eu cresci vendo o crime, vendo o tráfico, vendo essas coisas.

Outra forma de representatividade da diversidade discutida no encontro foi aquela encontrada nas personalidades da mídia.

Donatello: Eu trago a imagem de um cantor, um homem homossexual, que se chama Miguel Bosé. Ele desobedecia cromaticamente, comportamentalmente, aos estereótipos de uma masculinidade bruta.

Michelangelo: Também tem a foto da Vera Verão. É a primeira lembrança que eu tenho de alguma pessoa LGBT negra publicamente assim. Mesmo que muitas vezes ela fosse colocada nessa posição de chacota, para mim foi importante poder ver.

A identificação entre os participantes da pesquisa e as personagens ou personalidades acima comentadas evidencia a importância da inclusão, nas narrativas dos produtos audiovisuais e na mídia em geral, das pessoas que são marginalizadas a partir das normas socialmente pactuadas. É fundamental descontinuar a supremacia do olhar notoriamente masculino, cisgênero, heterossexual e branco na produção de visualidades e de histórias em torno delas. “Poder ver” alguém semelhante a si gera referências que proporcionam um sentimento de pertencimento, de validação da própria existência, salutar em meio a tantas imagens, tantos discursos e tantas práticas que excluem e recriminam determinadas pessoas. Assim, poder se “conectar” com aquilo que se vê é uma forma de se sentir, também, visível. Entretanto, vale ressaltar que a representação não basta por si mesma: é necessário que, além de fazerem parte das visualidades, essas personagens ou personalidades não tenham suas aparições limitadas aos estereótipos nocivos que já circulam acerca delas. É necessário expandir a gama de representações dos grupos tradicionalmente outrizados, de modo a colaborar para a construção de imagens e histórias positivas em torno deles.

Um comentário sobre as relações entre masculinidades e violências surgiu a partir da trama da novela *Pantanal*, que estava sendo exibida pela Rede Globo, em horário nobre, no período em que foram realizados os encontros.

Donatello: Essa novela traz a reprodução dos estereótipos de gênero, pelo menos desde minha perspectiva. Normalmente, a gente pensa o vilão [Tenório, interpretado por Murilo Benício] como sendo aquele cara tosco, bruto e, de fato, essa personagem é. Para garantir a construção dessa personagem, tem todas essas características. O cara é assim: machista, agressivo. Ele tinha outro casamento, aí a esposa descobre e começa a manter um caso com dois dos seus empregados, os caseiros. Então, para essa personagem, assim como para muitas pessoas fora da ficção, esse fato de ter sido “corno” é como se fosse o fim, porque parece que perde qualquer grau de masculinidade, de virilidade. Enquanto, digamos, penso eu, ao redor das mulheres se criam redes de apoio para esses momentos, o homem tenta, de um lado, responder com violência, de outro lado, manter essas situações o mais ocultas possível. Alguém colocou aqui, também, a imagem de outra personagem, feita pelo Silvero [Pereira, que interpretou Zaqueu]. Com essa personagem, com essa imagem que está aí, acontece algo muito interessante. É uma identidade homossexual, que sofre preconceito porque quer ser peão, o que culturalmente seria uma atividade do “macho” hétero, daquela personagem que faz o trabalho mais bruto. E ele sofre preconceito por querer estar nesse lugar. Aí ele diz: “Eu sou uma pessoa que posso ocupar qualquer lugar”. Inclusive, as outras personagens tentam persuadí-lo: “Ah, mas é que você cozinha tão bem, fique na cozinha, que lá ninguém vai fazer piadas homofóbicas”. Como se ele tivesse que recuar. Como se a solução fosse ele não exercer sua liberdade de estar onde ele quisesse. É interessante porque ele fala: “Por que as piadas têm que existir?”.

Esses dois personagens permitem perceber contornos bastante acentuados entre masculinidades. Ainda que ambos os casos tratem de situações em que a “masculinidade” se vê ameaçada, as consequências disso são distintas. Se, em um caso, essa ameaça desemboca na prática de violências, no outro, o homem se torna alvo delas.

Por um lado, há o homem “bruto, tosco, machista, agressivo”, que, vendo seu suposto poder entrar em colapso, responde com violência. Esse estereótipo é, infelizmente, bastante familiar: o noticiário está repleto de agressores de mulheres e feminicidas com perfis similares. João Silvério Trevisan (2021, p. 26) tece algumas reflexões sobre essa questão, considerando a “masculinidade em crise” como um fator desencadeador da violência, uma vez que se sentir “acuado” diante de determinadas situações exacerba nos homens a agressividade. Malvina Muszkat

(2018) explica que os ataques violentos praticados pelos homens como resposta “a uma ameaça, um fracasso ou uma situação de impotência” são indicativos da “falta de recursos materiais e/ou emocionais para encontrar respostas mais adequadas ou descoladas do refrão social” (p. 81), que impinge à violência um verniz heroico e redentor. Portanto, conclui a autora, “deslegitimizar alguns mitos” (p. 83) sobre a “masculinidade” é uma forma de contribuir com o combate à violência de gênero.

Por outro lado, temos um homem ridicularizado por supostamente não pertencer ao grupo dos homens “de verdade”. Ao homem que não performa uma masculinidade viril e truculenta, é muitas vezes interdita a possibilidade de exercer determinadas tarefas e ocupar determinados lugares. A prescrição do convívio com as mulheres, na “cozinha”, como no exemplo, decorre da desvalorização e tentativa de subjugação, a um só tempo, dos homens transgressores e das mulheres. Limitar acessos é uma forma de, a partir de uma determinação arbitrária de inaptidão, distribuir credenciais que conferem autoridade, poder e dominação para apenas alguns, julgados “merecedores”. No caso dos homens homossexuais, a perda dessas credenciais é uma forma de punição pela não aderência às normativas de gênero, a partir da “revogação” de um direito supostamente conferido a eles pela natureza. Sobre as humilhações de cunho homofóbico, que não são direcionadas exclusivamente a homens gays, escreve Allan Johnson (2014, p. 89, tradução nossa¹⁰⁶):

Raramente a questão está no comportamento, na identidade ou na orientação sexuais. [...] Em vez disso, o que ocasiona tais ataques é frequentemente a relutância em dar suporte à solidariedade masculina, jogando o jogo do controle e da dominação. [...] Se o homem é ou não gay é irrelevante, porque só sua solidariedade aos valores patriarcais e aos outros homens é o que importa.

Os casos desses dois personagens permitiram, junto ao grupo, perceber como os homens podem figurar tanto no papel de perpetradores quanto de vítimas de violências embasadas pelas normativas de gênero. Isso contribui para uma complexificação, necessária a um estudo que pretenda superar reducionismos e essencialismos. Montar imagens, nesse contexto, se provou uma estratégia que permitiu a seleção e aproximação de imagens díspares com o objetivo de

¹⁰⁶ No original: “Rarely is sexual behavior, identity, or orientation the issue. [...] Instead, what occasions such attacks is often a reluctance to support male solidarity by playing the control and domination game. [...] Whether he is gay is irrelevant, because it is only his solidarity with patriarchal values and other males that matters” (JOHNSON, 2014, p. 89).

estabelecer entre elas conexões, as quais situaram essas personagens como reflexos das contradições inerentes às masculinidades. A montagem ajudou tanto a tornar visíveis quanto a imaginar relações não só entre imagens, mas também entre realidades, ativando um pensamento problematizador diante do cotidiano.

Em adição, o lançamento de olhares críticos para a “masculinidade” permitiu também notar sua fragilidade. Malvina Muszkat (2018, p. 83) comenta que “sentir-se Homem, com letra maiúscula, o tempo todo deve ser uma tarefa extenuante, pois exige um desempenho ininterrupto com estrito controle para que não se sinta ‘frouxo’, ‘bicha’ ou ‘corno’”. Esses adjetivos pejorativos são fonte de tensão perene aos homens, cuja filiação à “masculinidade” compulsória requer que não venham a ser ou parecer nada disso.

A fala de Leonardo aborda a fragilidade da “masculinidade”:

Leonardo: Eu fico olhando como essa questão da masculinidade é transitória, e não tem o mesmo significado, o mesmo valor, em diferentes lugares. Em um lugar ela pode ter um significado, e em outro não. Há uns meses eu vi um artigo da Folha¹⁰⁷ que citava uma pesquisa realizada nos Estados Unidos e que perguntava para as mulheres qual era o modelo, o tipo de homem que elas gostavam. Elas diziam que o homem com gato não é tão másculo. A masculinidade é muito frágil, né? O tempo todo, por qualquer coisa, ela já fica instável. E a gente tem que, o tempo todo, tentar se reafirmar.

É imprescindível pôr em discussão que as ideias sobre masculinidades variam entre espaços e tempos distintos, assim como entre os homens que fazem parte de uma mesma sociedade, e até mesmo dentro do ciclo de vida de cada homem (FERGUSON *et al.*, 2005). Reconhecer isso significa, além de valorizar as distintas masculinidades existentes, também acreditar em potenciais de transformação. Recusar compreender a masculinidade como uma “essência constante, universal, comum a todos os homens” (FERGUSON *et al.*, 2005, p. 29) é uma forma de, sem negar a existência de discursos dominantes e de dominação, deixar brechas para a ação individual:

As subjetividades são produzidas no convívio com ideologias e conjuntos prontos de representações dos grupos de poder. Entretanto, qualquer sujeito pode se posicionar de forma passiva diante de uma ideologia dominante ou assumir posição questionadora, de indivíduo, em relação a

¹⁰⁷ A fala do participante provavelmente faz referência ao artigo “Homens segurando gatos são menos propensos a dar ‘match’ em aplicativo de paquera” (FOLHA DE SÃO PAULO, 2020).

ela. Qualquer indivíduo pode permitir-se romper com a sujeição para criar e construir significados singulares. (MUSZKAT, 2018, p. 81)

A fala de Leonardo demonstra que a fragilidade da masculinidade está bastante relacionada ao olhar lançado para o homem pelas outras pessoas. A instabilidade de ser “másculo” decorre, então, do julgamento feito por outrem. No caso específico do relato, se trata da atratividade para as mulheres, dentro de uma dinâmica heteronormativa. Entretanto, não são apenas as mulheres que julgam a masculinidade, e arrisco dizer que elas não são nem mesmo as principais juízas, como explicarei adiante, com base no trecho da conversa reproduzido abaixo.

Leonardo: Eu vejo pessoas trans, no caso homens trans, que assumem essa postura da “masculinidade”, então chegam nas meninas e pegam nelas, e passam a mão na bunda delas. É uma cena típica do assédio mesmo, para se reafirmar. Os homens trans vão tentar se reafirmar, né? E, do outro lado, os homens cis também vão tentar se reafirmar.

Dentre nós, no grupo, infelizmente não tínhamos nenhum homem transgênero ao qual pudéssemos ouvir pessoalmente sobre essa questão. Apesar disso, é valioso pensar em como a abordagem deste tema permite conjecturas sobre a construção social de ideias a respeito do gênero. O comentário de Leonardo evidencia que tanto homens trans quanto homens cis são instados a “reafirmar” serem portadores da “masculinidade” socialmente valorizada, caindo por terra a concepção de que o gênero está dado por fatores biológicos.

Compreender que o gênero é construído performativamente, como nos ensina Judith Butler (2020), é considerar os modos como cada pessoa negocia com as normas socialmente pactuadas e, a partir desse processo, constrói seus modos de ser e estar no mundo. Homens cis e trans que “incorporam” (em um sentido amplo do termo) a ideia nociva de “masculinidade” em circulação, calcada na dominação, como forma de se “reafirmarem”, são herdeiros de roteiros restritos e restritivos sobre o que significa ser um homem “de verdade”.

Na esteira dessas colocações, é importante buscar o que pessoas transmasculinas têm a dizer sobre essa questão. Danillo Pietro Craveiro (2020, p. 34) tece comentários, a partir de seu processo de construção identitária, sobre o repertório acerca da “masculinidade” disponível socialmente:

Quando comecei a ir em busca do que era “ser homem”, me deparei com muitos garotos e transmasculines que utilizavam o machismo como um trunfo perfeito, e a ideologia do que era “ser homem de verdade”, a partir de

comentários que inferiorizavam mulheres cis e trans, invisibilizava travestis e objetificava o corpo cis feminino.

Diante disso, Craveiro (2020) destaca a importância que teve para si o ato de se libertar das amarras “do ‘ser homem’ para a sociedade” (p. 37), ou seja, das ideias perigosas sobre o que significa ser e se relacionar como um homem “de verdade”. O autor acrescenta: “Mesmo fazendo o máximo para não ser machista, ainda assim fui, ainda sou, pois a desconstrução é contínua” (p. 36). Ele aponta, ainda, caminhos para essa desconstrução: “junto de mulheres que falam de suas lutas, do que fazer para não reproduzir o machismo, vou aprendendo, evoluindo e moldando, cada vez mais, a minha personalidade transmasculina” (p. 37).

Em se tratando especificamente do assédio às mulheres como forma de se provar homem, entram em jogo outros olhares extremamente importantes para a validação das masculinidades: os dos outros homens. Rita Segato (2021) explica que o “sujeito violador é exposto a um mandato de masculinidade, um mandato que exige que ele mostre sua capacidade, seu título, sua posição masculina aos olhos dos outros” (p. 43, tradução nossa¹⁰⁸). Por isso, na concepção da autora, “a violência contra as mulheres deriva da violência entre os homens, das formas de coação que eles sofrem para que não se esquivem [do mandato da masculinidade] – correndo o risco de perder seu título de homens.” (p. 48, tradução nossa¹⁰⁹). Dentro dessa dinâmica, ser ou não reconhecido como homem é um processo que carece, de forma contínua, do reconhecimento dos outros homens, e o exercício da violência contra as mulheres é uma das formas pelas quais é possível “provar” a própria masculinidade.

Mais algumas inquietações surgiram em torno da discussão sobre a transgeneridade.

Raphael: As minhas informações de leitura são muito poucas, então eu nunca me aprofundo tanto nas questões de gênero, mas tem algumas coisas que me intrigam muito. Eu tive a experiência de voltar para a sala de aula agora, e na turma que eu estava estagiando tinham três pessoas que se reconheciam como pessoas trans. Mas essas pessoas representavam o

¹⁰⁸ No original: “sujeto violador está expuesto a un mandato de masculinidad, un mandato que le exige exhibir su capacidad, su título, su posición masculina ante los ojos de los demás” (SEGATO, 2021, p. 43).

¹⁰⁹ No original: “la violencia contra las mujeres se deriva de la violencia entre hombres, de las formas de coacción que sufren para que no se esquiven – a riesgo de perder su título de participación en el estatus masculino” (SEGATO, 2021, p. 48).

estereótipo do homem e da mulher cis. O homem trans era uma pessoa com o cabelo curtinho, a mulher trans era uma pessoa com o cabelo longo... Eu achava isso estranho, assim, de ver. Como essa “mudança” de gênero às vezes reforça o preconceito que a sociedade estabelece. Na verdade, a pessoa não está alijada da sociedade, ela está inserida. Mas isso é estranho para mim. Hoje me interessa muito mais quando eu vejo uma pessoa mais gênero fluido, com relação à roupa, tipo barba com saia, barba com cabelo grande, ou saia com cabelo curto, enfim, fazendo essa brincadeira com relação a utilizar os signos relacionados aos estereótipos de gênero na nossa sociedade, e nos confundindo, digamos assim. De olhar e dizer: “Opa, aqui tem alguma coisa, deixa eu observar”.

Donatello: Enquanto ele falava, fiquei aqui pensando se de fato a gente poderia pensar os gêneros como se fossem uma espécie de roteiro. É aí que a gente vê a força que os gêneros têm, e como essas imagens que a gente têm nos fazem fazer essa verificação o tempo inteiro: Se parece com o quê? Tal como deve ser e como deve atuar? As idas e vindas me parecem que são uma verdadeira construção de gênero, não definida pelos outros. Eu acho que é aí que está a riqueza da experiência.

A leitura de Judith Butler (2019, p. 217) permite conjecturar respostas para as inquietações apresentadas por Raphael:

A identificação é sempre um processo ambivalente. Identificar-se com um gênero nos termos dos regimes contemporâneos de poder implica identificar-se com um conjunto de normas realizáveis ou não, cujo poder e condição precedem as identificações por meio das quais se intenta insistentemente se aproximar. “Ser homem” ou “ser mulher” são assuntos internamente instáveis. Estão sempre acometidos por uma ambivalência precisamente porque há um custo na assunção de cada identificação, a perda de algum outro conjunto de identificações, a aproximação forçada de uma norma que nunca pôde ser escolhida, uma norma que nos escolhe, mas que nós ocupamos, invertemos e ressignificamos na medida em que ela fracassa em nos determinar por completo.

A partir das palavras de Butler, podemos perceber que performar feminilidades ou masculinidades, no caso das pessoas trans ou mesmo das cis, não é algo que, em si, “reforça” preconceitos, mas sim uma forma de criar e expressar quem se é a partir da manipulação dos conjuntos de códigos sobre gênero disponíveis. Nesse sentido, a estilização dos corpos trans conforme o que o imaginário normativo sobre gênero preconiza (“homem se veste desse jeito” ou “mulher se veste daquele”) não é uma forma de coadunar com os preconceitos impregnados nessas noções. É um modo de reivindicar uma identidade que, ainda assim, é usualmente e violentamente negada às pessoas trans, inclusive quando estão vestidas de acordo com que é esperado de seu gênero.

Por outro lado, é imprescindível pensar sobre os motivos que levam as práticas das pessoas trans a entrarem em suspeição. Letícia Carolina (2021) desmonta a crença que embasa essas desconfianças: “As mudanças são inerentes a todes e não a uma identidade em particular. Todas as identidades são performativas, nenhum de nós é alguém essencialmente” (p. 21). A autora aprofunda seu pensamento:

Nós performamos o tempo todo – não só pessoas trans, todes possuímos identidades fictícias, frágeis, mutáveis. A gente naturaliza a nossa identidade e entende a do outro como uma ficção: “Eu sou naturalmente homem branco; a travesti é que é louca e inventou uma personagem pra ela”. Ora, todes somos personagens e quem diz que é real é mentiroso. (CAROLINA, 2021, p. 21)

As ideias que Donatello trouxe para o grupo convergem com esse pensamento, ao refletir sobre o modo como determinados roteiros, impostos cultural e visualmente, costumam formatar as expectativas com as quais olhamos para o mundo. Valorizar “as idas e vindas” é uma forma de romper com modos de ver que rejeitam e fomentam violências a quem transgride aos padrões.

Outras imagens que discutimos no grupo nos permitiram pensar a respeito de distintas formas de masculinidades, bem como sobre as relações entre elas.

Donatello: A virilidade, que a gente atrela muito à masculinidade, também perpassa por assuntos de raça, de entender como o homem preto é visto como aquele corpo com mais força, de quem se exige uma performance mais bruta, sexualmente se fazem mais cobranças. Essas coisas têm um cunho colonialista e também estético. Os escravos negros eram representados com uma força absurda, servil, e o homem branco como sendo o senhor limpo, puro, dono, e o homem indígena “miudinho”, quase que num terceiro plano, sem aparecer. Então, essas imagens vão nos reforçando esse sentido da virilidade. Se exerce, por meio da arte, um regime estético sobre esses corpos, sobre o que se espera desses corpos, e em que lugar eles devem estar. O homem branco sendo servido, o homem negro fazendo o trabalho de servir, e o homem indígena quase que sumindo, desaparecendo.

As diferenciações entre homens negros, indígenas e brancos, em relação direta com ideias colonialistas, demonstram hierarquias entre distintas masculinidades, que contribuem para a distribuição ou negação de acessos e privilégios. A reprodução visual dessas assimetrias fomentou e ainda fomenta preconceitos e violências. Colocar o homem branco no centro do mundo, como definição de humanidade e régua moral, é uma prática outrizadora por excelência, que remonta às raízes ocidentais e serve como justificativa para a subordinação e o

genocídio de negros e indígenas no curso da história. Ainda hoje, vivemos em uma sociedade marcada por desigualdades patrocinadas pelo projeto de poder da branquitude masculina, ainda que muitos recusem renunciar aos privilégios auferidos em virtude disso e manifestem indignação diante de políticas públicas que buscam reparações de danos historicamente acumulados.

É indispensável para a discussão sobre o protagonismo dos homens brancos, nos dias de hoje, reconhecer os modos como sexismo e racismo estão alinhados à cisheteronormatividade. Se unem às usuais prejudicadas por esse regime ilegítimo – as mulheres e comunidades negras e indígenas – as pessoas lésbicas, gays, bissexuais, trans, travestis, queer, intersexo e assexuais. Para quem está situada na intersecção entre esses conjuntos, a realidade é ainda mais cruel.

Não precisamos ir longe para verificar os efeitos nocivos da aliança entre masculinidade, branquitude e cisheteronormatividade. Na recente história nacional, o mandato do ex-presidente da república Jair Messias Bolsonaro foi marcado por investidas contra todas essas pessoas. Perseguidor das minorias sociais e disseminador do ódio, Bolsonaro congregou em torno de si defensores da “ordem” machista, racista e LGBTQIA+fóbica, e é responsável pela amplificação da circulação de uma retórica que culminou e ainda culmina na prática de violências.

Uma vez que os encontros do grupo ocorreram durante o período eleitoral de 2022, era inevitável que o ex-presidente e, à ocasião, candidato (derrotado) à reeleição, aparecesse nas montagens produzidas junto ao grupo. Autoproclamado “imorrível, imbrochável e incomível”, Bolsonaro é uma figura construída em torno de uma definição truculenta de “masculinidade” e um proeminente representante do extremismo ao qual a filiação a essa norma pode levar. Por outro lado, é preciso também considerar os modos pelos quais seus críticos apelaram, muitas vezes, à desestabilização ou desmoralização da masculinidade de Bolsonaro, por meio de piadas com contornos homofóbicos. Sobre isso, disse Raphael:

Raphael: A esquerda e a direita às vezes ficam na mesma cartilha nesses processos de reforço do preconceito. Então, a história do “tchutchuca” é utilizada pela esquerda. A “torcida”, o choro dos descontentes, independente do lado, do espectro, fica reverberando “Dilma, vai tomar no cu”, “Bolsonaro, vai tomar no cu”, como se “tomar no cu” tivesse alguma relação que descaracterizasse ou despersonalizasse a pessoa, ou impingisse a ela algum tipo de desacato, de desalinho, alguma coisa que a depreciasse.

“Bolsonaro Corno”, “Rainha Louca”, “Maria Cloroquina”, “Noivinha do Aristides”, “Tchutchuca do Centrão”, “Broxonaro”... O repertório de *hashtags*, piadas e memes produzidos e disseminados por pessoas de esquerda contra Bolsonaro, que foi trazido pelos participantes na montagem, é repleto de ataques à noção de “masculinidade” da qual ele defende ser representante. Isso merece atenção porque, ainda nos setores ditos mais progressistas da sociedade, a homofobia aparece latente. Além disso, há um sexismo embutido na maioria dessas imagens, que colocam a cabeça de Bolsonaro em corpos de mulheres como forma de inferiorizá-lo, bem como ridicularizam seu descontrole como se este fosse uma característica feminina, e não um vestígio das próprias ideias sobre a masculinidade mantidas pelo ex-presidente. O emprego desses recursos discursivos e visuais põe em movimento ideias inaceitáveis e perigosas.

Rumo ao fim desse encontro, surgiram reflexões interessantes sobre a forma como os homens do grupo se entendem ou não implicados em discussões sobre as questões de gênero e suas expressões sociais.

Raphael: Se eu não tenho pessoas ao meu redor que estabeleçam diálogo, e essa necessidade de um aprofundamento da compreensão, da problematização, ela não se torna prioridade para mim. Se eu não tenho uma vizinha mulher que discuta isso comigo, se eu não tenho nos meus espaços de discussão, de disputa de poder, alguém que empunha essa bandeira, eu não me sinto capaz de fazer isso, porque não é uma coisa que me chegue, né? É estranho isso. Não é uma coisa que seja urgente para mim.

Os problemas de gênero parecem a muitos homens algo distante, ainda que não sejam. Comentários como esse reforçam a percepção de que, enquanto as mulheres são sujeitas eminentemente gendradas, o gênero dos homens é “neutro”. A suposta “neutralidade” masculina permeia desde a língua ao design e, com base nela, os pretensos sujeitos “universais” moldaram o mundo à sua imagem e semelhança.

É evidente que os homens precisam aprender sim, e muito, com as mulheres, mas não pode ficar restrito a elas o papel de encabeçar a luta contra as desigualdades e opressões fundamentadas pelas normativas estreitas de gênero. Isso porque as marcações de gênero nos afetam, a todos, todas e todes. Enquanto os homens tratarem essa questão com indiferença e distanciamento, ou encararem a agenda feminista como um ataque a si e aos seus “direitos”, fenômenos como a

violência de gênero continuarão acontecendo de forma desenfreada, dia após dia, uma vez que é necessária para o seu verdadeiro enfrentamento uma transformação social profunda, a qual, sem a problematização das masculinidades e a mobilização dos homens, não é possível.

Outra fala de Raphael aprofunda a reflexão sobre o “lugar” dos homens.

Raphael: Eu já estive em espaços de mulheres negras. Era uma atividade de mulheres negras e eu falei: “Eu posso ir?”. As pessoas disseram: “Você pode, contanto que você respeite o espaço”. Então, naquele espaço, meu lugar era de sentar e de observar, e de me compreender melhor, enquanto homem branco. Eu estou trazendo isso porque é uma coisa que eu tenho como referência. Então, quando eu vou discutir sobre questões de gênero, eu sempre fico mais na escuta, né?

Algo que o participante aponta é fundamental. Nem sempre é hora de falar. Às vezes é hora de ouvir. Desenvolver a habilidade da escuta é salutar para aprender sobre e valorizar vivências e experiências diferentes das nossas, bem como para a manutenção de relações interpessoais livres da violência. O diálogo pressupõe, para que todas as vozes possam ser ouvidas, que algumas se calam por alguns instantes. Mas não basta o silêncio. É necessário, também, atenção e empatia. Isso se evidencia na fala de Raphael, quando diz que aproveitou a ocasião descrita para se “compreender melhor, enquanto homem branco”, a partir das falas de mulheres negras. Entretanto, no fim de sua fala, Raphael menciona que, em discussões sobre gênero, sente que seu lugar é “mais na escuta”. Esse nem sempre é o caso. Às vezes, é necessário falar.

Nesse sentido, a intervenção de Donatello traz pistas de um debate relevante: quem pode e quem não pode falar?

Donatello: Eu admito que tem se tornado cansativo, pelo menos para mim, não poder emitir algumas opiniões por eu não ser essas “outras” pessoas. Então, eu acho que quando a gente participa desses processos, não é apenas uma questão de melhorar como pessoa sozinha no mundo. “Ah, porque você não é homem negro, então você não pode falar disso”. Claro. Mas eu não preciso dizer que eu sou um homem negro. Porque eu não sou. Mas eu, por exemplo, como professor, passo a reconhecer algumas situações. Eu não vou falar na primeira pessoa, mas eu vou falar de uma situação que acontece, que de alguma forma me interpela. Às vezes me assusta esse “ah, você não pode falar, porque você não é isto”. Claro que a gente não pode roubar a cena das pessoas que passam pela situação, mas a gente convive diariamente com múltiplas coisas, com as quais a gente

poderia inclusive contribuir minimamente. Nos aproveitarmos dos privilégios que temos para fazer alguma coisa.

Essa fala se inscreve em um contexto no qual a expressão “lugar de fala” foi reivindicada, de maneira equivocada, como forma de promover silenciamentos. Isso porque “não ter lugar de fala” se tornou uma alegação usual para convidar pessoas a silenciar a respeito de determinadas questões que não vivenciam em primeira mão. Mas vale ressaltar também que essa falta de “lugar de fala” também é, por muitos, reivindicada como pretexto para manter um distanciamento conveniente de determinados temas.

O lugar da “escuta atenta” é importante para que as aprendizagens aconteçam¹¹⁰. No entanto, todas as pessoas falam desde um lugar. Cada indivíduo percebe a realidade de uma forma peculiar, única. Partindo dessa premissa, não há pessoas “sem lugar de fala”. O comentário de Donatello ajuda a perceber uma inquietação legítima, uma vontade de falar e de ser ouvido que parte da percepção de como a realidade nos “interpela”, nos incomoda, e do que podemos fazer para tentar contribuir, sem silenciar os relatos em primeira pessoa de outras vozes, mas também sem nos isentarmos diante de situações de injustiça, nos isolando dentro de uma zona de conforto forrada por privilégios.

¹¹⁰ Sobre isso, bell hooks (2020a, p. 50) tem muito a nos ensinar: “A pedagogia engajada pressupõe que todo estudante tem uma contribuição valiosa para o processo de aprendizagem. No entanto, não pressupõe que todas as vozes devem ser escutadas em todos os momentos ou que todas as vozes devem ocupar a mesma quantidade de tempo. [...] Em uma sala de aula engajada, estudantes aprendem o valor de falar e de dialogar, e também a falar quando têm uma contribuição significativa a fazer. Compreender que todo estudante tem uma contribuição valiosa a oferecer para a comunidade de aprendizagem significa que honramos todas as capacidades, não somente a habilidade de falar. Estudantes que são excelentes na escuta ativa também contribuem muito para formar a comunidade”.

Um dos participantes arriscou uma breve resposta à questão proposta, com base na montagem construída pelo grupo.

Donatello: Sobre a pergunta, eu acho que a gente está o tempo inteiro como que se espelhando nos outros e nas outras que aparecem nessas imagens. Claro que isso que nos contam essas imagens parece que nos dá chancelas e também nos cria temores. A gente, desde quando está sendo alfabetizado, começa a ter esse processo com essas imagens, que parecem ser inocentes, mas de inocentes não têm nada, porque vêm de processos maiores de colonização do gênero, dos corpos. Esses discursos das imagens que aparecem nos livros, na televisão, nas brincadeiras, nos dizem até onde podemos chegar. Inclusive, eu fiquei pensando muito, porque muitas dessas imagens aí passam por um abuso do corpo, uma serventia do corpo do outro.

A percepção de que as imagens “parecem ser inocentes, mas de inocentes não têm nada” contribui para o desenvolvimento de uma postura crítica diante delas, à medida que nos torna alertas para os discursos dos artefatos visuais com os quais interagimos. No que tange ao gênero, muitas imagens postulam o que se deve ou não ser, parecer, pensar ou fazer. Entre “chancelas” e “temores”, transcorre um processo que ensina determinado conjunto de normas, as quais objetivam moldar mentes e corpos, bem como alerta para os perigos implicados em desobedecê-las.

A partir desse reconhecimento do potencial educativo das visualidades sobre as questões de gênero, é importante questionar o que ensinam as imagens de mulheres violentadas que circulam dentre nós. Mulheres assediadas, com armas inseridas em suas bocas, facas apontadas para seus pescoços, enforcadas, puxadas pelos cabelos, com olhos roxos e rostos machucados, desacordadas caídas em escadas ou dentro de porta-malas de carros, trespassadas por espadas, com corpos esquartejados à mostra ou dentro de sacos de lixo... Montamos no grupo imagens oriundas de contextos diversos, da fotografia jornalística, da fotografia publicitária e de memes, que demonstram a pervasividade da violência contra as mulheres. Em algumas delas, essa violência aparece nas marcas, reais ou encenadas, em seus corpos, enquanto em outras é insinuada e ridicularizada. Algumas dessas imagens, inclusive, revestem essa violência de glamour ou de humor.

Esses exemplos nos permitem pensar sobre como essas imagens participam da instauração de um terrorismo com base no gênero. As mulheres são instadas, desde cedo, a se perceberem como vítimas em potencial e a fazerem de tudo para

se proteger. Devem obedecer, “andar na linha”, senão vão acabar como as mulheres dessas imagens, e “não será por falta de aviso”.

E quem aparece, majoritariamente, como perpetrador desses atos violentos? Os homens. Logo, essas imagens também carregam um ensinamento perigoso para eles: quando as mulheres desobedecem às normas e a eles, elas merecem uma lição, e são eles os encarregados de aplicar um “corretivo” nelas.

No entanto, reconhecer como as imagens estão imbricadas na construção da violência nem sempre é fácil.

Raphael: Para mim, hoje, quando eu olho essas imagens, eu não consigo fazer com que elas de alguma maneira se relacionem com a minha subjetividade, a ponto de me tornar essa pessoa que elas representam. Elas não me representam e não me representarão. Eu fico olhando para as imagens e eu fico pensando assim: “Ok, essas imagens representam várias questões... Mas elas farão com que eu incorpore, dentro do meu cotidiano, essas ações? Eu vou me tornar uma pessoa violenta, ou não, em função disso?”. Bom, se eu não tenho alguma psicopatia, não, não vão. Eu só vou ficar impactado, vou perceber como a sociedade é injusta, vou tentar organizar algumas atitudes.

Donatello: Pode ser que muitas dessas imagens a gente nem lembre, nem esteja ciente do estrago que fizeram, mas talvez a gente, comportamentalmente, esteja reproduzindo algumas dessas violências.

Compreender a prática de violências contra mulheres como decorrente de “psicopatias” não contribui para o enfrentamento do problema, porque descarta o gênero como fator desencadeador e afasta os homens de se perceberem enquanto sujeitos imbricados nessa problemática. Lilia Schraiber *et al.* (2005) explica que essa crença reitera o senso comum de que “alguns homens sempre seriam violentos. Quais? Aqueles que teriam, por sua natureza, uma certa ‘falha de caráter’, um ‘desvio de conduta’” (p. 59). Para a autora, essa ideia de que “determinados homens, problemáticos em si mesmos, seriam levados à prática da violência” (p. 59), não se sustenta porque certas desordens ou situações podem até “potencializar situações de violência, mas de maneira alguma explicam ou definem um perfil permanente e direto dos homens que agridem suas parceiras” (p. 60). Bob Pease

(2019, p. 171, tradução nossa¹¹²) acrescenta que “se os homens violentos forem vistos como aberrantes e desviantes, não poderemos examinar os laços desses homens com a cultura mais ampla da masculinidade e do patriarcado hegemônico, da qual todos os homens fazem parte”.

A abordagem da violência de gênero como fruto de um distúrbio, por um lado, retira as masculinidades de discussão, porque elas não teriam nada a ver com o problema, e, por outro lado, não mobiliza os homens a se engajarem em seu enfrentamento, uma vez que, se eles não são “assim”, nada restaria a ser feito. Há um descompasso evidente entre isso e a prescrição social às mulheres para aderir a certas ideias de feminilidade, calcadas na contenção e na subserviência, como forma de se protegerem da violência. Quando uma mulher é agredida, é usual que se listem suas supostas falhas em ser uma “boa” mulher, de forma extremamente problemática. Quando um homem agride, no entanto, muitas vezes passa inquestionado que ele seja um homem.

O comentário de Donatello ajuda a desestabilizar essas noções, convidando o grupo a perceber sua implicação direta com o problema e enfatizando a mediação das visualidades na construção da mentalidade que ampara a prática de violências.

Neste mesmo encontro, Donatello trouxe a seguinte reflexão:

Donatello: Eu falo assim, como homossexual, que dentre nós homens homossexuais também essas violências de gênero são super marcadas. Inclusive a partir da relação que se dá na prática sexual, nos comportamentos, porque existem essas figuras que demarcam espaços. Por exemplo, eu estava seguindo um conhecido no Twitter, aí eu comecei a perceber nos comentários que ele se gabava por, sexualmente, cumprir um papel de ativo, desmerecendo outros homossexuais, que eram versáteis ou passivos. Por quê? Porque isso está associado a um papel de feminilidade, inclusive dentre os homens homossexuais, a partir dessas performances que se esperam das pessoas. [...] Como homem homossexual, claro que eu não vou submeter o corpo de uma mulher na hora do sexo. Claro que, por minhas relações, talvez essas imagens de violência física contra elas não se liguem diretamente a mim, mas eu fico pensando que também, às vezes, as palavras bonitas, que a gente tem por meigas, tenras, de alguma forma suavizam violências, quando a gente, por exemplo, elogia o fato de a mulher estar sobrecarregada de tarefas, quando nós, homens, devíamos estar ajudando. Mesmo que não seja a minha parceira... Pode ser a minha irmã, a minha mãe,

¹¹² No original: “if violent men are seen as aberrant and deviant, we cannot examine the links of these men to the wider culture of hegemonic masculinity and patriarchy of which all men are a part” (PEASE, 2019, p. 171).

a minha colega de trabalho. Então, quando a gente romantiza essa sobrecarga de trabalho, a gente está sendo, de alguma forma, abusivo. Inclusive coloquei uma imagem que têm a ver com isso.

Esse comentário demonstra uma tomada de posição de Donatello diante da questão, ao pensar que a sua sexualidade não garante a ele dispensa automática de praticar violências contra mulheres. Ao perceber como, mesmo dentre homens homossexuais, essas violências “são super marcadas”, vem à tona mais uma vez nas reflexões do grupo que o cisheterossexismo pode se infiltrar nas mentalidades de todas as pessoas, inclusive das que sofrem sob seu jugo.

A fala também demonstra a necessidade de pensar sobre uma miríade de atos violentos, que não se restringem à violência física. Essa parece ter sido uma dificuldade no trabalho com o grupo nesse encontro, apontando a necessidade de desenvolver de estratégias que possam auxiliar na compreensão de que diversos atos podem ter contornos violentos, e não apenas aqueles em que há agressões ou mortes. Isso pode ser uma barreira para atividades interessadas na prevenção do problema da violência de gênero. Durante o terceiro encontro, diferentemente dos demais, alguns homens pareceram ter dificuldade em mobilizar suas próprias experiências e tecer comentários sobre os atravessamentos das violências contra mulheres em suas vivências. Talvez porque as imagens mais óbvias ao se falar em violência sejam as mais chocantes, a montagem também não demonstrou um aprofundamento sobre o tema que o desdobrasse outros sentidos para além dos mais explícitos. Assim, em boa parte do encontro permanecemos na face mais visível do problema, sem conseguir acessar na profundidade devida o conjunto de ideias e práticas que ampara a sua manutenção. Um fator que pode ter contribuído para isso foi exposto por Raphael:

Raphael: Já que algumas informações me são excluídas do imaginário, pelo conforto, eu digito no Google “violência de gênero” e, a partir das imagens que o Google me disponibiliza, eu seleciono. Aí, para mim, existem algumas variáveis que são além de mim. Se eu penso em violência de gênero, eu me lembro de algumas questões voltadas a assassinatos, de travestis principalmente, ou relacionados à homofobia e tal... Alguns crimes de ódio, relacionados à questão do feminicídio, eu consigo também visualizar para colocar no Google, para pesquisar as imagens. Mas, além disso, ele vai me dar outras informações.

O uso de mecanismos de busca, realizado a critério dos participantes, pode ter contribuído para que as imagens selecionadas apresentassem uma noção enviesada da violência, que além de mais gráfica também teve sobretudo mulheres brancas e cisgênero como vítimas. Isso não desmerece as imagens trazidas e as conversas que despontaram a partir delas, mas serve de alerta para a necessidade de propor reflexões mais profundas acerca da violência, que poderiam ter ocorrido no espaço de um encontro dedicado a pensar sobre esse tema. Essas informações, obtidas durante o trabalho de campo, informam possibilidades de aperfeiçoamento para ações futuras.

Dentre as imagens que abordamos, algumas nos fizeram retomar a discussão sobre política iniciada anteriormente. Novamente, Jair Bolsonaro e seus apoiadores protagonizam os atos discutidos:

Donatello: Não tem como fugir, nesse momento, de imagens de política. Acho que dentro dos mapas que a gente está construindo, esse assunto, política, vai ser bem forte. Por exemplo, eu não conhecia a palavra “estepe”. Aí eu fui ver que o Bolsonaro chamou a Simone Tebet de “estepe”. Falei: “O que será que ele quer dizer?”. Aí, quando eu vi, ficou claro que isso é um tipo de violência de gênero, porque ele está forçando nela um papel que é aquele da mulher submissa.

Leonardo: Essa questão das eleições está muito fresca ainda. Muitos alunos estão preocupados. “Ah, professor, mas o PT defende, por exemplo, que homens tenham acesso aos banheiros de mulheres, né?” E aí começam a circular imagens, as *fake news*, mostrando um homem ao lado de uma criança, falando assim: “Você quer que sua filha, ao usar o banheiro, tenha a presença de um homem lá dentro?”. Então, vem o debate sobre essa questão, o termo errado “ideologia de gênero”... E eu percebo que a maioria dessas pessoas não quer debater. Elas não querem debater essa temática. Elas têm uma posição, uma visão sobre isso, e elas não querem debater essa temática. O que elas querem é confrontar. Não adianta você falar: “Mas você já viu a quantidade de casos de mulheres que, quando estão usando o banheiro público e denunciam que são fotografadas, são assediadas dentro do banheiro? Você sabe quem é o tipo de homem que assedia essas mulheres?” São homens héteros. Não são mulheres trans, ou homens trans. São homens héteros que entram no banheiro feminino para fotografar as mulheres. Ou seja, se nós formos pegar os dados, nós vamos ver que são homens que são os grandes responsáveis por essa violência contra a mulher. Mas as pessoas não querem discutir dados, elas querem discutir uma mensagem.

Há farto material, dentre gravações de Bolsonaro e o acervo inesgotável de *fake news* produzidas por seus apoiadores (inclusive aqueles que ocupavam a máquina pública e cujos vencimentos geravam ônus ao erário), que comprova os laços entre a masculinidade bolsonarista e a violência de gênero. Entre as ofensas reiterada às mulheres e o pânico moral criado em torno das questões de gênero e sexualidade, supostamente em “defesa” da família, das crianças, da moral e dos bons costumes, Bolsonaro e seus asseclas operam a partir de uma noção de masculinidade que se pretende “justiceira”, seja em defesa da própria honra ou de quem eles denominam “cidadãos de bem”¹¹³.

Na visão de Allan Johnson (2014), a suposta necessidade de defesa da “justiça” permeia diversas instâncias da socialização masculina (inclusive as visualidades) e é amparada em “um senso de legitimidade e autoridade que provém diretamente do âmago da masculinidade patriarcal” (p. 214, tradução nossa¹¹⁴), o qual confere aos homens “o direito, até mesmo a obrigação, de utilizar a violência” (p. 214, tradução nossa¹¹⁵) diante das situações que eles percebem como injustiças.

A humilhação pública, aos berros ou dentre risos, se tornou uma forma de punir mulheres que “desacataram” ou desagradaram Bolsonaro, sobretudo jornalistas e parlamentares de oposição. Ele insufla em seus seguidores, desde o tempo em que era um deputado do “baixo clero” do Congresso Nacional, o ódio contra minorias e, enquanto ocupante da cadeira da Presidência da República, promoveu diversos retrocessos nas pautas dos direitos das mulheres e pessoas LGBTQIA+. As falas de Donatello e Leonardo se inscrevem, então, em um cenário mais amplo de violência política, simbólica e institucional motivado pelo gênero e pela sexualidade.

A certa altura, as conversas no grupo se encaminharam para tentar conjecturar quem sofre mais na sociedade brasileira contemporânea, com base na consideração de marcadores sociais da diferença, como raça, gênero e sexualidade.

Michelangelo: A impressão que eu tenho é que a sociedade trata a mulher branca como mais do que as outras mulheres, mas ainda não como um ser

¹¹³ Vale destacar, entretanto, que muitos destes que Bolsonaro diz defender foram abandonados à própria sorte ao falharem sucessivas vezes em mantê-lo no poder, tanto nas eleições de 2022 quanto na tentativa de golpe levada a cabo em 8 de janeiro de 2023.

¹¹⁴ No original: “a sense of entitlement and authority that flows directly from the core of patriarchal manhood” (JOHNSON, 2014, p. 214).

¹¹⁵ No original: “a right, even an obligation, to resort to violence” (JOHNSON, 2014, p. 214).

humano, e sim como um objeto. E essas mulheres brancas acabam tendo mais acesso a direitos.

Raphael: Hoje, dadas as circunstâncias, pertencer a determinadas minorias é pior do que pertencer a determinadas outras minorias. Por exemplo, ser homem negro para mim é menos sofrimento do que ser uma mulher branca, dentro das minhas leituras de homem branco. Ser homem negro tem a prerrogativa de ser homem, diferentemente de ser mulher. As mulheres, dentro de uma disputa por cargos públicos, são vilipendiadas por serem mulheres. Aí não tem relação de mulher branca, mulher negra, em nenhum momento se ressaltou a cor delas, em nenhum momento se estabeleceu alguma relação com a classe social delas. Por serem mulheres. Então, ser mulher, dentro das configurações que se estabelecem, é inferior a ser um homem negro. E aí está a dificuldade. Eu hoje me sentiria muito mal por ser mulher dentro dessas possibilidades de experienciar uma vivência na sociedade brasileira, diferentemente de ser um homem negro, ou de ser um homem gay, ou de ser um homem favelado, dentro da linha de miséria. Ser mulher hoje, na sociedade brasileira, capitalista, eurocentrada, é muito mais prejudicial do que outras questões. [...] Hoje, se alguém me pressionasse contra a parede e perguntasse para mim, se eu tivesse a obrigação de escolher como eu gostaria de voltar, numa outra vida, eu optaria por ser qualquer outra coisa que não mulher, dadas as questões que me chegam. As questões que me chegam são relacionadas às redes sociais, às relações inclusive que eu tenho estabelecidas com os meus amigos héteros que são casados. Como essas mulheres se sujeitam a esse tipo de relação heteronormativa que se estabelece na sociedade? Então, dadas essas informações que me chegam, eu não gostaria de me colocar neste corpo. A mulher realmente sofre de sobremodo na nossa sociedade, independentemente da orientação sexual dela, independentemente da classe social que ela se estabelece, da etnia, ou do colorismo... Existem algumas questões que são muito mais preponderantes na nossa sociedade, que faz com que essas informações me cheguem a ponto de dizer “não, eu não quero voltar, numa outra vida, sendo mulher”.

Donatello: Enquanto o Raphael colocava “quem sofre mais?”, eu fiquei aqui pensando... Claro que a gente não pode desconhecer quão complicado historicamente têm sido construir esse percurso para as mulheres, independente da sua raça, da sua origem socioeconômica. Mas, quando você fala, por exemplo, “quem sofre mais, uma mulher branca ou um homem negro?”, eu fiquei pensando no lugar onde essas pessoas estão. Fiquei pensando nos cenários de homens negros dos quais se exigem uma performance de força física, de contribuição econômica, inseridos numa sociedade que vai preferir dar um emprego a um homem branco. O homem negro foi educado para estar no mercado de trabalho, exercendo certos tipos de atividades, mas essa sociedade não corresponde a isso. Uma pessoa que cresce frustrada, uma pessoa que se caminha mais rápido na rua vai ser baleada, inclusive pela polícia, uma pessoa que pode, a partir desse desencontro com o que a sociedade oferece, sofrer violências simbólicas,

doenças mentais, ser candidatos mais próximos ao suicídio... São coisas que eu fico imaginando aqui.

O reconhecimento da objetificação das mulheres, dentro e fora das imagens, bem como das dificuldades e dos sofrimentos historicamente impostos a elas, são passos importantes rumo às reflexões necessárias para o enfrentamento do sexismo. Além disso, é salutar compreender que a violência atravessa corpos distintos de formas diferentes. Entretanto, é preciso ressaltar que o gênero é uma categoria política que nos ajuda a pensar sobre formas de opressão e possibilidades de superação desse problema, mas não é uma categoria estável e não existe no vácuo. Racismo, classismo, LGBTQIA+fobia, etarismo e capacitismo, entre outros graves problemas sociais, também culminam na produção cotidiana de violências, que precisam ser reconhecidas, de forma interseccional, e enfrentadas.

Propor uma categorização de opressões, com base na qual fosse possível afirmar que uma minoria sofre mais ou menos que a outra, é impossível. Ainda que fosse viável, seria uma forma ineficaz de enfrentar as desigualdades e violências. Para uma verdadeira luta contra as injustiças sociais, é necessário congregarmos pessoas em torno do projeto comum de uma sociedade livre e igualitária, não as dividir. Audre Lorde (2020, p. 166) nos ensina que, diante de outras pessoas oprimidas,

se eu falho em reconhecê-las como outras faces de quem sou, então estou contribuindo não apenas para a opressão de cada uma delas, como também para a minha, e por isso a raiva que se posta entre nós deve ser usada para a clareza e para o empoderamento mútuo, não para se eximir da culpa e agravar ainda mais nossa separação.

A interseccionalidade contribui para um pensamento consciente dos atravessamentos entre distintos marcadores sociais da diferença. Carla Akotirene (2020) explica que a adoção de uma abordagem interseccional “impede aforismos matemáticos hierarquizantes ou comparativos. Em vez de somar identidades, analisa-se quais condições estruturais atravessam corpos, quais posicionalidades reorientam significados subjetivos desses corpos” (p. 45). O foco não está, portanto, “nas diferenças identitárias, mas nas desigualdades impostas pela matriz de opressão” (p. 50), e, principalmente, no “que faremos politicamente com a matriz de opressão responsável por produzir diferenças” (p. 46).

São iluminadoras as palavras de Audre Lorde (2020, p. 175-176):

Se pretendemos impedir que as imensas forças que se somam contra nós estabeleçam uma falsa hierarquia de opressões, precisamos nos disciplinar a reconhecer que qualquer ataque contra negros e qualquer ataque contra mulheres é um ataque contra todos que sabem que nossos interesses não estão sendo atendidos pelos sistemas que sustentamos. Cada um de nós é um elo na corrente que une a legislação contra os pobres com os atentados a tiros contra os gays, o incêndio de sinagogas, o assédio nas ruas, os ataques contra mulheres e a retomada da violência contra o povo negro. Eu me pergunto, e a cada um de vocês, o que exatamente essa união exige que eu altere na trama da minha vida cotidiana? A sobrevivência não é uma teoria. De que maneira contribuo para subjugar qualquer membro do grupo que considero como sendo meu povo?

Um engajamento efetivo no combate às opressões pressupõe, então, repensar nossas vidas, nossas ideias, nossas atitudes, nossas relações. O enfrentamento às opressões não pode ser abstrato. Para isso, nossas formas de interagir com as outras pessoas e nossas ações no cotidiano precisam ser movidas pela solidariedade e pelo esforço ininterrupto de desconstrução das práticas sociais arraigadas culturalmente que produzem violências. Reconhecer a complexidade da matriz de dominação e as formas como nos assujeitamos a ela são passos importantes rumo a essa insurreição.

Dessa forma, desponta a importância dos “saberes localizados” (HARAWAY, 1995), incorporados, produzidos entre o pensar sobre e o agir no mundo. Nos encontros com o grupo, esses saberes puderam ser considerados, compartilhados, discutidos, problematizados. Foi ofertada, a cada um, a oportunidade de expor as próprias ideias e, também, de aprender com a experiência das outras pessoas, ampliando olhares sobre a realidade. Sobre a experiência junto ao grupo, nos disse Donatello:

Donatello: Nós aqui somos um grupo bem pequeno, e, de alguma forma, com oportunidades, inclusive de verbalizar mais dúvidas do que certezas. Eu venho aqui com muitas dúvidas. Fico imaginando cenários, por exemplo, de pessoas que não têm oportunidades de conversar. Só a oportunidade de conversar sobre isso já nos torna, de alguma forma, pessoas com privilégios. Conversar sempre fará bem.

A construção de um espaço simultaneamente livre de julgamentos, mas permeado pelo interesse em enfrentar certas ideias com a ajuda de outras ideias, permitiu o desenrolar de conversas sobre temáticas importantes. Foi possível falar e ser ouvido, e, principalmente, de ser acolhido, sem que, no entanto, esse acolhimento significasse concordância absoluta. Algumas vezes, foram manifestadas

ideias que precisavam e puderam ser problematizadas, de forma respeitosa, porém enfática. Por outro lado, o trabalho em grupo também proporcionou a manifestação de dúvidas, de incertezas, do interesse em aprender, e da vontade de acertar. Isso nos faz crer que montar com homens grupos reflexivos sobre gênero é uma estratégia valiosa para pôr em movimento ideias e práticas que desatem o nó entre masculinidades e violência.

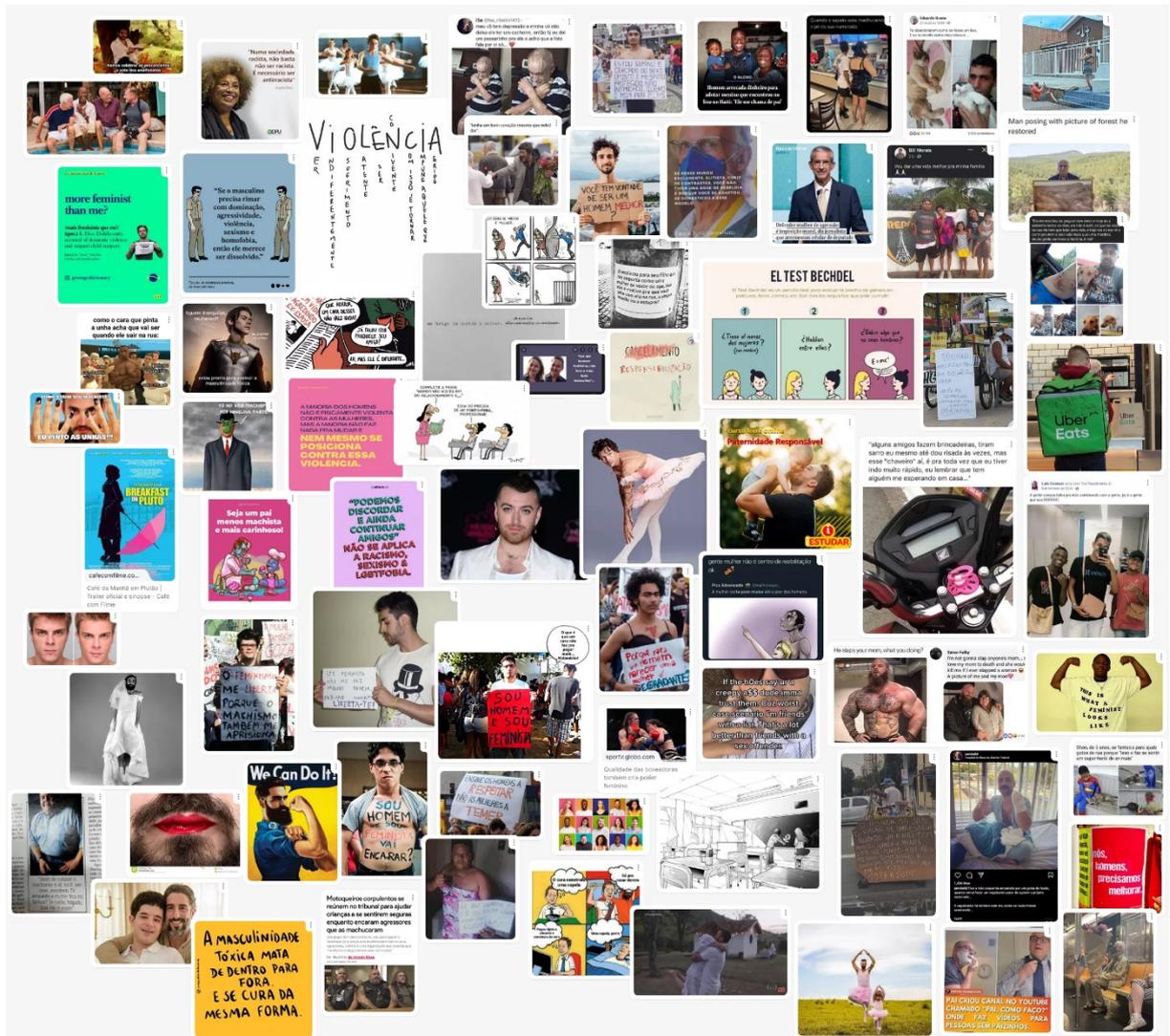


Figura 25 - Montagem 4: Como as imagens contribuem para a construção de “outras” masculinidades, não violentas e contra a violência de gênero?¹¹⁶
 Fonte: Acervo da pesquisa

O quarto e último encontro com o grupo foi dedicado a refletir sobre a questão “Como as imagens contribuem para a construção de ‘outras’ masculinidades, não

¹¹⁶ Acessível através dos links https://padlet.com/jocymeneses/encontro4_11out2022 (Padlet) ou https://drive.google.com/file/d/1pjWX91LDU8fcGgd6cyyU3dN_FUJhs6d4 (Google Drive).

violentas e contra a violência de gênero?”. Partindo das conversas que tivemos previamente, das experiências individuais de cada um e das imagens que montamos, pudemos perceber o gênero como uma construção social com a qual cada pessoa negocia na construção de sua subjetividade. Compreendendo que as normativas que forjam a “masculinidade” violenta são construções que podem ser desconstruídas, em prol da criação de masculinidades engajadas no enfrentamento da violência de gênero, chegamos a um ponto crucial para este trabalho: a tentativa de traçar caminhos para contribuir para a luta contra certas ideias, posturas e imagens com a ajuda de outras ideias, posturas e imagens.

As montagens realizadas nos encontros anteriores nos dão pistas disso, trazendo visualidades que não se submetem às normativas que geram violências e que tornam visíveis outras possibilidades para as vivências pessoais e interpessoais de gênero. Da recusa a se enquadrar – de diversas maneiras – na ordem de gênero, ao questionamento e à rejeição à violência que a permeia, essas imagens confabulam outros trajetos possíveis para os homens e para a sociedade em geral, estimulando a esperança e mobilizando para a ação.

Para esse encontro, o objetivo principal foi aprofundar nossas reflexões acerca de artefatos visuais que nos ajudassem a conhecer e imaginar formas de ruptura com a compulsoriedade e a banalidade do exercício da violência pelos homens, especialmente com relação às mulheres. As discussões enfocaram, principalmente, uma revisão de estratégias, visuais e comportamentais, que podem contribuir para isso.

Michelangelo, contemplando as imagens que se avolumavam na montagem, expressou a seguinte opinião:

Michelangelo: A primeira coisa que eu reparei é que tem muito mais texto hoje. Nos outros [painéis] eram muito mais imagens “puras”, e hoje tem mais texto.

Convidado a explicar melhor seu ponto de vista, ele complementou:

Michelangelo: Eu sinto que a imagem traz um caráter mais construtivo, e não desconstrutivo. Desconstruir através de imagem é muito mais difícil. Os textos são mais diretos, neles eu posso esmiuçar o que eu quero dizer, e com a imagem eu não sinto que tem tanto isso. Ela traz mais camadas, mas é mais difícil de acessar elas.

Essa ideia de que as imagens são mais ambíguas ou traiçoeiras que os textos, bastante comum, demonstra a existência de uma tensão entre “leitura” e “interpretação”. Ler textos é um ato aparentemente mais simples, supondo que eles sejam mais “diretos” que as imagens, porque a combinação de palavras, dispostas umas após as outras, tornaria efetivo o processo comunicacional. Dessa forma, bastaria reconhecermos as palavras e o que elas significam para compreender seus sentidos e os das frases, orações, períodos, parágrafos e textos que elas compõem. Já no caso das imagens, o que se põe em movimento não é uma leitura ordenada, da esquerda para a direita e de cima para baixo, mas um ato de interpretação, que consiste em esquadrihar sua superfície e tentar acessar suas “camadas”, desvendar seus mistérios, tateando no escuro, construindo significados escorregadios.

Convém destacar, entretanto, que para a compreensão dos textos também é necessário que ocorra a sua interpretação. Fernando Hernández (2000) explica que a interpretação das palavras, tal como a das imagens, não é automática. Fazendo referência à palavra falada, em um pensamento que poderia ser ampliado também para a escrita, teoriza o autor:

A interpretação é um procedimento quase automático no diálogo. Isso faz com que dialogar implique reconhecer a linguagem e os gestos do outro como um elemento para estabelecer uma forma de relação. Mas esse processo não se produz de maneira automática. O que é ouvido e visto deve ser reconstruído no interior daquele que o recebe. Para poder integrá-lo, o receptor deve retraduzir e reexpressar linguagem e gestos com suas próprias categorias mentais. Nesse esforço, o receptor hipotetiza a intenção e ideia a que possa responder a expressão que recebe. Essa suposição interpretativa configura sua resposta, que não é mais do que a expressão representada do efeito que a comunicação do outro teve nele. (HERNÁNDEZ, 2000, p. 124-125)

Isso permite entrever que compreender o que é dito e lido não é um processo tão simples quanto pode parecer. Por outro lado, será que falar e escrever são atos tão diretos quanto se supõe? Me permitindo fazer um aparte sobre essa questão, que não é o foco principal deste trabalho, acredito que seja importante refletir sobre os significados das palavras, que não estão definitivamente dados, mas são atribuídos, negociados, disputados. Muitas das palavras que herdamos e com as quais operamos foram propostas dentro de processos históricos marcados por violências. A língua tem, assim, raízes complexas. No caso brasileiro, o idioma que a maioria da população utiliza para se expressar foi trazido e imposto pelos colonizadores portugueses. Do ano de 1500 até hoje, as palavras que são

continuamente incorporadas ao nosso vocabulário e os usos que são feitos delas continuam servindo, muitas vezes, para reiterar a dominação por parte de algumas pessoas a partir da opressão de outras. Como construir novas narrativas com essas palavras? Denunciando que algumas delas são resquícios de uma lógica opressora? Propondo outros usos para elas, a partir da sua apropriação e da subversão dos seus significados habituais? Inventando outras formas de falar e de escrever, para nomear e descrever outras realidades? Ora, o processo de construção de sentidos não é permeado por disputas e dúvidas muito parecidas no caso das visualidades?

Retomando a discussão sobre as imagens, é preciso concordar que a construção de sentidos a partir delas é um processo complexo. Irene Tourinho e Raimundo Martins (2013, p. 72) demonstram essa complexidade e a potência que nela reside, ao explicarem que a percepção visual

não é um ato apenas cognitivo, mas também afetivo, envolvendo memória, sensibilidade, experiências e subjetividades. [...] Dessa forma, perceber não é simplesmente captar ou registrar estímulos e informações isolados. É, sobretudo, apreendê-los de modo relacional, projetando possibilidades de conexão com outros elementos, farejando suas latências, imaginando o potencial que oferecem em termos de sentido, significados e compreensão. Podemos dizer que a percepção é um movimento de reconstrução ou de reconfiguração, sempre em relação a outros fragmentos de ideias, afetos, artefatos, imagens etc.

Precisamos, então, atentar para as formas pelas quais as imagens nos interpelam e nos moldam. Isso requer reconhecer e confrontar algumas formas redutivas de percebê-las: tanto aquelas que as consideram irrelevantes, quanto aquelas que, de forma dicotômica, as situam como essencialmente boas/verdadeiras/benéficas/idolatráveis ou más/mentirosas/prejudiciais/abomináveis. Há perigos envolvidos na adoção dessas três posturas. Tratar as visualidades com indiferença significa perder de vista uma poderosa forma através da qual a realidade não apenas é apresentada, mas, sobretudo, é conformada. Já a adoração ou o ódio a certas imagens – que, em suas formas mais exacerbadas, respaldam, respectivamente, a iconofilia e o iconoclasmo –, sem o desenvolvimento uma postura crítica diante delas, são comportamentos que podem, ambos, descambar para a violência. Sem o exercício da criticidade diante das visualidades, a crença nas imagens pode levar à manipulação e à sujeição a projetos totalitários, enquanto sua rejeição conduz à repulsa e à intolerância diante daquilo que não se entende, nem se quer entender.

Logo, se faz necessário desenvolver e incentivar a adoção de outras posturas diante das imagens. A perspectiva dos estudos da cultura visual nos ajuda a lançar e a estimular, em contextos educativos, o endereçamento de olhares críticos e problematizadores para as imagens.

Conforme explica Fernando Hernández (2007), as manifestações da cultura visual são “mediadoras dos discursos e das posições dos sujeitos” (p. 90). Por isso, é necessária atenção às formas pelas quais “representam temas vinculados a situações de poder (racismo, classe social, gênero, sexo, conhecimento e visualidade) e como influenciam em nossas visões sobre estas situações” (p. 90), de modo a “explorar o papel que os artefatos da visão têm na construção de olhares e de sentidos sobre quem olha e sobre a realidade que se olha” (p. 91).

Dito de outra forma, a perspectiva da cultura visual nos ensina a atentar tanto para *o que* vemos quanto para *como* vemos. *O que vemos?* De onde vêm as imagens que vemos? Quais as intenções por trás de sua produção e disseminação? Quais ideias elas fazem circular? *Como vemos?* Como se dá a formatação das lentes pelas quais olhamos? Qual papel as imagens cumprem nesse processo? De quais imagens nos apropriamos na construção de nossos modos de ser, de ver e de nos relacionar? De quais imagens precisamos nos despertencar?

Essas questões nos reconduzem ao propósito dos encontros com o grupo, nos quais tivemos a oportunidade, durante a produção das montagens, de confrontar imagens e revisitar memórias, em um esforço para perceber como o trânsito de sentidos se constitui entre nós e elas. Imagens que nos significam. Imagens que nós significamos. Pensar sobre isso foi o mote de nossa jornada, desafiadora, mas bastante produtiva.

E que imagens encontramos para contar histórias sobre masculinidades não violentas e contra a violência? Sobre os resultados de suas pesquisas na internet, relata Raphael:

Raphael: Quando eu fui procurar algumas imagens, eu olhava para ver se eu conseguia encontrar algum homem negro. É raro encontrar, pelo menos no Google, um homem negro para responder a essa pergunta que foi colocada.

Mais uma vez, veio à tona o viés das pesquisas realizadas em ferramentas de busca de imagens *online*. Se, antes, percebemos que a procura por imagens que mostrem a violência de gênero excluía pessoas negras e transgênero, cujas

representações objetificadas, fetichizadas e violentadas circulam livremente na internet, agora nossas atenções foram voltadas para a questão da ausência de masculinidades negras que repudiem essa violência nas imagens que as ferramentas de pesquisa dão a ver.

Convém, para tentar elucidar essa questão, levar em consideração o racismo algorítmico. Tarcízio Silva (2022) explica que “a disponibilidade de imagens de indivíduos e grupos em buscadores web é uma das fontes midiáticas que moldam, reproduzem, contestam ou intensificam representações culturais”, exercendo “influência na percepção dos usuários de internet” (n.p.). Considerando a visibilidade *online* uma “prática ligada a incidências de poder na relação entre branquitude e capital”, o autor propõe que a “representação hegemônica e violenta no buscador apaga, soterra e invisibiliza as complexidades de todo um grupo” (n.p.). Logo, o problema de que determinadas pessoas não se encontrem representadas nas buscas, ou apareçam de forma estereotipada, não pode ser considerado puramente um reflexo da sociedade, dos conteúdos com os quais ela alimenta a internet ou de suas práticas de busca. As práticas e os interesses por trás dos buscadores e repositórios de imagens digitais precisam ser considerados:

Com fins de acumulação de poder – tanto de poder financeiro quanto de poder de representação do mundo ou de poder de violência –, avanços tecnológicos simplificados por termos como “inteligência artificial” ou “algoritmização” na verdade tratam da solidificação dos horrores da dominação e da necropolítica no globo. (SILVA, 2022, n.p.)

Em se tratando da ausência de representações de homens negros insubordinados ao regime de violência que se instaura a partir de determinadas normas acerca da “masculinidade”, podemos considerar as associações entre esta e a visão culturalmente consolidada deles como brutos, agressivos e selvagens. Essas ideias, difíceis de enfrentar, respaldam as violências dos quais esses homens (dentre os quais, me incluo) usualmente são vítimas. Do subemprego ao assassinato nas mãos da polícia, a imagem cristalizada socialmente sobre os homens negros causa prejuízos a diversos aspectos de suas vidas. Nossos corpos são reiteradas vezes negligenciados, encarcerados e mortos como forma de conter e controlar a “violência” considerada latente neles. A falta de representações de homens negros que enfrentam a violência, se insurgindo contra ela, pode ser considerada uma maneira de perpetuar estereótipos que nos confinam, literal e metaforicamente, no lugar da brutalidade.

No conjunto das imagens que reunimos e sobre as quais conversamos, surgiram representações de homens que, se posicionando contra a violência de gênero, se aproveitam de uma noção de masculinidade que se situa como forte e protetora. Em torno disso, se desenvolveu a seguinte conversa:

Michelangelo: Essas imagens me remetem a uma coisa muito paternalista, onde ainda tem essa coisa do cuidado do homem com a mulher, de se colocar na situação da “vítima” para ver qual seria a reação do agressor.

Raphael: Dentro dessa perspectiva de violência, do “vai encarar?”, eu lembro de uma piada. Alguma coisa assim: o filho apanhou na escola, aí o pai puto falou assim “eu vou lá tirar satisfação”, e quando ele chegou o cara era forte, musculoso, aí ele pegou o filho e voltou para casa. A visão que ele tinha fez com que, de alguma maneira, diminuísse esse afã da violência. Para mim, essas fotos têm relação com um padrão de corpo que nos faz nos posicionarmos de uma outra forma, um reforço estereotipado de corporalidades.

Michelangelo: Eu gosto muito dessa imagem que tem um homem muito forte, tatuado, em que fala “ele vai bater na sua mãe, o que você faria?”, por causa da continuação dela, que é ele falando “não, eu não bateria em ninguém, eu adoro todas as mães”.

Esses comentários demonstram que os participantes não acreditam que, para lutar contra a violência, é preciso usar de truculência. Em vez de ativar certas noções prejudiciais sobre as masculinidades, nossas conversas consideraram que esse enfrentamento precisa acontecer justamente através da desconstrução delas. O estereótipo do homem “forte”, que resolve tudo no tapa, não fornece respostas adequadas ao problema e, inclusive, talvez o agrave.

Além disso, há de se problematizar também as repercussões da prática corrente de que os homens só respeitem as mulheres mediante a intervenção de outros homens, por se sentirem intimidados diante deles, sobretudo quando os corpos dos “protetores” exibem marcas de virilidade. As ideias que respaldam esse tipo de comportamento partilham intimamente de uma noção de “masculinidade” calcada em hierarquias de poder, dentro da qual quem “pode” mais é respeitado, enquanto quem “pode” menos não precisa ser. Essa mentalidade é parte do problema, e precisa ser combatida.

Uma imagem em específico gerou debates sobre essas questões. Nela, aparece um homem com a mão decepada após tentar “defender” uma mulher de

ameaças proferidas por seu companheiro. A captura de tela de uma postagem em rede social é complementada por uma legenda, em que esse homem xinga a vítima por ter fugido com o seu suposto agressor. Sobre o caso, disseram os participantes do grupo:

Raphael: Eu não acho que ele, por querer salvá-la, poderia ser enquadrado como “feminista”, ou como alguma pessoa engajada no movimento feminista, ou coisa parecida. Ao contrário, é tipo assim: “É uma pessoa frágil, é uma mulher, então eu vou lá e vou ser o herói da história”. Ele vai numa expectativa, e essa expectativa não é sanada: “Meu herói, você me salvou, muito obrigada”, ou coisa parecida. Quando ele não se sente satisfeito, dentro da sua masculinidade, ele externaliza aquilo que já estava internalizado, que é: “Vagabunda! Mulher que apanha do marido e permanece em casa, e não manda ele passear, é vagabunda! Precisa apanhar mesmo!”. E, para mim, o discurso é outro. Essas questões vão para além disso. Não, essa mulher não é vagabunda por ter apanhado e ficado com ele! Não, a mulher que está com o vestido curto e é estuprada não merecia! Então eu não acho que ele seja um feminista. Ao contrário, ele é um machista que se posicionou em função da masculinidade dele, porque ele se achou no direito, porque ele é forte e tal. Mas é só.

Michelangelo: Eu acho que isso volta na questão de a mulher ser vista como um objeto. Essa situação em que ele acha que é certo para ela largar do agressor e, no momento que ela não aceita, ela é ingrata, ela é vagabunda, ela é puta. Ele é machista, porque ele não está trabalhando pelo bem-estar dela, ele está considerando o que ele acha melhor e, se ela não segue isso, ela não presta. Ele não está trabalhando em cima dessa autonomia.

Os posicionamentos contundentes de Raphael e Michelangelo a respeito dessa imagem nos revelam que, para eles, a proteção das mulheres não pode ultrapassar o respeito à autodeterminação delas. É preciso reconhecer que, em certos casos, é difícil para as mulheres se desfazerem dos seus relacionamentos com os homens que as abusam e maltratam. E, mesmo quando conseguem, muitas vezes isso não é o suficiente para alguns deles, que as perseguem, intimidam, ameaçam, agredem e matam. Logo, cobrar das mulheres uma imediata ruptura dos vínculos com seus agressores não assegura o fim do ciclo de violências. Essas situações são mais delicadas, complexas e nuançadas do que qualquer visão maniqueísta poderia supor. Além disso, não nos cabe opinar sobre os que as mulheres devem fazer ou deixar de fazer nesses casos, muito menos julgar suas

atitudes. Nosso papel é pensar no que podemos fazer para evitar que as violências ocorram.

Pensando em estratégias possíveis para o engajamento dos homens no enfrentamento dessas violências, tiveram espaço discussões, a partir da montagem, sobre quais posturas poderiam ou não contribuir. Em três momentos distintos de nosso encontro, Raphael teceu comentários sobre imagens que mostram homens fazendo coisas que, na distribuição binária e redutiva de papéis de gênero, são compreendidas como próprias das mulheres e, portanto, vetadas para eles:

Raphael: Uma imagem me chamou atenção, que é aquela que mostra como o cara que pinta unha acha que vai ser quando ele sair na rua, e aí tem umas pessoas elogiando. Parece-me que falta uma parte, que é como de fato acontece. Não sei se esse será o resultado de homens pintarem as unhas.

Raphael: A gente faz uma relação de flor e mulher, mas nunca faz relação de flor e homem, né? Flor seria uma coisa bonita e delicada, coisa que o homem não seria, digamos assim. Toda vez que eu vejo um homem com uma flor, ou toda vez que eu vejo um homem com determinados códigos que são característicos dentro da nossa sociedade como da figura feminina, isso me causa um impacto e determinados questionamentos: Por que que eu vejo desta maneira? Por que que eu não gostaria de flores? Sei lá. Talvez eu não goste de flores por causa do perfume. Talvez eu não goste de matar flores. Ou talvez isso seja uma desculpa para dizer que, por eu ser homem, eu não gosto de flores. Mas quando eu vejo imagens com homens usando flores, ou unhas pintadas, eu me questiono até que ponto essas imagens reforçam determinados estereótipos ou tentam, de alguma maneira, quebrar esses estereótipos e nos fazer ver com naturalidade questões que talvez não nos interessassem.

Raphael: Tem uma foto aqui que o homem está com um par de sapatos [de salto alto]... “Quando o sapato está machucando o pé da sua namorada”. Isso me lembrou um pouco algumas outras imagens que eu coloquei também, e quando eu colocava eu pensava “Será que eu não estou reforçando?”. Por exemplo, uma do homem lavando a louça. Daquela história do homem cuidando do filho, empurrando carrinho... Aí as pessoas olham e falam assim: “Que legal, massa, um pai”. Aí vem alguém comentando, falando assim: “Ah, é porque é homem, mas se fosse mulher...”. Então, o homem hoje, fazendo essas atividades, ele é um pai massa, ele é um marido massa, e tal.

Não é possível afirmar categoricamente o quanto essas ações, em si mesmas, contribuem para o enfrentamento da violência de gênero. Entretanto, cabe pensar sobre os efeitos da divisão entre artefatos que aponta alguns como recomendáveis e outros como intoleráveis para o uso de homens ou mulheres.

Quando uma pessoa reivindica esteticamente um gênero que a sociedade julga não correspondente ao seu, isso se torna uma marca visível de transgressão. Essa forma de construção identitária, corporal e performativa, explorada por pessoas com diversas identidades de gênero e orientações sexuais, infelizmente é considerada passível de punição dentro de uma sociedade patriarcal. E essa punição, como bem sabemos, muitas vezes é levada a cabo recorrendo ao uso de violências, como humilhações, agressões e assassinatos.

Ciara Cremin (2017) reconhece que, certas vezes, quando homens se vestem “como mulheres”, a feminilidade é “objeto de humilhação e garantia de riso, uma piada cruel e humilhante” (p. 173, tradução nossa¹¹⁷). Isso se dá em um contexto no qual, ao homem, é ensinada a recusa a “qualquer adorno ou associação de sua identidade com objetos que nossa sociedade denote femininos ou, mais precisamente, para as mulheres” (p. 175, tradução nossa¹¹⁸). Logo, o “tabu para os homens se vestirem abertamente como mulheres em muitas sociedades ocidentalizadas – exceto através da desculpa da paródia – persiste como o meio simbólico através do qual as divisões desiguais entre homens e mulheres [...] são afirmadas” (p. 156-157, tradução nossa¹¹⁹).

Por outro lado, Cremin (2017) aponta que “o embaralhamento da estética gendrada representa uma ameaça simbólica” (p. 157, tradução nossa¹²⁰) à suposta legitimidade do patriarcado. A autora defende que, “ao se vestir no estilo do que a sociedade reconhece como o de uma mulher, e ao fazer isso publicamente com coragem, convicção e orgulho, o homem torna a masculinidade, definida através do contraste com a construção feminina, sem sentido” (p. 174, tradução nossa¹²¹). Assim, ela acredita que os “significantes que as pessoas reconhecem como

¹¹⁷ No original: “object of humiliation and guarantor of laughter, a cruel and demeaning joke” (CREMIN, 2017, p. 173).

¹¹⁸ No original: “any adornment or association of his identity with objects that our society denotes feminine, or more precisely for women” (CREMIN, 2017, p. 175).

¹¹⁹ No original: “taboo on men to openly dress as women in many westernised societies – except through the excuse of parody – persists as the symbolic means via which the unequal divisions between men and women [...] are affirmed” (CREMIN, 2017, p. 156-157)

¹²⁰ No original: “scrambling of the gendered aesthetic poses a symbolic threat” (CREMIN, 2017, p. 157).

¹²¹ No original: “by dressing in the style of what society recognises as that of a woman, and doing this publicly with courage, conviction and pride, the man makes masculinity, which is sensed through the contrast to a feminine construct, senseless” (CREMIN, 2017, p. 174)

femininos têm o poder de desmistificar, desmascarar ou ressignificar radicalmente os homens” (p. 175, tradução nossa¹²²).

Outro aspecto da fala de Raphael, que complexifica as reflexões, é a menção sobre o desempenho de certas funções consideradas “de mulher”. Lavar a louça ou tomar conta dos filhos são incumbências que geralmente recaem sobre as mulheres, não por estas terem predisposição ou habilidades diferenciadas para fazê-las, mas por uma divisão injusta do trabalho. As tarefas voltadas ao cuidado da casa e das outras pessoas que nela habitam, se somam para muitas a um emprego fora, constituindo uma tripla jornada de trabalho, exaustiva e abusiva. Quando os homens executam essas tarefas, isso usualmente é considerado por eles mesmos e por outras pessoas como uma “ajuda” às mulheres. Não é disso que se trata, mas sim de assumir responsabilidades que também são suas, enquanto moradores da casa e pais das crianças. A dúvida de Raphael é, então, razoável: será que isso é realmente mais que uma obrigação? O desempenho dessas atividades por parte dos homens é, sim, importante, mas precisamos resistir “à mitologia do herói dos tempos modernos, que merece uma medalha porque aprendeu a usar a máquina de lavar roupa” (JABLONKA, 2021, p. 15).

Aprofundando a reflexão sobre atitudes masculinas que podem romper com as injustiças cotidianas, pondera Raphael:

Raphael: Quais são as relações de alteridade que a gente pode estabelecer com o outro? Qual é a relação que eu tenho com as mulheres que eu conheço? Eu fico extremamente atento de não interferir na fala delas, tento não ir praquela ideia do “cavalheirismo”, achando que elas precisam de ajuda... Às vezes eu pergunto se elas querem ou não, às vezes elas pedem. Então, para mim, hoje, as discussões estão muito mais relacionadas ao tipo de alteridade que eu quero ter com as mulheres.

Reconhecer as outras pessoas em suas diferenças, a fim de estabelecer com elas relações mais saudáveis, é uma estratégia que contribui para a superação da dinâmica patriarcal, na qual a outrização serve como pretexto para inferiorizar e subjugar.

Na intervenção de Raphael, são mencionados comportamentos a desenvolver, e outros com os quais romper na busca por um convívio sadio. Por um

¹²² No original: “signifiers of what people recognise as feminine have the power to demythologise, unmask, or radically re-signify men” (CREMIN, 2017, p. 175)

lado, tornar cotidianos exercícios como, por exemplo, não interromper a fala das mulheres, as reconhecendo enquanto pessoas que têm o direito de ser ouvidas, são fundamentais para uma convivência harmoniosa e respeitosa. Por outro lado, há a necessidade de abandonar certas práticas, como aquelas nas quais o velho “cavalheirismo” se demonstra condescendente diante das mulheres, embasado na ideia de que elas careceriam de cuidados por parte dos homens.

Raphael complementa seu pensamento sobre a alteridade:

Raphael: Eu vou tentar me desconstruir, me reconstruir, me ruir. Eu sou uma pessoa extremamente porosa e vou estar permanentemente aberto. Não acho que as mulheres tenham a obrigação de nos ensinar. Ao contrário, às vezes elas ficam enfasiadas desse lugar que a gente as coloca. Não! Corra por fora! Acredito nisso, mas acredito nessas relações de alteridade. Eu estou dialogando permanentemente.

Essa perspectiva parece em um caminho adequado para a mudança que se faz necessária. É importante cultivar a disposição a ouvir e aprender com as mulheres, mas não podemos esperar que elas nos peguem pela mão e nos ensinem o que devemos fazer. Se faz necessária a busca por outras fontes para nossa construção de conhecimento, afinal de contas somos parte interessada nesse processo. Isso demanda de nós uma postura ativa. Não podemos esperar que as mulheres nos entreguem um manual pronto de como contribuir com suas lutas. Pensar sobre isto é – e tem que ser – uma tarefa nossa.

Sobre a busca por conhecimento, nos disse Raphael:

Raphael: Eu estava olhando as imagens e vi uma que dizia sobre um curso, “Curso livre *online* Paternidade responsável”. Eu fiquei pensando... Poxa, eu acho que seria legal fazer um curso de como ser feminista ou como quebrar determinados estereótipos e tal, para ampliar um pouco o meu repertório, digamos assim. Hoje me falta compreensão, de olhar e falar: “será que eu poderia estar, de alguma maneira, contribuindo?”. Depois dessa nossa experiência, eu quero buscar um curso. Hoje, em função dos nossos diálogos, eu sinto falta de uma formação que me dê um norte maior, para eu não ficar patinando e reforçando [violências], em determinadas situações em que eu poderia estar contribuindo de alguma forma no processo de disputa de poder, de diálogo.

Esse posicionamento ressoa um comentário de Ivan Jablonka (2021), no qual o autor aponta que a ascensão das discussões sobre gênero e os avanços

feministas estão deixando alguns homens “cheios de dúvidas. [...] Alguns querem ‘fazer direito’, mas não sabem como; outros se sentem ‘fazendo errado’, mas não conseguem identificar a ligação entre sua situação pessoal e a organização da sociedade” (p. 271). Para os homens, se inteirar das revoluções que estão em curso e das novas ideias que expandem concepções acerca do gênero não tem sido uma tarefa fácil. Mas, “considerada coletivamente, a crise não é um problema, mas uma oportunidade: ela nos permite refundar o masculino” (p. 272). E, para isso, precisaremos sair de nossas zonas de conforto, arregaçar as mangas e nos engajar verdadeiramente na construção não só de outras masculinidades, mas também de outro mundo, livres de iniquidades, injustiças e violências.

Seguindo em nosso caminho em busca de formas possíveis de realizar as mudanças que se fazem necessárias e urgentes, Raphael e Michelangelo apresentaram posicionamentos que, à primeira vista, podem parecer contraditórios, mas se complementam:

Raphael: Essas questões de gênero e de raça são discutidas dentro de políticas públicas. Eu perco meu privilégio de homem branco. A gente perdeu espaço, ou a gente não está mais no espaço que deveria ser de outras pessoas.

Michelangelo: Eu realmente acho que essas lutas acontecem menos na parte política, institucional, e mais na parte cotidiana, de disputar espaços. Quais pessoas eu vou dar engajamento? Quais pessoas eu vou acompanhar? Quais pessoas eu vou compartilhar? Quais pessoas eu vou indicar? Eu estou trabalhando agora com a organização de um evento estudantil. Quais as pessoas que eu vou convidar? Quais são as relações delas com raça, classe e gênero? E além de “ah, eu vou convidar mulheres para ter mulheres no evento”, o que essas mulheres têm a dizer? Partilhar esses espaços, e compartilhar a vida mesmo, facilita isso, e até essas correções que a gente vai fazendo no dia a dia.

Acredito que essas opiniões se somam, porque as transformações almejadas para a superação das diversas formas de violência que atravessam as vivências das mulheres em nossa sociedade só serão possíveis quando ocorrerem mudanças profundas tanto no âmbito social quanto nas posturas e mentalidades dos indivíduos. São necessárias revisões e alterações nas práticas que têm lugar nas diversas instituições que regulam as formas como nos relacionamos em sociedade (famílias, poder público, instituições de ensino, empresas, hospitais, polícia, congregações

religiosas etc.), para que o enfrentamento às violências simbólicas e físicas embasadas no gênero seja pautado e realizado com a urgência necessária. Entretanto, não podemos perder de vista que as instituições são compostas por pessoas. Não é possível acreditar na eficácia de modificações impostas verticalmente. Por isso, carecemos, todos, todas e todes, de uma reflexão contínua sobre nossos modos de pensar e agir, buscando perceber e desfazer todas as formas pelas quais subscrevemos à lógica patriarcal de dominação e violação. Especificamente no caso dos homens, cada um de nós precisa “se interrogar sobre a masculinidade em geral e sobre a sua em particular. Existem situações em que tiro proveito de minha condição de homem, mesmo sem querer, mesmo sem saber?” (JABLONKA, 2021, p. 18). Após a introspecção, precisamos partir para a ação, fazendo o que estiver ao nosso alcance para nos somar aos esforços no enfrentamento das violências.

Nessa longa jornada, precisamos ter ciência de que nem sempre vamos acertar. E o que fazer quando nós errarmos? O comentário de Michelangelo nos dá pistas:

Michelangelo: Eu acho muito bizarra essa relação que a gente tem com o “cancelamento” próprio: “Ah, eu fiz uma coisa errada, eu sou a pior pessoa do mundo”. Somos seres humanos em construção. Participar de grupos de conversas com mulheres, ter convivência com mulheres, e ter essa conversa tranquila, de poder chegar na pessoa e falar que não concorda com tal posicionamento, ou que tal fala foi preconceituosa, abre espaço para que a gente possa caminhar juntos, com pessoas em comum, que estão abertas a aprender.

Essas palavras inspiram. A disposição a aprender, inclusive com os nossos erros, é uma forma de nos desvencilharmos da ideia de que os homens precisam ser infalíveis ou esconder tudo aquilo percebido socialmente como falha. A fala de Michelangelo nos chama, ainda, a refletir sobre a importância de estabelecer alianças nesse processo, com as quais possamos ter conversas francas. Esse grupo foi uma tentativa de criar, ainda que provisoriamente e em um contexto de pesquisa, um espaço para isso. Mas é necessário ir além. Precisamos cultivar vínculos diversos com pessoas que têm outras vivências, outras experiências, e que nos ensinem a ver o mundo desde onde elas o veem, sempre atentos ao que podemos fazer para melhorar essa vista.

6 A montagem não tem fim

Georges Didi-Huberman (2018a, p. 158) nos ensina sobre a infinitude e a provisionalidade do processo de montagem:

Como em qualquer dança, as imagens não param de ir e vir (pelo menos até decidirmos que a dança acabou). As posições podem se transformar. O trabalho é sempre suscetível de um recomeço, de uma nova incidência, de um repensar todas as coisas. O resultado será, portanto, virtualmente aberto. Sabe-se que o material de determinada montagem, quando visto numa montagem diferente, revela sem dúvida novos recursos para o pensamento. É por isso que a montagem é um trabalho capaz de refletir e de criticar seus próprios resultados.

Essa é uma característica que potencializa a exploração desse procedimento. As imagens que reunimos e discutimos durante os encontros nos permitiram refletir sobre diversos aspectos das relações entre gênero e violência, mas é impossível declarar que esgotamos todas as possibilidades de desdobramentos sobre o tema. Isso porque *este* grupo juntou *estas* imagens de modo a construir *estas* ideias. A ênfase que colocamos na demarcação da relação entre pessoas, imagens e ideias é um modo de apontar para a existência de outras possibilidades para essa equação, em aberto, infinitas, a serem exploradas.

O uso da montagem para propor a reflexão sobre a construção social e visual da violência de gênero contribuiu para perceber, no trabalho com o grupo, tanto manutenções quanto subversões nas formas de representar, reconhecer e performar as masculinidades. Isso possibilitou expor e combater a associação destas com violências espúrias. Ao colocar lado a lado visualidades que banalizam e que problematizam a violência de gênero, imagens em conluio com um regime que legitima violências e imagens insubmissas a ele, surgiram tensões que ativaram o pensamento crítico, permitindo visualizar a violência de gênero como resultado de um conjunto de ideias perigosas a serem enfrentadas.

Por isso, acreditamos que a ação pedagógica aqui descrita, desenvolvida desde os estudos da cultura visual e das pedagogias críticas e interessada na problematização do gênero e da violência, pode ser adaptada para aplicação em outros contextos educativos, concebidos almejando contribuir para a prevenção das diversas formas pelas quais as violências embasadas no gênero se manifestam, expandindo as possibilidades de públicos alcançados e de temas abordados.

A montagem é um trabalho com as mãos, com os olhos e com o cérebro. Muitas vezes esse procedimento é explorado de forma individual, na busca por reunir imagens que ajudem a pensar e a mostrar para fazer pensar. Entretanto, desenvolver um trabalho de montagem em contexto educativo permitiu a construção de um pensamento coletivo, colaborativo e conjunto sobre as questões que tematizaram nossos encontros em grupo, através do chamado para a ação, também, às bocas e aos ouvidos dos participantes. Entre a reflexão acerca das perguntas propostas para ativar o pensamento, as buscas na mente e na internet por visualidades que poderiam ser trazidas para o grupo e a discussão sobre as imagens que apareciam em nossas telas, gradualmente, em tempo real, se desenvolveu um trabalho que potencializou aos homens envolvidos problematizar quem a sociedade disse que deveríamos ser, quem somos e quem podemos ser, e o que fizemos a partir dessas expectativas.

Sobre a abordagem das implicações do gênero no problema da violência, mas também em sua solução, é importante considerar o que nos ensina Judith Butler (2022, p. 77): “gênero é o dispositivo pelo qual as noções de masculino e de feminino são produzidas e naturalizadas, mas o gênero pode muito bem ser o dispositivo pelos quais tais termos são desconstruídos e desnaturalizados”. Juntar homens, que muitas vezes ficam em silêncio sobre a violência de gênero, para conversar sobre o tema foi o caminho que exploramos para jogar luz sobre as masculinidades, demonstrando como elas não são essencialmente violentas, mas podem e precisam ser não violentas e contra a violência.

Ivan Jablonka (2021) nos ensina que “o desafio dos homens não é ‘ajudar’ as mulheres [...], mas mudar o masculino” (p. 16). Para isso, recomenda “politizar o masculino, seguindo duas direções: a subversão das masculinidades de dominação e a proliferação das masculinidades dissidentes” (p. 360). Nas conversas com o grupo, isso se deu a partir das visualidades, pelos esforços para desmontar normas que pretendem doutrinar os homens para uma “masculinidade” opressora e violenta, sem perder de vista o interesse em remontar masculinidades outras, plurais e interessadas em se livrar do fardo da violência.

Jablonka (2021, p. 378) defende que um homem “justo” é aquele “que se solidariza com as mulheres, e que se dessolidariza do patriarcado”. Isso implica, a um só tempo, atenção para a situação tanto das mulheres quanto dos homens em nossa sociedade, bastante desbalanceada. As vidas das mulheres, apesar de todos

os avanços galgados nas últimas décadas, ainda são atravessadas por violências. Em contrapartida, alguns homens seguem lutando para manter seus privilégios, em todas as esferas da vida em sociedade, adquiridos com base nessas violências. Ainda que não as pratiquem, eles participam, de maneira irrefletida ou conivente, de um sistema movido pela sujeição, pela objetificação, pelo silenciamento, pelo medo e pelo sofrimento das mulheres. Por isso, é urgente criar formas de os convidar a perceber de que modos eles são solidários com o patriarcado, refletindo sobre por que e como reverter esse quadro, tendo em vista que “o sistema do patriarcado não é permanente: ele foi criado pelas pessoas, assim como todos os sistemas de opressão, e por isso também só pode ser transformado pelas pessoas” (BOLA, 2020, p. 169).

Não partimos da crença de que performar masculinidades seja, em si, um problema. Na esteira dessa colocação, vale destacar também que não há em curso uma conspiração feminista, cujo “ódio” aos homens vise a destruição de suas identidades e deles próprios, ainda que haja pessoas que acreditem nisso. Ressaltamos esse ponto porque é fundamental considerar, já que nos propusemos a trabalhar com os homens, aqueles que ficam de fora dessas discussões e são contra elas por se sentirem intimidados e ameaçados. São homens cujos “discursos vitimistas costumam ser uma estratégia para conservar seus privilégios” (JABLONKA, 2021, p. 271). Apesar da resistência desses homens ou, mais precisamente, por causa dela, são necessários esforços para tentar os alcançar e dialogar com eles. É preciso ter esperança de que a mudança de postura, inclusive nesses casos, é possível.

Outra consideração importante sobre o trabalho que desenvolvemos gira em torno do fato que, em nosso grupo, contamos com a presença de apenas um homem heterossexual, quando seis haviam sinalizar interesse em participar. O que isso pode significar? São homens que estabelecem relações afetivas e sexuais com mulheres, e que precisam estar fazer parte do esforço para reconhecer as violências simbólicas e físicas perpetradas contra elas, para evitar que eles mesmos as cometam, bem como para se somar à luta por uma sociedade livre delas.

Isso não significa, entretanto, que esses homens sejam os únicos que precisam ser convidados a pensar e agir. No grupo, todos os participantes, com seus corpos e experiências atravessados por marcadores distintos, perceberam como a violência de gênero está arraigada em nossa sociedade, sendo incitada e banalizada

através de discursos e práticas. As montagens fizeram despontar reflexões sobre as formas distintas pelas quais esse fenômeno se manifesta nas imagens, na sociedade e em cada uma de suas vidas, as quais agregaram sobremaneira às discussões que tivemos ao longo das quatro semanas em que nos encontramos.

Isso não significa dizer que, em nossa jornada, não encontramos obstáculos. Algumas vezes, foram manifestados certos pontos de vista que precisaram ser enfrentados com a ajuda de outros pontos de vista. Em outras, falhamos em perceber determinadas implicações das violências que culminam do gênero em nossas vidas, o que pode ter limitado nosso campo de visão acerca das formas de lutar contra ela. Em suma, erramos, tivemos dúvidas, mas mantivemos a disposição em seguir tateando, em meio a tudo isso, juntos, em busca de respostas. Trazendo fragmentos para o grupo e os montando coletivamente, buscamos revisar nossa construção, bem como desconstruir e reconstruir a nós mesmos. E esse trabalho, enquanto vivermos, não terá fim. Não podemos afirmar, muito menos comprovar, mensurar ou quantificar, se ou quanto a participação no grupo “transformou” esses homens em sujeitos cujas relações com mulheres estarão livres de violências embasadas no gênero. Nem foi esse o nosso objetivo. O que nos interessava alcançar era cativar o interesse desses homens em pensar e conversar sobre o tema, e isso foi possível, pelo menos durante os nossos encontros. As trajetórias a serem seguidas daqui por diante são desconhecidas.

Rita Segato (2021, p. 66, tradução nossa¹²³) nos ensina a enxergar a potência da montagem inacabada e incessante de nós mesmos e do projeto de sociedade no qual acreditamos:

Os processos são o que importa e a única realidade ao alcance das mãos: as pequenas insurgências que desestabilizam as normas e hierarquias no dia a dia. Os resultados são meras apostas. O processo é então, diante da impossibilidade de capturar o futuro, a única coisa que existe.

O que nos resta é apostar no processo. Isso implica, parafraseando uma das falas de Raphael em nosso quarto encontro, continuar nos desconstruindo e nos reconstruindo, ou seja, desmontando de forma constante, permanente, infinita os homens que nós somos, em busca de remontar os homens que nós podemos ser.

¹²³ No original: “Son los procesos lo que importa y la única realidad en la mano: las pequeñas insurgencias que desestabilizan las normas y jerarquías en el día a día. Los resultados son meras apuestas. El proceso es entonces, ante la imposibilidad de la captura del futuro, lo único que existe.” (SEGATO, 2021, p. 66)

Referências

ABREU, Carla. Justiça social e educação: problemas de gênero nas artes visuais. *In: COLOQUIO INTERNACIONAL EDUCACIÓN Y VISUALIDAD*, 5., 2017, Montevideo. **Anais** [...]. Montevideo: Mastergraf, 2017. p. 325-332.

ABREU, Carla; SANTOS JUNIOR, Jocy. Cultura visual, violência de gênero e masculinidades: entrecruzamentos e possibilidades pedagógicas. **Vista**, Braga, v. 10, e022012, 2022.

ACOSTA, Fernando; ANDRADE FILHO, Antônio; BRONZ, Alan. **Conversas homem a homem**: grupo reflexivo de gênero – metodologia. Rio de Janeiro: Instituto Noos, 2004.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Jandaíra, 2020. (Feminismos Plurais).

ALEXANDRINO, Elidayana. Narrativas que se encontram: imagens que surgem da poética do encontro, da memória e do acaso *In: DAVINO, Gláucia (org.)*. **Confabulações imaginárias**: histórias de roteiristas. São Paulo: Corpo Texto, 2019. p. 340-351.

ALEXANDRINO, Elidayana. Curadoria: ética amorosa de justiça e cura. *In: INSTITUTO TOMIE OHTAKE*. **Experiências negras**: partilhas, saberes e vivências. São Paulo: Instituto Tomie Ohtake, 2021a. (v. 5). p. 32-39.

ALEXANDRINO, Elidayana. Narrativas que se encontram: encruzilhada de imagens. *In: MELLO, PC*. **Arte**: um corpo político. São Paulo: Pomello Digital, 2021b.

ANDRADE, Leandro. Grupos de homens e homens em grupos: novas dimensões e condições para as masculinidades. *In: BLAY, E. A. (org.)*. **Feminismos e masculinidades**: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. *E-book*. p. 173-209.

ANUÁRIO BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, v. 16, 2022.

ANZALDÚA, Gloria. La conciencia de la mestiza / Rumo a uma nova consciência. *In: HOLLANDA, Heloísa (org.)*. **Pensamento feminista**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 323-339.

AS TARTARUGAS Ninja. Direção: Jonathan Liebesman. Produção: Michael Bay, Andrew Form, Bradley Fuller, Galen Walker, Scott Mednick, Ian Bryce. Roteiro: Josh Appelbaum, André Nemec, Evan Daugherty. Los Angeles: Nickelodeon Movies, 2014. 1 vídeo (103 min).

BEIRAS, Adriano; BRONZ, Alan. **Metodologia de grupos reflexivos de gênero**. Rio de Janeiro: Instituto Noos, 2016.

BERGER, John. **Modos de ver**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. (Artemídia).

BOLA, JJ. **Seja homem: a masculinidade desmascarada**. Porto Alegre: Dublinense, 2020.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BOVINO, Emily. Super-powering Warburg studies beyond art history's patriarchal ancestor cults: a possible panorama of the U.S. context in 2019. **La Rivista di Engramma**, Veneza, n. 165, p. 307-329, maio 2019.

BRAGA, Patricia. **Homens autores de violência e a experiência de aprender a narrarem-se em um currículo**. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

BRASIL. Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano 143, n. 151, p. 1-4, 8 ago. 2006.

BRASIL. **Rede de enfrentamento à violência contra as mulheres**. Brasília: SPM/PR, 2011.

BRASIL. Lei nº 13.984, de 3 de abril de 2020. Altera o art. 22 da Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006 (Lei Maria da Penha), para estabelecer como medidas protetivas de urgência frequência do agressor a centro de educação e de reabilitação e acompanhamento psicossocial. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano 158, n. 65-B, p. 4, 3 abr. 2020.

BRASIL. Decreto nº 10.906, de 20 de dezembro de 2021. Institui o Plano Nacional de Enfrentamento ao Feminicídio. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano 159, n. 239, p. 5-7, 21 dez. 2021.

BRASIL. Senado Federal. Parecer nº 67, de 15 de março de 2022. Redação para o turno suplementar do Projeto de Lei nº 4.147, de 2021, do Senador Wellington Fagundes, nos termos da Emenda nº 2, da Relatora (Substitutivo). Altera a Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006 (Lei Maria da Penha), para dispor sobre programas de atendimento ao homem para prevenção da violência contra a mulher. **Diário do Senado Federal**, Brasília, ano 76, n. 31, p. 101-103, 16 mar. 2022.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam: os limites discursivos do "sexo"**. São Paulo: n-1 edições, 2019.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 20. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020. (Sujeito e História).

BUTLER, Judith. **A força da não violência**. São Paulo: Boitempo, 2021.

BUTLER, Judith. **Desfazendo gênero**. São Paulo: Editora Unesp, 2022.

CAMPOS, Daniela. Um saber montado: Georges Didi-Huberman a montar imagem e tempo. **Aniki: Revista Portuguesa da Imagem em Movimento**, Coimbra, v. 4, n. 2, p. 269-288, 2017.

CANTERA. **El significado de ser hombre: guía metodológica para el trabajo de género con hombres (masculinidad)**. Managua: CANTERA, 2001.

CAROLINA, Letícia. Qualquer coisa de intermédio. Entrevista concedida a André Gonçalves, Samária Andrade, Wellington Soares e Ayra Dias. **Revestrés**, Teresina, n. 48, p. 10-21, 2021.

CASTILLO-MARTÍN, Márcia. Lecturas de la violencia: la tentación contracultural. *In*: CASTILLO-MARTÍN, Márcia; OLIVEIRA, Suely (org.). **Marcadas a ferro: violência contra a mulher – uma visão multidisciplinar**. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2005. p. 135-143.

CASTILLO-MARTÍN, Márcia; OLIVEIRA, Suely (org.). **Marcadas a ferro: violência contra a mulher – uma visão multidisciplinar**. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2005.

CONNELL, Raewyn. **The men and the boys**. Berkeley: University of California Press, 2001.

CONNELL, Raewyn. **Masculinities**. 2. ed. Berkeley: University of California Press, 2005.

CORTÉS, Neus; SERRA, Júlia. Introducción. *In*: CORTÉS, Neus; SERRA, Júlia (ed.). **Intervención grupal en violencia sexista: experiencia, investigación y evaluación**. Barcelona: Herder, 2011. p. 7-13.

CRAVEIRO, Danillo. Ser machista não te faz homem de verdade. **Revista Estudos Transviados**, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 32-37, 2020.

CREMIN, Ciara. **Man-made woman: the dialectics of cross-dressing**. London: Pluto Press, 2017

DANTAS, Monica. **Mediações sobre gênero, sexualidade e violências: caminho metodológico para a elaboração de uma proposta de curso EaD no âmbito do Programa Saúde na Escola para o Plano Brasil sem Miséria**. 2018. Tese (Doutorado em Informação e Comunicação em Saúde) – Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2018.

DE CAUWER, Stijin. Searching for fireflies: pathos and imagination in the theories of Georges Didi-Huberman. **Angelaki: Journal of the Theoretical Humanities**, London, v. 23, n. 4, p. 133-149, ago. 2018.

DE LAURETIS, Teresa. A tecnologia de gênero. *In*: HOLLANDA, Heloísa (org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 121-155.

DIAS, Belidson. O cotidiano espetacular e a arte educação. *In*: MARTINS, Raimundo; MARTINS, Alice. **Cultura visual e ensino de arte: concepções e práticas em diálogos**. Pelotas: Editora UFPel, 2014. p. 43-60.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Um conocimiento por el montaje. Entrevista concedida a Pedro G. Romero. **Minerva: Revista del Círculo de Bellas Artes**, Madrid, v. 5, 2007. p. 17-22.

DIDI-HUBERMAN, Georges. La condition des images. Entretien avec Frédéric Lambert et François Niney. **Médiamorphoses: Revues de l'INIST**, Paris, n. 22, p. 6-17, 2008.

DIDI-HUBERMAN, Georges. A prova pela imagem. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 46, n. 3, p. 137-150, 2012.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **A imagem sobrevivente: história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013a.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Prefácio. *In*: MICHAUD, Philippe-Alain. **Aby Warburg e a imagem em movimento**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013b. p. 17-28.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Falenas**. Lisboa: KKYM, 2015a.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **A semelhança informe: ou o gaio saber visual segundo Georges Bataille**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015b.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Diante do tempo: história da arte e anacronismo das imagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017a.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Quando as imagens tomam posição**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017b. (O olho da história, v. 1).

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Pasados citados por Jean-Luc Godard**. Cantabria: Shangrila, 2017c. (El ojo de la historia, v. 5).

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Remontagens do tempo sofrido**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018a. (O olho da história, v. 2).

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Atlas ou o gaio saber inquieto**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018b. (O olho da história, v. 3).

DIDI-HUBERMAN, Georges. Image, language: the other dialectic. **Angelaki: Journal of the Theoretical Humanities**, London, v. 23, n. 4, p. 19-24, ago. 2018c.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Imagens apesar de tudo**. São Paulo: Editora 34, 2020.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Povo em lágrimas, povo em armas**. São Paulo, N-1 Edições. 2021. (O olho da história, v. 6).

ESTRELA, Fernanda. **Tecnologia social para homens com vistas à prevenção da violência conjugal**. 2018. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

FERGUSON, Harry *et al.* **Acabando com a violência de gênero**: um chamado para uma ação global que envolva os homens. Rio de Janeiro: IBRAPI, 2005.

FOLHA DE SÃO PAULO. Homens segurando gatos são menos propensos a dar 'match' em aplicativo de paquera. **Folha de São Paulo**, 28 jun. 2020. Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/voceviu/2020/06/homens-segurando-gatos-sao-menos-propensos-a-dar-match-em-aplicativo-de-paquera.shtml>. Acesso em: 21 dez. 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 68. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021a.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 77. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021b.

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. 11 ed. **Por uma pedagogia da pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021d.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia**: o cotidiano do professor. 14. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FUNK, Rus. **Reaching men**: strategies for preventing sexist attitudes, behaviors, and violence. Indianapolis: Jist Life, 2006.

GAGO, Verónica. **A potência feminista, ou o desejo de transformar tudo**. São Paulo: Elefante, 2020.

GARCÍA, Leonardo. **Nuevas masculinidades**: discursos y prácticas de resistencia al patriarcado. Quito: FLACSO Ecuador, 2015.

GUIMARÃES, Ariane. **Homens, masculinidades e estratégias de enfrentamento à violência de gênero**: sentidos co-construídos com um grupo de estudantes. 2020. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 5, p. 7-41, 1995.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Catadores da cultura visual**: proposta para uma nova narrativa educacional. Porto Alegre: Mediação, 2007. (Educação e Arte, v. 7).

hooks, bell. **The will to change**: men, masculinity, and love. New York: Washington Square Press, 2005.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

hooks, bell. **Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática.** São Paulo: Elefante, 2020a.

hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras.** 12. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020b.

hooks, bell. **Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança.** São Paulo: Elefante, 2021.

HUDINILSON JR. Cadernos de referências. *In:* PINACOTECA DE SÃO PAULO. **Hudinilson Jr.:** Explícito. São Paulo: Pinacoteca de São Paulo, 2020. p. 79-82.

JABLONKA, Ivan. **Homens justos: do patriarcado às novas masculinidades.** São Paulo: Todavia, 2021.

JACQUES, Paola. Pensar por montagens. *In:* JACQUES, Paola; PEREIRA Margareth (org.). **Nebulosas do pensamento urbanístico: Tomo I – Modos de pensar.** Salvador: EDUFBA, 2018. p. 206-234.

JOHNSON, Allan. **The gender knot: unraveling our patriarchal legacy.** Philadelphia: Temple University Press, 2014.

KATZ, Jackson. **The macho paradox: why some men hurt women and how all men can help.** 2. ed. Sourcebooks: Naperville, 2019. *E-book.* n.p.

KILBOURNE, Jean. **Can't buy my love: how advertising changes the way we think and feel.** New York: Touchstone, 2000.

KIVEL, Paul. **Men's work: how to stop the violence that tears our lives apart.** 2. ed. Center City: Hazelden, 1998.

KIVEL, Paul. **Boys will be men: raising our sons for courage, caring and community.** Gabriola Island: New Society Publishers, 1999.

KIVEL, Paul. Act like a man box. **Paul Kivel: educator, writer, activist,** set. 2011. Disponível em: <http://paulkivel.com/resource/the-act-like-a-man-box>. Acesso em: 26 jul. 2021.

LARSSON, Chari. **Didi-Huberman and the image.** Manchester: Manchester University Press, 2020.

LEVANT, Ronald; PRYOR, Shana. **The tough standard: the hard truths about masculinity and violence.** New York: Oxford University Press, 2020.

LOPONTE, Luciana. Sexualidades, artes visuais e poder: pedagogias visuais do feminino. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 2, p. 283-300, jul./dez. 2002.

LORDE, Audre. **Irmã outsider: ensaios e conferências.** Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

LORENZ, Renate. **Queer art: a freak theory.** Bielefeld: Transcript, 2012. (Queer Studies).

LOURO, Guacira. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

MAIA, Ana. Hudinilson Jr.: Explícito. *In*: PINACOTECA DE SÃO PAULO. **Hudinilson Jr.:** Explícito. São Paulo: Pinacoteca de São Paulo, 2020. p. 9-27.

MIRZOEFF, Nicholas. **An introduction to visual culture**. London: Routledge, 1999.

MIRZOEFF, Nicholas. **The right to look: a counterhistory of visibility**. Durham: Duke University Press, 2011.

MITCHELL, W. J. T. Mostrar o ver: uma crítica à cultura visual. **Interin**, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 1-20, 2006.

MITCHELL, W. J. T. O que as imagens realmente querem? *In*: ALLOA, Emmanuel (org.). **Pensar a imagem**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p. 165-189.

MITCHELL, W. J. T. Method, madness, and montage. *In*: ALLOA, Emmanuel; CAPPELLETTO, Chiara (org.). **Dynamis of the image: moving images in a global world**. Berlin: De Gruyter, 2020. (Contact zones, v. 5). p. 103-122.

MONDZAIN, Marie-José. **A imagem pode matar?** Lisboa: Nova Vega, 2009. (Passagens).

MONTEIRO, Adão. **A produção performativa de um homem: cenas e contextos**. 2018. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

MUSZKAT, Malvina. **O homem subjugado: o dilema das masculinidades no mundo contemporâneo**. São Paulo: Summus, 2018.

NARRATIVAS QUE SE ENCONTRAM. 15 set. 2021a. Instagram: @narrativas_que_se_encontram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CT3aW9PL7hY>. Acesso em: 22 fev. 2022.

NARRATIVAS QUE SE ENCONTRAM. 14 dez. 2021b. Instagram: @narrativas_que_se_encontram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CXfFdJztUIN>. Acesso em: 22 fev. 2022.

NOLASCO, Sócrates. **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

OLESEN, Henrik. **Some faggy gestures**. *Art Journal*, New York, v. 72, n. 2, p. 90-97, 2013.

OS JOVENS Titãs em Ação. Temporada 5, Episódio 26 (Esses meninos soviéticos). Direção: James Krenzke. Produção: Peggy Regan. Roteiro: Tim Sheridan. Atlanta: Cartoon Network, 2019. 1 vídeo (10 min).

PAYMAR, Michael. **Violent no more: helping men end domestic abuse**. 2. ed. Alameda: Hunter House Publishing, 2000.

PEASE, Bob. **Men & sexual politics: towards a profeminist practice**. Adelaide: Dulwich Centre Publications, 1997.

PEASE, Bob. **Facing patriarchy: from a violent gender order to a culture of peace.** London: Zed Books, 2019.

PENCE, Ellen; PAYMAR, Michael. **Education groups for men who batter: the Duluth model.** New York: Springer Publishing Company, 1993.

POLLOCK, Griselda. **Encounters in the virtual feminist museum: time, space and the archive.** Oxon: Routledge, 2007.

RANCIÈRE, Jacques. Images re-read: the method of Georges Didi-Huberman. **Angelaki: Journal of the Theoretical Humanities**, London, v. 23, n. 4, p. 11-18, ago. 2018.

RESENDE, Ricardo. **Posição amorosa:** Hudinilson Jr. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2016.

REYES, Paulo. A imagem fraturada a favor de um projeto como processo. *In:* REYES, Paulo (org.). **Projeto como pensamento: diálogos com a filosofia [a imagem em Didi-Huberman].** Porto Alegre: UFRGS, 2018. p. 13-43.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala.** São Paulo: Jandaíra, 2020. (Feminismos Plurais).

RODRIGUES, Elisandro. **Montagem: por uma escrita em Educação.** 2020. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2020.

SAFFIOTI, Heleieth. **O poder do macho.** 2. ed. São Paulo: Moderna, 1987.

SAFFIOTI, Heleieth; ALMEIDA, Suely. **Violência de gênero: poder e impotência.** Rio de Janeiro: Revinter, 1995.

SANTOS JUNIOR, Jocy. **As imagens dos corpos e os corpos das imagens.** 2017. Monografia (Graduação em Design) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2017.

SANTOS JUNIOR, Jocy. Gritos silenciados: violência contra a mulher na obra de Gianlorenzo Bernini. *In:* SUING, Abel *et al.* (org.). **Narrativas imagéticas.** Aveiro: Ria Editorial, 2019. p. 276-298.

SANTOS JUNIOR, Jocy. **Discutindo questões de gênero em contextos educativos a partir da arte: estereótipos, violências e resistências.** 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Arte, Mídia e Educação) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão, São Luís, 2021a.

SANTOS JUNIOR, Jocy. Como engajar os homens no combate às violências de gênero? Uma proposta educativa a partir da cultura visual. *In:* FÓRUM INTERNO DE EDUCAÇÃO, ARTE E CULTURA VISUAL, 1., 2021b, Goiânia. **Caderno de resumos [...].** Goiânia: PPGACV/UFG, 2022. p. 54-57.

SANTOS JUNIOR, Jocy; ABREU, Carla. A montagem como recurso para promover disrupções em contextos educativos: cultura visual, gênero e sexualidade. *In:*

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISA EM ARTE E CULTURA VISUAL, 4., 2021, Goiânia. **Anais** [...]. Goiânia: UFG, 2022. p. 225-234.

SANTOS JUNIOR, Jocy; OSPINA ÁLVAREZ, Juan. Possibilidades pedagógicas a partir da cultura visual para mobilizar os homens no enfrentamento à violência de gênero. *In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS*, 30., 2021, João Pessoa. **Anais** [...]. João Pessoa: ANPAP, 2021. n.p.

SANTOS JUNIOR, Jocy; SILVA, Jarlisse. Problematizando gênero a partir da arte: ações educativas para o combate a discriminações e violências contra mulheres. **Revista Apotheke**, Florianópolis, v. 7, p. 69-81, 2021.

SCHRAIBER, Lilia *et al.* **Violência dói e não é direito**: a violência contra a mulher, a saúde e os direitos humanos. São Paulo: Editora UNESP, 2005. (Saúde e Cidadania).

SCOTT, Juliano. **Grupos reflexivos com homens autores de violência doméstica contra a mulher**: limites e potencialidades. 2018. Tese (Doutorado em Psicologia) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.

SEGATO, Rita. **La guerra contra las mujeres**. Madrid: Traficantes de Sueños, 2016.

SEGATO, Rita. **Contra-pedagogías de la crueldad**. 3. ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Prometeo Libros, 2021.

SILVA, Tarcízio. **Racismo algorítmico**: inteligência artificial e discriminação nas redes digitais. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2022. (Democracia Digital). *E-book*.

SMITH, Alison. **Georges Didi-Huberman and film**: the politics of the image. London: Bloomsbury Academic, 2021. (Film Thinks).

SOARES, Cecília. **Grupos reflexivos para autores de violência contra a mulher**: “Isso funciona?”. 2018. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

SOARES, Renata. **Violência e masculinidade**: estratégias para sensibilização e prevenção da violência na população masculina. 2019. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Faculdade de Ciências da Saúde, Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

TATAY, Helena. An introduction to the work of Henrik Olesen. *In: PINTEÑO, Alicia*. (ed.). **Henrik Olesen**. Madrid: Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía, 2019. p. 12-35.

TEIXEIRA, Analba. **Violência contra as mulheres**. Recife: SOS Corpo, 2016.

TELES, Maria; MELO, Mônica. **O que é violência contra a mulher**. São Paulo: Brasiliense, 2002.

TOURINHO, Irene; MARTINS, Raimundo. Reflexividade e pesquisa empírica nos infiltráveis caminhos da cultura visual. *In*: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (org.). **Processos e práticas de pesquisa em cultura visual e educação**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2013. p. 61-76.

TREVISAN, João. **Seis balas num buraco só: a crise do masculino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2021.

TURÍBIO, Marcus. **Confrontar complexos de visualidade patriarcais: a montagem de imagens e masculinidades com estudantes de Licenciatura em Artes Visuais**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Artes Visuais) – Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2022.

URRA, Flávio. Masculinidades: a construção social da masculinidade e o exercício da violência. *In*: BLAY, Eva (org.). **Feminismos e masculinidades: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. *E-book*. p. 117-137.

VILLAMEDIANA, Daniel. **El conocimiento por montaje: la supervivencia del pensamiento de Aby Warburg en la obra de Georges Didi-Huberman**. Tesis (Doctorat en Humanitats) – Departament d’Humanitats, Universitat Pompeu Fabra, Barcelona, 2020.

ZANELLO, Valeska. Masculinidades, cumplicidade e misoginia na “casa dos homens”: Um estudo sobre os grupos de WhatsApp masculinos no Brasil. *In*: FERREIRA, Larissa. (ed.). **Gênero em perspectiva**. Curitiba: CRV, 2020. p. 79-102.

Anexos

Anexo 1 – Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Lutar contra certas imagens com a ajuda de outras imagens: cultura visual e o enfrentamento à violência de gênero junto a um grupo de homens

Pesquisador: Jocy Meneses dos Santos Junior

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 51353821.0.0000.5083

Instituição Proponente: Universidade Federal de Goiás - UFG

Patrocinador Principal: FUNDACAO DE AMPARO A PESQUISA DO ESTADO DE GOIAS

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.064.480

Apresentação do Projeto:

O presente projeto de pesquisa intitulado "Lutar contra certas imagens com a ajuda de outras imagens: cultura visual e o enfrentamento à violência de gênero junto a um grupo de homens", tem como pesquisador responsável Jocy Meneses dos Santos Junior e faz parte do Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual da Universidade Federal de Goiás, vinculado à Linha de Pesquisa "Educação, Arte e Cultura Visual", sob orientação da Prof.^a Dr.^a Carla Luzia de Abreu que está incluída na equipe de pesquisa. O pesquisador responsável é bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás.

A pesquisa de campo consistirá na mediação de encontros com um grupo constituído por 10 homens adultos. Serão 5 encontros síncronos, com 2 horas de duração cada, que ocorrerão de forma remota, em adequação aos protocolos sanitários decorrentes da pandemia de SARS-COV-2. Por sua natureza metodológica, a pesquisa não apresenta hipóteses prévias.

Nas palavras do pesquisador, a pesquisa propõe "uma estratégia metodológica para a intervenção em grupos reflexivos de gênero desenvolvidos junto ao público masculino com e a partir de imagens. Acreditando que as imagens exercem um papel pedagógico no que tange ao gênero, propomos que elas podem ser instrumentalizadas para problematizar e desestabilizar os estereótipos e violências nele embasados que elas muitas vezes produzem e reproduzem. Por outro lado, também buscaremos estudar os efeitos nesses grupos tanto da análise quanto da produção de imagens que expõem e controvertem os binarismos de gênero que fomentam

Endereço: Alameda Flamboyant, Qd. K, Edifício K2, sala 110

Bairro: Campus Samambaia, UFG **CEP:** 74.690-970

UF: GO **Município:** GOIANIA

Telefone: (62)3521-1215

E-mail: cep.prpi@ufg.br



Continuação do Parecer: 5.064.480

práticas discriminatórias e violentas. Assim, sugerimos que a mediação em contextos grupais masculinos de cunho (re)educativo a respeito das questões de gênero utilizando imagens como recurso pedagógico pode contribuir sobremaneira para propor novas formas de ver e pensar. A pesquisa será conduzida através de uma revisão de literatura (a ser realizada a partir dos estudos de gênero e da cultura visual) e de um grupo reflexivo de gênero (a ser desenvolvido com 10 homens acima de 18 anos). A partir disso, tencionamos realizar um diagnóstico das discussões suscitadas entre homens através da problematização de questões de gênero por meio de imagens, a fim de detectar desafios e possibilidades para o uso dessa estratégia. Assim, pretendemos contribuir com as intervenções (re)educativas e com os estudos da cultura visual e de gênero".

Objetivo da Pesquisa:

- Desenvolver uma proposta metodológica que contribua para o engajamento de um grupo formado por homens em discussões interessadas na problematização das visualidades que (re)produzem ideias a respeito da masculinidade e das relações de gênero que amparam a perpetuação das violências contra mulheres, bem como na criação de contravisualidades comprometidas com a desconstrução dessas ideias e o enfrentamento às violências de gênero.

Objetivo Secundário:

- Mapear discussões teóricas sobre os estudos de gênero e da cultura visual que ajudem a problematizar a naturalização do olhar sobre a identidade masculina e colaborem para o enfrentamento de violências, físicas e simbólicas, embasadas no gênero.
- Investigar estratégias pedagógicas em um grupo formado por homens que ajudem a pensar o papel das visualidades para a conformação de estereótipos de gênero e das violências deles decorrentes, abrindo possibilidades para criar outras significações sobre o que se vê.
- Analisar as discussões e produções visuais desenvolvidas nos encontros com o grupo formado para o desenvolvimento da pesquisa, tendo como ponte pedagógica as visualidades.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

O pesquisador apresenta que alguma discussão pode causar desconforto e constrangimento

Endereço: Alameda Flamboyant, Qd. K, Edifício K2, sala 110
Bairro: Campus Samambaia, UFG **CEP:** 74.690-970
UF: GO **Município:** GOIANIA
Telefone: (62)3521-1215 **E-mail:** cep.prpi@ufg.br



Continuação do Parecer: 5.064.480

8. Carta de encaminhamento das pendências esclarecendo o que foi solicitado na primeira versão, ou seja, como será feito o recrutamento dos 10 participantes da pesquisa e como será garantida a aplicação do TCLE.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Após análise deste protocolo de pesquisa, somos de parecer FAVORÁVEL à sua APROVAÇÃO, por considerar que este não apresenta óbices éticos.

Considerações Finais a critério do CEP:

Informamos que o Comitê de Ética em Pesquisa / CEP-UFG considera o presente protocolo APROVADO e lembramos que o pesquisador responsável deverá encaminhar ao CEP-UFG o Relatório Final baseado na conclusão do estudo e na incidência de publicações decorrentes deste, de acordo com o disposto na Resolução CNS n. 466/12. O prazo para entrega do Relatório é de 30 dias após o encerramento da pesquisa.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1786920.pdf	11/10/2021 17:29:54		Aceito
Recurso Anexado pelo Pesquisador	Carta_de_Emenda_ao_Projeto.pdf	11/10/2021 17:29:31	Jocy Meneses dos Santos Junior	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Completo_Versao_2.pdf	11/10/2021 17:28:37	Jocy Meneses dos Santos Junior	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_Rosto.pdf	31/08/2021 13:41:23	Jocy Meneses dos Santos Junior	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Instrumento_de_Coleta_de_Dados.pdf	29/08/2021 21:06:09	Jocy Meneses dos Santos Junior	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Completo.pdf	29/08/2021 21:04:10	Jocy Meneses dos Santos Junior	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Termo_de_Compromisso.pdf	29/08/2021 21:03:51	Jocy Meneses dos Santos Junior	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_Consentimento_Livre_e_Esclarecido.pdf	29/08/2021 21:03:05	Jocy Meneses dos Santos Junior	Aceito

Endereço: Alameda Flamboyant, Qd. K, Edifício K2, sala 110
Bairro: Campus Samambaia, UFG **CEP:** 74.690-970
UF: GO **Município:** GOIANIA
Telefone: (62)3521-1215 **E-mail:** cep.prpi@ufg.br

Anexo 2 – Convite para participantes

Lutar contra certas imagens com a ajuda de outras imagens: cultura visual e o enfrentamento à violência de gênero junto a um grupo de homens

Convite para participar de pesquisa

Você está sendo convidado a participar, como voluntário, da pesquisa intitulada “Lutar contra certas imagens com a ajuda de outras imagens: cultura visual e o enfrentamento à violência de gênero junto a um grupo de homens”. Meu nome é Jocy Meneses dos Santos Junior, sou o pesquisador responsável e estou vinculado, a nível de mestrado, no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual da Universidade Federal de Goiás (PPGACV/UFG).

A presente pesquisa tem como objetivo geral desenvolver uma proposta metodológica que contribua para a problematização das visualidades e dos papéis que estas cumprem na perpetuação ou no enfrentamento às violências de gênero, físicas e simbólicas, tendo como público-alvo um grupo reflexivo formado por homens. Você fará parte de um grupo reflexivo sobre gênero com outros homens, e para isso deverá reservar um período de 5 horas, distribuídas em 4 encontros de 1 hora e 15 minutos cada, nos dias 20 e 27 de setembro e 4 e 11 de outubro de 2022, das 19:15 às 20:30 horas.

Este trabalho foi apreciado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás (CAAE 51353821.0.0000.5083 / Parecer 5.064.480).

Se você se encaixa no público da pesquisa e tiver interesse em participar, por favor preencha o formulário abaixo.

Se, por qualquer motivo, sua participação for inviável, você pode repassar esse convite a alguém que possa ter interesse nele? Seria uma ajuda imensa.

[Faça login no Google](#) para salvar o que você já preencheu. [Saiba mais](#)

Nome completo (ou Nome social, caso se aplique):

Sua resposta

Cidade e estado em que reside:

Sua resposta

E-mail:

Sua resposta _____

Telefone celular:

Sua resposta _____

Idade:

Sua resposta _____

Identidade de gênero:

Sua resposta _____

Orientação sexual:

Sua resposta _____

Estado civil:

Sua resposta _____

Identidade étnico-racial:

Sua resposta _____



Renda familiar mensal:

- Abaixo de 2 salários mínimos (até R\$ 2.423,99)
- Acima de 2, até 4 salários mínimos (de R\$ 2.424,00 a R\$ 4.847,99)
- Acima de 4, até 10 salários mínimos (de R\$ 4.848,00 a R\$ 12.119,99)
- Acima de 10, até 20 salários mínimos (de R\$ 12.120,00 a R\$ 24.239,99)
- Acima de 20 salários mínimos (a partir de R\$ 24.240,00)

Nível de formação acadêmica:

- Ensino fundamental incompleto
- Ensino fundamental completo
- Ensino médio incompleto
- Ensino médio completo
- Graduação incompleta
- Graduação completa
- Especialização incompleta
- Especialização completa
- Mestrado incompleto
- Mestrado completo
- Doutorado incompleto
- Doutorado completo

Enviar**Limpar formulário**

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

Este formulário foi criado em Universidade Federal de Goiás. [Denunciar abuso](#)

Google Formulários

Anexo 3 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



PPGACV
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ARTE E CULTURA VISUAL

FAV
FACULDADE DE
ARTES VISUAIS



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

[Faça login no Google](#) para salvar o que você já preencheu. [Saiba mais](#)

***Obrigatório**

E-mail *

Seu e-mail _____



Você está sendo convidado a participar, como voluntário, da pesquisa intitulada "**Lutar contra certas imagens com a ajuda de outras imagens: cultura visual e o enfrentamento à violência de gênero junto a um grupo de homens**". Meu nome é **Jocy Meneses dos Santos Junior**, sou o pesquisador responsável. Minha área de concentração é **Artes, Cultura e Visualidades**, e estou vinculado ao **Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual** da **Universidade Federal de Goiás**. Sou orientado pela **Prof.^a Dr.^a Carla Luzia de Abreu** e coorientado pelo **Prof. Dr. Juan Sebastián Ospina Álvarez**.

A presente pesquisa tem como objetivo geral desenvolver uma proposta metodológica visando a problematização das visualidades e dos papéis que estas cumprem na perpetuação ou no enfrentamento às violências de gênero, físicas e simbólicas, bem como analisar as contribuições dessa proposta a partir de sua aplicação junto a um grupo reflexivo formado por indivíduos que se autoidentifiquem como homens.

Caso aceite participar desta pesquisa, você precisará reservar um período de **5 horas** para as atividades do grupo, que serão distribuídas em **4 encontros com duração de 1 hora e 15 minutos cada**, a ocorrerem nos **dias 20 e 27 de setembro e 4 e 11 de outubro de 2022, das 19:15 às 20:30 horas**.

Os **riscos** principais decorrentes da pesquisa são a experimentação de desconforto e/ou constrangimento psicossocial ocasionados pelas discussões que ocorrerão no grupo. Você poderá retirar o seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma, bem como se recusar a participar de quaisquer discussões nas quais não se sinta confortável. Em caso de danos, você tem o direito de pleitear indenização, conforme previsto em Lei.

Alguns dos **benefícios** decorrentes da pesquisa são o fomento a discussões sobre gênero e violência junto ao público masculino, o incentivo a processos investigativos sobre a produção visual e cultural de estereótipos e violências de gênero e a contribuição com a formação de facilitadores de grupos reflexivos de gênero, através da proposição de perspectivas pedagógicas que podem ser empregadas nesses grupos.

Após receber estes esclarecimentos e informações, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento. Em caso de recusa na participação você não será penalizado de forma alguma.

As dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas pelo pesquisador responsável, através do e-mail jocyjunior@discente.ufg.br.

Ao persistirem dúvidas sobre os seus direitos como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás (CEP-UFG)**, que é a instância responsável por dirimir as dúvidas relacionadas ao caráter ético da pesquisa, através do telefone **(62) 3521-1215**. O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás é independente, com função pública, de caráter consultivo, educativo e deliberativo, criado para proteger o bem-estar de participantes de pesquisas, em sua integridade e dignidade, visando contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos vigentes.



CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA

Concordo em participar do estudo intitulado "**Lutar contra certas imagens com a ajuda de outras imagens: cultura visual e o enfrentamento à violência de gênero junto a um grupo de homens**". Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado e esclarecido pelo pesquisador responsável, **Jocy Meneses dos Santos Junior**, sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. **Declaro, portanto, meu consentimento em participar da pesquisa acima descrita.**

Nome completo do participante: *

Sua resposta

Cidade, data, mês e ano: *

Sua resposta

Pesquisador responsável:

Jocy Meneses dos Santos Junior

Orientadora da pesquisa:Prof.^a Dr.^a Carla Luzia de Abreu

Coorientador da pesquisa:

Prof. Dr. Juan Sebastián Ospina Álvarez

Próxima

Limpar formulário

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

Este formulário foi criado em Universidade Federal de Goiás. [Denunciar abuso](#)

Google Formulários

